

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

JOSÉ HÉLIO DE LIMA

**PROGRAMA "A VOZ DO BRASIL PARA CRISTO":
A RELAÇÃO ESTABELECIDADA ENTRE O LÍDER PENTECOSTAL MANOEL DE
MELLO E O RÁDIO.**

São Paulo

2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

JOSÉ HÉLIO DE LIMA

PROGRAMA "A VOZ DO BRASIL PARA CRISTO":
A relação estabelecida entre o líder pentecostal Manoel de Mello e o rádio.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

ORIENTADORA: Prof^ª. Dr^ª. Eun Yung Park

São Paulo
2008

JOSÉ HÉLIO DE LIMA

PROGRAMA "A VOZ DO BRASIL PARA CRISTO": A RELAÇÃO ESTABELECIDADA ENTRE O LÍDER PENTECOSTAL MANOEL DE MELLO E O RÁDIO.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Aprovado em

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Eun Yung Park – Orientadora
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. Paulo Rodrigues Romeiro
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. Leonildo Silveira Campos
Universidade Metodista de São Paulo

À minha esposa Noemi, pelo incentivo e apoio; aos meus filhos Débora, Késia e André, pela compreensão e doação do tempo que lhes pertencia; à Valdete e Inês, por ter nos gerado e educado; ao meu pai Lourenço (in memória), por ter deixado a paixão pelo rádio como legado.

AGRADECIMENTOS

Serei sempre devedor de profunda gratidão para com muitas pessoas e instituições, pois somente com o apóio e incentivo delas é que este sonho se tornou uma realidade e os mais diversos obstáculos puderam ser vencidos.

A Deus, por tornar-me capaz de aprender;

À Igreja O Brasil para Cristo do Centro de Diadema, pelo apoio;

À Universidade Presbiteriana Mackenzie, que viabilizou esta pesquisa com estrutura adequada para minha iniciação científica;

Ao Mackpesquisa, que possibilitou intercâmbio acadêmico em Havana, Cuba, onde pude apresentar parte deste trabalho;

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas) pelo apóio financeiro, tornando possível financeiramente esta pesquisa;

Aos professores, colegas e funcionários do Programa de Pós- Graduação em Ciências da Religião, que compartilharam seu tempo, conhecimento e amizade;

A Roberto Wagner, amigo e discípulo que muito tem me ajudado suprindo minhas ausências na gestão do Instituto Bíblico O Brasil para Cristo;

A Joel Stevanatto e aos irmãos e amigo da Regional do Mandaqui pela confiança;

À amiga e orientadora Dr^a Eun Yung Park, pela preciosa e incalculável colaboração na minha formação acadêmica – entrei como estudante e saio como pesquisador graças as suas orientações e paciência;

Ao Dr. Leonildo Silveira Campos pelas dicas e orientações tão preciosas;

A Silvia Xavier e Inês Barbosa, por terem feito as correções gramaticais dos textos;

A Fernanda Pedragon, pelas informações acerca da Igreja O Brasil para Cristo;

A Levy Gonçalves Tavares, pelo material disponibilizado e informações que somente alguém tão próximo do Missionário Manoel de Mello e com sua envergadura e maturidade poderia ter;

Ao Reverendo Orlando Silva, presidente das Igrejas O Brasil para Cristo, pela confiança e contribuição com fornecimento de dados de grande relevância;

Ao Reverendo Ivan Nunes, por disponibilizar seu acervo de fitas de programas radiofônicos;

A Boaz e Paulo Lutero de Mello e Silva, pela disponibilidade em contribuírem com informações acerca de seu pai;

A Ruth de Mello e Silva, pela relevante contribuição na formação da Igreja O Brasil para Cristo;

Ao saudoso mestre Antonio Gouvêa Mendonça, responsável pelo meu ingresso no programa de Pós-Graduação do Mackenzie, onde ele me orientaria;

Ao Reverendo Luiz Fernandes Bergamim, a Angelita de Oliveira Domingues e Ivan Cordeiro Vanderley, que não mediram esforços para localizar e disponibilizar uma fita K7 contendo um raro programa apresentado pelo Missionário Manoel de Mello na Rádio Tupi de São Paulo, anexo em cd nesta dissertação.

Um povo que não conhece a sua história esquece
seus heróis ou transforma-os em mitos.

(José Hélio de Lima)

RESUMO

Esse trabalho apresenta uma análise sobre o uso do rádio pelo Missionário Manoel de Mello, que promoveu mudanças de alguns construtos religiosos dos pentecostais brasileiros, tornando a Igreja O Brasil Para Cristo o centro das atenções entre os anos de 1950 a 1970. Sua presença diária em programas radiofônicos, que foram transmitidos a partir de emissoras paulistanas - principalmente pela Rádio Tupi que alcançava diversos Estados brasileiros e alguns países sul-americanos que fazem fronteira com o Brasil - fez de Mello um evangelista popular. No programa “A voz do Brasil para Cristo”, ele pregava sobre a cura divina, analisava os fatos do cotidiano, orava por cura dos ouvintes que faziam seus pedidos por cartas e ligações telefônicas e anunciava as Campanhas Evangelísticas que empreendia em todo o território nacional. Como no início dos anos 50, as duas maiores igrejas pentecostais brasileiras eram contra o uso do rádio, por considerá-lo um instrumento do diabo, Manoel de Mello inovou este segmento religioso que deu origem a uma nova igreja, mas também em uma série de retaliações. Com a sua popularidade, ele atuou como cabo eleitoral e levou seus seguidores e admiradores, das mais diversas agremiações evangélicas, a eleger o primeiro Deputado Federal de uma igreja pentecostal. Mello conseguiu com êxito juntar sua proposta religiosa, que ia ao encontro, sobretudo, da população carente da periferia paulista, com o rádio, que era, até então, o meio de comunicação de massas mais popular disponível no Brasil. O bem sucedido empreendimento serviu de modelo para que outros grupos religiosos brasileiros entrassem para a mídia radiofônica e consecutivamente a televisiva.

Palavras-chave: Manoel de Mello, rádio, pentecostalismo, Igreja OBPC, evangélicos na política, Meios de Comunicação de Massas.

ABSTRACT

This work present analyses the use of the radio as a mean of communication by the missionary Manoel de Mello, who promoted changes in some of the religious paradigm of the brazilian pentecostalist, turning the church “O Brasil para Cristo” into the main point between 1950 and 1970. His daily presence at radio programes, that were transmited by radio stations from São Paulo, specially radio Tupi which reached lots of Brazilian cities and some South American countries that have their frontiers with Brazil, made Mello a popular evangelist. On the program “A Voz do Brasil Para Cristo” he preached for the divine cure, analyzed daily-facts, prayed for the listeners cure who did their requests by calls and letters, and announced the Evangelistic Campaign that was taken place at the whole country. At the beginning of the 50’s the two biggest Brazilian Pentecostal churches were against the radio program, by considering it the devil’s instrument. Manoel de Mello innovated the religious section that resulted on lots of retaliations. With his popularity he took his followers and admires from different evangelic associations to choose, by vote, the first pentecostal church congressman. Mello had success when he joined his religious proposal, that faced specially the suburb needy population, with the radio which was the most available mean of communication in Brazil, at that time. These successful undertaking was used as a model for the other Brazilian groups to start on the radio media and sequentially the TV media.

Key-words: Manoel de Mello, radio, pentecostalist. Church “O Brasil para Cristo”, politics, means of communication

LISTA DE ABREVIATURAS

AD	Igreja Evangélica Assembléia de Deus
ARENA	Aliança Renovadora Nacional
CCB	Congregação Cristã do Brasil
CESE	Coordenadoria Ecumênica de Serviços
CMI	Conselho Mundial de Igrejas
CNE	Cruzada Nacional de Evangelização
DOPS	Delegacia de Ordem Política e Social
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IC	Indústria Cultural
ICAR	Igreja Católica Apostólica Romana
IEQ	Igreja do Evangelho Quadrangular
IPDA	Igreja Pentecostal Deus é Amor
ITQ	Instituto Teológico Quadrangular
MCM	Meios de Comunicação de Massas
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
OBPC	Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil Para Cristo
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PHM	Protestantes Históricos de Missão
PSD	Partido Social Democrático
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
PTN	Partido Trabalhista Nacional

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I – O RÁDIO COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO RELIGIOSA	24
1 A EVOLUÇÃO NO PROCESSO DE COMUNICAÇÃO HUMANA	24
2 A INDÚSTRIA CULTURAL	27
3 SUA ORIGEM	32
3.1 A linguagem radiofônica	34
3.2 A influência sobre os ouvintes	36
4 A DINÂMICA, A AGILIDADE NA INFORMAÇÃO E A DIVERSIDADE	37
4.1 Diminuição de distância geográfica	38
4.2 Propagandas comerciais	39
4.3 Informações e cultura	40
4.4 Transmissão em tempo real	42
4.5 Entretenimento	42
5 O USO PELOS GRUPOS RELIGIOSOS ATÉ OS ANOS 50	44
5.1 Os primórdios da América do Norte	46
5.2 Os Adventistas do Sétimo Dia	47
5.3 As Assembléias de Deus	49
5.4 Os umbandistas	50
5.5 A Legião da Boa Vontade	51
5.6 Os presbiterianos	52
5.7 A Cruzada Nacional de Evangelização	53

5.8 Os católicos romanos	54
6 REFLEXÕES DO CAPÍTULO I	55
CAPÍTULO II - A IGREJA EVANGÉLICA PENTECOSTAL O BRASIL	
PARA CRISTO	57
1 A ORIGEM DO PENTECOSTALISMO BRASILEIRO	57
1.1 A influência João Wesley no pentecostalismo moderno	58
1.2 Os movimentos avivalistas estadunidense	60
1.3 Congregação Cristã do Brasil	61
1.4 Igreja Assembléia de Deus no Brasil	63
1.5 Igreja do Evangelho Quadrangular	64
2 “VAMOS GANHAR O BRASIL PARA CRISTO”	66
3 A INFLUÊNCIA DO RÁDIO NO MINISTÉRIO DE MANOEL DE MELLO	71
3.1 a relação entre os programas radiofônicos e a manipulação dos ouvintes	72
3.2 O programa “A voz do Brasil para Cristo”	72
3.2.1 O modelo de programação	75
3.2.2 O rádio e as ações sociais	76
3.2.3 As críticas feitas ao regime de militar	77
3.3 Um slogan de programa de rádio que virou nome de igreja	78
3.3.1 Ganhar o Brasil para Cristo de Quem?	79
3.3.2 O povo brasileiro não pertencia a Cristo?	80
3.3.3 Como alcançarem seus objetivos?	81
3.3.4 Havia alguma influência política nacionalista por trás do slogan adotado pelo grupo religioso de Mello?	82

4 REFLEXÕES DO CAPÍTULO II	85
CAPÍTULO III - UMA NOVA IGREJA PARA UMA NOVA REALIDADE.....	87
1 USO DO RÁDIO PARA PROGRAMAS PENTECOSTAIS.....	88
1.1 Manoel de Mello e o novo modelo de programa	89
1.2 David Miranda com programa “A voz da libertação”.....	92
2 O USO DE ESPAÇOS “PROFANOS” PARA CULTOS	93
2.1 Por que locais públicos?.....	94
2.2 Era uma atitude que afrontava os outros pentecostais?	96
2.3 Qual era o conceito de sagrado e profano para Mello?	97
3 A PARTICIPAÇÃO EM MOVIMENTOS ECUMÊNICOS	98
4 CONSTRUÇÃO DE UM MEGA TEMPLO	102
5 REFLEXÕES DO CAPÍTULO III.....	104
CAPÍTULO IV - DO RÁDIO PARA OS PALANQUES ELEITORAIS	107
1. NOVOS TEMPOS, NOVOS DESAFIOS	108
2. A CONTRIBUIÇÃO DO RÁDIO NA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE UM HOMEM PÚBLICO	111
2.1 Peculiaridade das ondas hertzianas	113
2.1.1 O Reconhecimento da sociedade: uma multidão o seguia	114
2.1.2 O carisma de Mello: o povo atendia seus apelos	115
2.2 O poder político: influenciador e influenciado	116
3. OS PENTECOSTAIS HISTÓRICOS E A POLÍTICA	118
3.1 Início das mudanças no construto político evangélico pentecostal	120

4 AS CAMPANHAS ELEITORAIS	121
4.1 De pastores a políticos	122
4.1.1 As ações de Manoel de Mello como cabo eleitoral	124
4.2 A eleição de Levy Gonçalves Tavares para Deputado Federal em 1961.....	127
4.3 A eleição de Geraldino dos Santos para vereador na cidade de São Paulo	128
4.4 A campanha eleitoral de 1965	129
4.5 A reeleição de Levy Gonçalves Tavares para Deputado Federal	130
4.6 A eleição de Geraldino dos Santos para Deputado Estadual	130
4.7 O pleito eleitoral de 1970	132
4.8 Novas estratégias políticas	134
5 REFLEXÕES DO CAPÍTULO IV.....	135
CONCLUSÃO.....	137
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	141
Anexo – CD contendo dois programas de rádio apresentados por Manoel de Mello..	150

INTRODUÇÃO

Apesar dos primeiros pentecostais terem chegado no Brasil no início do século XX e apresentarem a oralidade como principal característica no processo de comunicação, eles somente passaram a utilizar o rádio para difusão religiosa no final dos anos 40. Entre os anos 20 e 60, as Igrejas Assembléia de Deus (AD), uma das principais agremiações pentecostais brasileiras se opuseram ao uso do rádio pelos fiéis. Enquanto havia essa restrição por parte dos líderes da maior igreja pentecostal daquela época, por classificarem o rádio como um instrumento que estava a serviço de Satã, o ex-assembleiano Manoel de Mello percebeu que um programa radiofônico poderia ser um meio eficiente de evangelizar e divulgar as atividades do grupo que estava iniciando.

Assim aconteceu a inserção dos pentecostais e outros grupos religiosos na radiodifusão brasileira, aquele que era o mais importante meio de comunicação daqueles dias, e que estava presente entre os migrantes da zona rural que se acomodavam nos grandes centros urbanos. Classificada como sociedade pré-letrada, os moradores da periferia da grande São Paulo tinham no rádio seu principal meio de entretenimento e interação dos acontecimentos nacionais e internacionais. Foi através do rádio, por exemplo, que o povo ficou sabendo que Getúlio Vargas, o “pai dos pobres” havia cometido suicídio, ou ainda com a narração da partida de futebol que levou o povo a vibrar com a conquista da primeira Copa do Mundo. Indiscutivelmente o rádio fazia parte do cotidiano da população.

Alguns fatores foram responsáveis pela motivação deste pesquisador, que o levou a abordar este assunto, dentre eles estão: a) A paixão pela radiodifusão, pois desde a infância, no interior do Paraná, aprendeu com seu pai a ouvir rádio; b) Sua identidade com a denominação que Manoel de Mello fundou, pois é pastor da mesma, e ainda que não o tenha conhecido pessoalmente, ouvia alguns fiéis mais velhos falarem dele com muita paixão, o que levavam alguns a mitificar seu líder. Esse fato acabou despertando o seu interesse em pesquisar sobre a vida de Mello, partindo de um olhar crítico e analítico como é peculiar a alguém que deseja fazer parte da academia; c) Por fim, no decorrer da graduação do pesquisador, por vezes se deparou com questionamentos acerca da Igreja O Brasil para Cristo (OBPC), por saberem que ele era um filiado à agremiação de Mello, e em suas buscas por respostas plausíveis não encontrou literaturas específicas e, as poucas menções nem sempre eram convincentes, isso quando não eram simples censuras ao modelo empregado pelo fundador da OBPC.

Objetivo

Esta pesquisa tem como objetivo fazer um resgate historiográfico dos principais acontecimentos envolvendo Manoel de Mello e o resultado de sua inserção no mundo da comunicação radiofônica, através do programa “A voz do Brasil para Cristo”, que se tornou um modelo para outros grupos e denominações pentecostais brasileiros. O êxito do programa resultou em uma mudança de nome da igreja que Mello havia fundado, hoje conhecida como Igreja OBPC. Os objetivos podem ser vistos em três partes, são elas: a) Estudar o processo de comunicação de massas, especificamente o rádio e seu uso pelos grupos religiosos brasileiros até os anos 50; b) Fazer um levantamento historiográfico do movimento pentecostal, desde as suas origens até o estabelecimento no Brasil como matriz do grupo de Manoel de Mello; c) Verificar quais foram os resultados alcançados por Mello ao inovar o modelo de comunicação dos pentecostais brasileiros ao associar-se ao sistema radiofônico e conseqüentemente estabelecendo novos construtos sociais e religiosos.

Justificativa

Atualmente a Igreja OBPC não passa de uma denominação pentecostal de tamanho mediano, cujo uso da mídia se restringe a alguns programas radiofônicos de abrangência regional. Entretanto, no início da sua constituição, com as inovações promovidas por seu líder e fundador, Missionário Manoel de Mello, tornou-a o centro das atenções no campo religioso entre os anos 50 e 70. A presença na televisão está limitada a poucas ações isoladas em emissoras locais, o seu único meio de comunicação nacional é um periódico denominado “Folha O Brasil para Cristo”, que é custeado por pequenos patrocinadores, como algumas igrejas que fazem anúncios ou matérias de cobertura de eventos locais, e está circulando há pouco mais de dois anos. Entretanto, os métodos adotados para expansão de seu grupo nunca foram alvo de uma análise científica específica, isso faz com que os atuais pesquisadores saibam pouco sobre o pioneirismo do pentecostalismo de rádio brasileiro empreendido por Manoel de Mello.

A falta de estudos específicos sobre este personagem, sua agremiação e sua presença no meio de comunicação de massas fez com que alguns pesquisadores do pentecostalismo brasileiro, cometessem alguns equívocos quando mencionaram os acontecimentos envolvendo Mello: ainda que ele não tenha sido o primeiro religioso do rádio, certamente foi o expoente pregador de cura divina que ousou seguir os passos dos pentecostais americanos, que desde os anos 20 faziam da radiodifusão o principal veículo de divulgação religiosa.

No transcorrer desta pesquisa foram encontradas algumas informações, sobretudo biográficas, que divergem das que o pesquisador constatou, tais como: nomes, acontecimentos, datas, etc. Diante desse fato, para efeito de aprimoramento dos trabalhos que serão mencionados, seguem algumas citações que poderão ser adicionados aos mesmos. O autor desta pesquisa não tem como objetivo desprezar ou invalidar as significativas contribuições historiográficas dos autores aqui aludidos, pois é sabido que eles não puderam contar com muitas fontes bibliográficas, principalmente os primeiros trabalhos, pois não havia até 2006 nenhuma biografia de Mello para servir de subsídio, e as fontes eram pessoas que estavam ligadas ao movimento. Certamente este pesquisador foi beneficiado por investigações realizadas pelos autores mencionados abaixo, e não seria possível desenvolver esta dissertação sem a contribuição dos mesmos. Com admiração e respeito àqueles aqui citados, seguem algumas sugestões que poderão esclarecer eventuais dúvidas.

1) O nome correto é **Manoel de Mello e Silva**, enquanto alguns autores usam **Manuel** (EXPOSITOR CRISTÃO, 1968, CAMPOS, 1982, 1997, 2006; HOLLENWEGER, 1976; ORO, 1996; ASSMANN, 1986) e **Melo** (SOUZA, 1969; READ, 1967; SANTORO, MANTOVANI e ABREU, 1982).

2) Oro diz que Paulo Lutero de Mello, filho de Manoel de Mello, substituiu seu pai na liderança da igreja por ocasião do falecimento do fundador da denominação (ORO, 1996, p. 54). Esta informação não é correta, pois Mello já não era o presidente da Igreja OBPC e não era pastor da igreja sede desde 1985, quando passou o pastoreio local para seu filho por questões de doenças na família. No final dos anos 70, a denominação fundada por Mello passou a ser presidida por um órgão denominado Convenção Nacional das Igrejas Evangélicas Pentecostais O Brasil para Cristo, atual Conselho Nacional das Igrejas Evangélicas Pentecostais O Brasil para Cristo, cujo primeiro presidente foi o Rev. Olavo

Nunes (1976 – 1981), e seu sucessor, Rev. Ivan Nunes (1981-1989), por ocasião de seu falecimento em 1981, ambos indicados por Mello. Mas a partir de 1989, em assembléia nacional realizada em Londrina, Paraná, os pastores, presbíteros, evangelistas e missionários elegeram o Rev. Orlando Silva para um mandato de três anos, que foi reeleito para a na presidência da denominação por mais dois mandatos. Portanto, exerceu as funções de líder maior entre os anos de 1989 a 1999, quando foi substituído pelo Rev. Roberto de Lucena (1999-2005), reeleito para três anos mais. Atualmente, o Rev. Orlando Silva está exercendo o terceiro ano de mais um mandato, quando foi eleito para ser o presidente da igreja por ocasião do cinquentenário da mesma, comemorado em 3 de março de 2006.

3) Campos, em “Os políticos de Cristo – uma análise do comportamento político de protestantes históricos e pentecostais no Brasil”, afirma que os pentecostais somente entraram na política em São Paulo, em meados dos anos 60 com a eleição dos pastores Levy Tavares e Geraldino dos Santos, da Igreja OBPC, respectivamente Deputado Federal e Estadual (CAMPOS, 2006, p. 44). Os anos específicos destes acontecimentos foram os seguinte: Levy Tavares foi eleito para a Câmara Federal para o primeiro mandato em 1961, e Geraldino dos Santos para vereador do Município de São Paulo em 1963 e, posteriormente, Deputado Estadual de São Paulo em 1966.

4) Assmann, em “A igreja eletrônica e seu impacto na América Latina”, diz: “(...) o missionário Davi (sic) Martins Miranda, embora cunhado do pastor Manuel (sic) de Mello, desentendeu-se e separou-se dele, montando seu próprio império.” (ASSMANN, 1986, p. 129). Primeira correção a ser feita é que Mello e Miranda não possuem nenhum vínculo parentesco, a única ligação social existente entre os dois foi o fato da irmã de Miranda, Anany Miranda, casada com Pr. Milton Rodrigues de Souza, ser membro da Igreja OBPC e ordenada missionária por Manoel de Mello. Como pregadora e auxiliar pastoral de seu marido, até meados dos anos 90, quando seu esposo e líder da OBPC na região de Vila Formosa, zona leste da capital paulista, faleceu, Anany se desligou da denominação de Mello e fundou a sua própria. Outro equívoco cometido por Assmann é afirmação de que Miranda fazia parte da denominação religiosa dirigida por Mello, pois o missionário fundador da

Igreja Pentecostal Deus é Amor (IPDA) nunca foi membro da mesma igreja ou atuaram juntos, por isso não podia ter se separado de Mello.¹

5) Walter Hollenweger, em “El pentecostalismo: historia y doctrinas”, 1976, p. 149, afirma que Mello foi pastor da Assembléia de Deus (AD) do Pernambuco e que depois veio para São Paulo, donde se desligou da mesma para fundar sua denominação. Enquanto que Carmelo Alvarez, em “Pentecostalismo y liberación: una experiencia latinoamericana”, 1992, p. 32, também afirma que o referido líder foi pastor da AD. Cabe aqui esclarecer que Mello nunca foi ordenado pastor pela AD, seu ofício era de diácono e foi consagrado pelo Pr. Cícero Canuto de Lima, na cidade de São Paulo. Quando saiu do Pernambuco não exercia nenhum ofício religioso na referida denominação.

A quantidade significativa de grupos religiosos usando a mídia, inclusive como detentores de concessão de emissoras de rádio e televisão - principalmente de igrejas classificadas como neopentecostais - além da participação de pentecostais e neopentecostais brasileiros na política em suas diversas esferas, faz com que os grupos desse segmento religioso se transformem em objeto de investigações científicas das mais diversas áreas das ciências. Entretanto, não é possível compreender esse fenômeno social sem observar suas origens, conseqüentemente não é plausível falar dos pentecostais e suas vertentes, que estão presentes na mídia e política, sem mencionar Manoel de Mello e o uso que ele fez do rádio para evangelizar e divulgar as ações religiosas proselitistas, e como já foi mencionado anteriormente, estabeleceu alguns novos paradigmas, que serão abordados nesta pesquisa. Portanto, entre outras coisas, a relação entre a mídia de massas e pentecostalismo brasileiro tem em Manoel de Mello o principal expoente, dentre os primórdios.

¹ Nascido no interior do Paraná, David Martins Miranda mudou-se para a cidade de São Paulo e pouco tempo depois se converteu ao pentecostalismo na pequena e desconhecida Igreja Jerusalém, onde sua mãe e irmã mais velha eram membros. Logo Miranda foi consagrado ao diaconato e nomeado para dirigir uma congregação no Jardim Japão, Bairro de Vila Maria, zona norte de São Paulo. Em 1962, após ficar desempregado usou a indenização trabalhista para iniciar um ministério independente e fundou a Igreja Pentecostal Deus é Amor. Alugou um local para cultos na região norte da capital paulista, no bairro de Vila Maria e posteriormente mudou-se para uma sala onde realizava cultos na Praça João Mendes, no Centro de São Paulo. Seguindo os mesmos trilhos que o Missionário Manoel de Mello, o Missionário David Miranda, que a exemplo de Mello também pregava cura divina e orava pelos doentes, ingressou no rádio com propósito de divulgar sua fé e anunciar as programações de sua igreja. (Paul Freston, 1993, p. 92). Existe aqui uma divergência quanto a denominação que Miranda se converteu, pois ele, em sua autobiografia não menciona o nome da igreja, e Freston diz que foi a “Igreja Jerusalém” enquanto Isael Araújo afirma que ele era membro da Assembléia de Deus, antes de fundar a Igreja Deus é Amor. (ARAÚJO, 2007, p. 462).

Referências teóricas

Esta dissertação tem como referencial teórico na área de comunicação os cientistas sociais da Universidade Alemã de Frankfurt dos anos 40, principalmente Theodor Adorno e Max Horkheimer que contribuíram significativamente com a crítica que fizeram ao que eles chamaram de “Indústria Cultural”. A suas críticas tinham como base o processo de transformação que os meios de comunicação estavam sofrendo, sobretudo com a inserção de comerciais no rádio e seu uso para fins políticos, a exemplo do que fizera Adolf Hitler na Alemanha, que usa o rádio para manipular os cidadãos alemães e levá-los a crer em seus discursos sustentados por um nacionalismo fóbico defendido pelo nazismo.

Ainda que os críticos da Escola de Frankfurt considerassem que os meios de comunicação das massas estavam sendo usados para manipular pessoas, não se pode concordar que todos o faziam com este propósito ou que se isso acontecia era simplesmente um ato danoso à sociedade que deles faziam uso. Seja manipular ou persuadir, o que ocorre no processo de comunicação, seja massiva ou individual, é que ambos exercem influência sobre o outro, seja ela boa ou ruim, nunca somente boa ou somente ruim, o rádio e outros meios de comunicação que alcançam muitas pessoas também têm funções sociais relevantes, tais como: informar, ainda que seja parcialmente, possibilitar que os indivíduos conheçam outros pensamentos e valores e dar a eles a oportunidade de decidir se fica ou não com aquilo que têm, inclusive a religião.

Apesar das divergências existentes entre os membros da Escola de Frankfurt e do canadense Marshall McLuhan ² definia a comunicação como uma extensão do homem e era favorável ao uso dos meios que alcançava as grandes massas como ferramenta para o melhor desenvolvimento educacional, contrapondo-se aos teóricos alemães que não viam nada de proveitoso nisso, tão pouco útil no processo pedagógico, esta pesquisa terá também como fundamentação teórica, o conceito desenvolvido por McLuhan, sobretudo no que diz respeito ao rádio, que ele classifica como “o tambor tribal” onde as sociedades iletradas eram incluídas e se interavam dos acontecimentos extra-grupo, de predominância dos cultos e letrados. É também relevante neste texto a forma da classificação do rádio como um meio quente no processo de comunicação humana, ou seja, aquele meio em que para entender a mensagem envolve mais do que a audição, é necessário imaginar, criar, vivenciar o que o receptor está

² A partir dos anos 50 McLuhan já contava com a presença da televisão e por isso, suas análises incluía também este meio, diferente da Escola de Frankfurt que não contava com este modelo midiático.

ouvindo. Segundo ele, “a palavra falada envolve todos os sentidos intensamente, embora as pessoas altamente letradas tendam a falar de maneira tão concatenada e natural quanto lhes é possível”. (McLUHAN, 1964, p. 95).

Sendo o pentecostalismo, nos dias de Mello, a religião dos pobres e iletrados, onde a palavra falada era o principal meio de comunicação desta classe social, o rádio não foi apenas meio de manipulação, como proposto pelos teóricos de Frankfurt, mas de oportunidade de exercício de fé e cidadania, das quais alguns brasileiros estavam sendo privados. Assim os programas radiofônicos de Mello também serviam para chamar os membros da “tribo” para participar dos principais eventos da sociedade, enquanto a igreja oficial ficava esperando que eles ouvissem as badaladas dos sinos de seus templos que, via de regra, estavam longe das comunidades pobres e próximas dos centros onde residia a classe média que dava sustentação econômica para a igreja.

Metodologia

O método empregado nesta dissertação será o histórico - pois as informações nela contida estarão baseadas em acontecimentos registrados em diversas fontes bibliográficas e testemunhal - e dedutivo – porquanto alguns fatos indicam rumos que não estão explicitos nas narrativas orais ou escritas -, e seguirá as seguintes etapas:

Pesquisa bibliográfica e documental

As investigações bibliográficas foram realizadas a partir de materiais escritos sobre meios de comunicação com ênfase em radiodifusão, pentecostalismo, política e ecumenismo.

Pesquisa de campo

Foram realizadas algumas entrevistas com personagens que participaram da fundação da Igreja OBPC e conviveram com Manoel de Mello, o conteúdo das mesmas foram transformadas em texto.

Apresentação dos capítulos da dissertação

Capítulo I – O rádio como meio de comunicação religiosa

O primeiro capítulo apresenta os fundamentos teóricos da comunicação baseados na Indústria Cultural da Escola Frankfurt e sua relevância no conceito de comunicação de massas moderno, sobretudo no aspecto de manipulação das pessoas. Incluindo o pensamento de McLuhan acerca do rádio, como meio de integração social dos membros da sociedade que não tinham o domínio das letras. Ressaltam-se as características que são peculiares ao modelo de radiofonia, desde a linguagem até as técnicas e temáticas que fazem parte do processo empregado no rádio. Faz parte da abordagem deste capítulo, a história do rádio desde os primeiros ensaios até a completa realização deste engenhoso e revolucionário aparelho eletrônico.

Como a pesquisa está voltada para o empreendimento radiofônico de Manoel de Mello, torna-se relevante a narração dos principais acontecimentos que envolveram os primórdios pentecostais estadunidenses que fizeram do rádio, desde os primeiros anos de seu funcionamento comercial, o principal veículo de comunicação. Portanto, a fim de situar o leitor no contexto que antecedeu o advento de Mello, será traçada uma linha histórica onde os atores foram grupos americanos que construíram um patrimônio religioso ganhando novos adeptos ao usar o rádio como meio para chegar aos mais remotos lugares, dando legitimidade a seu grupo. Mais de 20 anos depois dos primeiros empreendimentos radiofônicos dos religiosos estadunidenses, o modelo empregado por eles serviu de inspiração para algumas agremiações de fé que estavam no Brasil, o que os levaram a implantar programas vinculados às suas instituições.

Capítulo II - A Igreja Evangélica Pentecostal o Brasil Para Cristo

Como o pentecostalismo não é de origem brasileira e ocorreram as primeiras manifestações no território dos EUA, e somente no início do século XX é que imigraram para o Brasil alguns adeptos do movimento, serão dedicadas algumas páginas desta pesquisa para

descrever os fatos que envolveram os estrangeiros oriundos daquela nação, que trouxeram suas crenças e doutrinas pentecostais para este país, construindo uma ponte para ligar o elo existente entre Manoel de Mello e estes primórdios pentecostais, sobretudo aqueles que o moldaram dentro de preceitos religiosos que nortearam sua vida e ações como evangelista.

Serão contemplados os eventos de ordem ministerial e não pessoal, exceto os episódios associados ao objeto de estudo que é o rádio como principal responsável pelo êxito de Mello e sua igreja. O pesquisador procurou ainda resgatar informações tanto de fontes bibliográficas como testemunhal, tendo como pressuposto que o rádio foi o meio que deu visibilidade a Manoel de Mello assim também como a outros líderes e grupos que foram em seus rastros, imitando os seus métodos e discursos.

Capítulo III - Uma nova igreja para uma nova realidade

Entre os pressupostos desta pesquisa está a possibilidade de que Manoel de Mello tenha estabelecido novos paradigmas entre os pentecostais brasileiros, por isso nas páginas desse capítulo será exposto o resultado de uma pesquisa em busca de confirmar ou negar os pressupostos. Fazem parte das questões que serão respondidas neste tópico as seguintes indagações: Mello serviu de modelo para outros grupos que passaram a usar o rádio como meio de evangelização? Ele foi influenciado politicamente pelo nacionalismo pregado pelo Presidente Getúlio Vargas? O povo brasileiro não pertencia a Cristo, por isso ele desejava convertê-los? O que levou o evangelista Mello a transformar os espaços públicos, que não eram utilizados por outros grupos religiosos por serem considerados mundanos, em locais de cultos e cruzadas evangelísticas? O que motivou Mello a filiar a Igreja OBPC ao Conselho Mundial de Igrejas (CMI) e outras organizações ecumênicas, enquanto nenhuma outra agremiação pentecostal queria se aproximar destas instituições?

Esse capítulo será fundamental para compreender o fenômeno social e religioso envolvendo Manoel de Mello e a radiodifusão pentecostal brasileira, assim como possibilitará a compreensão de alguns movimentos neopentecostais da atualidade que estão em evidência porque fazem da mídia seu aliado, a exemplo do que fez Mello em seus dias.

Capítulo IV - Da rádio para os palanques eleitorais

No transcorrer das pesquisas que fundamentam esta dissertação, o pesquisador constatou que Manoel de Mello foi projetado para a sociedade através dos programas de rádio que dirigia e apresentava. Isso fez com que sua popularidade o tornasse alvo de alguns políticos que perceberam que ele poderia ser um bom cabo eleitoral para auxiliá-los nos pleitos eleitorais de São Paulo. Com isso, passou a ser assediado com fins eleitoreiros. Como havia um total distanciamento entre os pentecostais e a política, Mello acabou se tornando o principal responsável pela inserção do segmento pentecostal brasileiro na política nacional.

Apesar da significativa contribuição que Manoel de Mello deu para a política brasileira, são poucos trabalhos científicos que aborde esse se lado. Entre eles está o realizado pelo sociólogo inglês, Paul Freston, que trata do assunto, faz menção do pioneirismo do evangelista brasileiro, mas não se aprofunda, até porque sua pesquisa abrange todos os políticos evangélicos brasileiros que deram sua contribuição, ou não, para o país a partir de cargos eletivos, desde o estabelecimento da República, no final do século XIX, até a Constituinte de 1988. Diante dessa constatação e pela relevância, tanto social como religiosa, da temática e por ser essa uma pesquisa voltada especificamente para as ações que Mello, o pesquisador compreendeu que deveria destinar um capítulo específico para exposição dos acontecimentos pertinentes ao assunto. Por isso, dentre outras mudanças promovidas por Manoel de Mello, alavancado pelo programa “A voz do Brasil para Cristo”, está a inserção dos pentecostais na política nacional, conforme se poderá constatar nas narrativas desse capítulo.

CAPÍTULO I – O RÁDIO COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO RELIGIOSA

Neste capítulo serão abordadas as questões que dão base a esta pesquisa, apresentada em tópicos distintos que obedecerão à seguinte ordem: Introdutoriamente far-se-á uma breve explanação do processo evolutivo de comunicação humana, uma vez que para ouvir rádio é necessário que o indivíduo seja dotado de audição.

No tópico seguinte, o assunto será a Indústria Cultural, que teve em Adorno e Horkheimer seus principais expoentes, pois dentre as várias escolas de comunicação existentes encontra-se o modelo denominado pelos referidos teóricos como “Indústria Cultural”.

Por ser esta uma pesquisa que busca demonstrar a relevância do rádio na mudança de paradigmas entre os pentecostais brasileiros, torna-se importante mostrar como surgiu e se estabeleceu o rádio no Brasil, por isso será destinado o terceiro tópico para esse assunto.

No quarto tópico abordar-se-ão as qualidades da radiofonia como a dinâmica, a agilidade na informação e a diversidade em suas programações.

Por fim, no quinto tópico será apresentado um breve relato sobre a presença de grupos religiosos que fizeram do rádio um meio de promover seus grupos e doutrinas, a começar pelos pioneiros estadunidenses que fizeram escola entre os brasileiros, até chegar a meados dos anos 50 no Brasil, quando foi ao ar o programa “A Voz do Brasil para Cristo”, produzido e apresentado pelo missionário pentecostal Manoel de Mello.

1. A EVOLUÇÃO NO PROCESSO DE COMUNICAÇÃO HUMANA

A audição é um dos primeiros sentidos que o homem desenvolve e o último a deixá-lo. Segundo pesquisadores da Universidade de Leicester (Inglaterra), um feto já pode ouvir sons a partir da vigésima semana de gestação. Os pacientes terminais, internados em coma nos centros de terapia intensiva dos hospitais, escutam tudo o que se fala próximo deles. Portanto, os mais diversos tipos de sons acompanham o homem por toda sua existência, excetuando-se as pessoas com deficiência auditiva. Diz o professor **Ciro Pedroza**:³

³ Pedroza, **Ciro**. Oficina do Rádio. Palestra apresentada no Tribunal de Justiça de São Paulo. 2006. Fonte: <http://www.canaljustica.jor.br/palestras/oficinradio.doc>. Acesso em: 11 dez. 2007.

Podemos até fugir da barulheira crônica de uma metrópole como São Paulo nos escondendo no mais recôndito dos igarapés da Amazônia ou no Riacho do Navio, que Luiz Gonzaga cantou - “sem rádio e sem notícia da terra civilizada” – mas, mesmo assim, não estaríamos frente a frente, corpo a corpo, ouvido a ouvido com o silêncio. Simplesmente porque o silêncio não existe na natureza. Ele é artificial.

Dentro do processo de comunicação, a audição é um dos meios importantes na inserção do indivíduo à sociedade, pois é através dos ruídos codificados pelo cérebro que se torna possível a compreensão das mais diversas mensagens externas, possibilitando o entendimento do outro. Apesar dos indivíduos serem dotados de outros quatro sentidos, olfato, visão, tato e paladar, que também permitem a interação com o meio, a ausência de audição compromete também a fala. Assim, quando se fala em comunicação a audição figura entre os elementos expansores do processo, e sem ela fica comprometida ou limitada essa interação com a sociedade.

Para Marshall McLuhan, a comunicação humana se dá no transcórrer da história em três estágios, sucedido um após o outro. São eles: 1) etapa primitiva, pré-tecnológica, onde predomina o inter-relacionamento dos sentidos; 2) etapa tipográfica, onde a ênfase está na linearidade e perspectivismo visuais do período pós-renascentista; 3) etapa de reenvolvimento verbocovisual, produzida pelo avanço tecnológico que iniciou a partir da invenção da imprensa. (McLUHAN, 1964, p.142). Dentro do processo de comunicação verbocovisual é que se encontra o rádio, um instrumento que leva o indivíduo a retomar a tradição oral de transmissão, que foi o meio utilizado pelos primórdios da humanidade. Partindo dessa teoria, pode-se afirmar que a evolução no processo comunicacional é na verdade a recuperação do modelo que a sociedade letrada havia substituído pela escrita.

As primeiras pessoas faziam uso basicamente da oralidade para exprimir seus pensamentos e conhecimentos. A este modelo de expressão, McLuhan classifica como comunicação tribal. Isso porque, os primórdios da humanidade viviam em pequenos clãs, iniciando os grupos sociais conhecidos como tribos, e por séculos mantiveram vivas suas culturas fazendo uso da fala. É atribuído a esta forma de expressão o principal meio de organização social das comunidades primitivas. (McLUHAN, 1964). Mesmo com a invenção da escrita, a oralidade foi elemento essencial para a construção da identidade histórica dos povos antigos. Era necessário que alguém relatasse oralmente os acontecimentos antigos, que antecederiam a palavra escrita, para transformá-la em texto. Portanto, o processo da escrita é, sobretudo, resultado da palavra oral da antiguidade que foi tomando forma de texto. Os

métodos adotados pelos primórdios da comunicação textual restringiam-se a poucas culturas e povos. Era um modelo de comunicação elitista que somente se popularizou com a evolução científica das sociedades, quando ocorreu o aumento do número de indivíduos e grupos com acesso à cultura da escrita. O marco desta evolução data meados do século XVI, na Europa, com a produção literária em escala comercial, o que aumentou o número de pessoas alfabetizadas, pois para ler e, conseqüentemente comprar livros, era necessário saber o que neles estava escrito; assim a invenção da máquina de impressão por Gutenberg ⁴ e a produção gráfica de textos e suas publicações em línguas nacionais favoreceram no fortalecimento das línguas regionais, e possibilitaram a inclusão cultural dos povos que estavam privados de conhecimento, porque não sabia o latim, idioma oficial da igreja romana. (FEBVRE & MARTIN, 2000)

Isso não significa que com a invenção de Gutemberg a população européia tenha passado imediatamente da cultura oral para a escrita, ao contrário, foi um processo lento e gradativo, introduzindo a escrita através de um modelo de educação eficiente. Diz a comunicóloga Júlia Lúcia de Oliveira Albano da Silva:

A introdução da escrita na Europa não significou a erradicação imediata da oralidade (...). Na verdade, principalmente até a sua sistematização através do ensino obrigatório e sua conseqüente hegemonia, esta se restringiu à Igreja, mais especificamente a alguns membros do alto clero, e se estruturava a partir da voz. É a escrita permeada e estruturada pelos signos da oralidade, a gestualidade da voz, a eroticidade sonora. A inscrição vocal na escritura. (SILVA, 2007, p.48)

Certamente a grafia impressa em processo industrial acelerou o desenvolvimento cultural, cujas bases eram as letras, diminuindo a distância entre as pessoas, tornando-as participantes dos principais acontecimentos de seus dias, além de promover entre a população européia a transição de tradição oral para escrita. Não se pode imaginar que toda a população foi alfabetizada. Aquelas pessoas que não sabiam ler acabaram excluídas da modernidade,

⁴ Johannes Gensfleisch zur Laden zum Gutenberg (1397-1468), nasceu em Mogúncia, Alemanha, filho do comerciante Friele Gensfleisch zu Laden zum Gutenberg. Johannes Gutenberg entrou para a história pela sua contribuição para a tecnologia da impressão e tipografia. Inventou uma liga para os tipos de metal e tintas à base de óleo, além de uma prensa gráfica. Até o seu invento, os livros eram escritos à mão, por monges, alunos e escribas, o que tornavam-os muito caros e restringiam-se a poucas pessoas. Com a invenção gutenbergueana da máquina de imprimir deu-se início ao processo comercial em grande escala, de obras escritas que foram pelos mais diversos autores, com os mais variados assuntos. Tornou-se possível armazenar conhecimentos em uma escala muitas vezes superior àquela até então existente. Sua grande contribuição aos cristãos foi a impressão da Bíblia traduzida para o alemão. Assim a comunicação escrita ganha o seu maior aliado, a imprensa. (FEBVRE & MARTIN, 2000).

onde tudo girava em torno da grafia. Ainda assim, segundo Carlos Henrique Antunes Taparelli, a impressão não apenas tornou os livros acessíveis à população, como também acelerou o processo de alfabetização (TAPARELLI, 2003, p. 16). McLuhan constatou que a mesma invenção possibilitou, entre outras coisas, a acessibilidade da cultura a um número maior de pessoas.

Até Gutenberg, a publicação poética significava a leitura ou o canto dos próprios poemas para uma pequena platéia. Quando a poesia passou a existir fundamentalmente na página, no século dezessete, ocorreu essa estranha mistura de visão e som, mais tarde conhecida como “poesia metafísica” que tem tanto em comum com a poesia moderna. (McLUHAN, 1964, p.143)

2. A INDÚSTRIA CULTURAL

Com a evolução e diversificação dos meios de comunicação, surgiram nos EUA, na década de 30, os primeiros estudos sobre o tema. A princípio os interesses giravam em torno da eficiência de determinadas mídias que tiveram em seus quadros os pioneiros Laswell, Lazarsfeld, Lewin e Hovlan, que compunham a equipe do “communication research”.

A tônica desses estudos esteve voltada para as pesquisas sobre audiência e os efeitos dos meios de comunicação de massa. As questões eleitorais, propagandas de campanhas e a influência pessoal em relação aos meios coletivos estiveram no centro dessas investigações. Essa tradição teórica permite dividir os estudos americanos nas seguintes seções:

O estudo dos efeitos dos meios de comunicação de massa

Partia do princípio de que os indivíduos são diretamente atingidos e influenciados pelas mensagens veiculadas pelos meios de comunicação de massa. Segundo essa teoria, os indivíduos (os receptores) encontram-se em posição de desvantagem ante as emissões dos meios de comunicação que os conformam numa relação desigual, porque de submissão.

A Teoria Funcionalista

Esta teoria, como o próprio nome insinua, preocupa-se em estudar as funções exercidas pelos meios na sociedade. Em vez de focalizar suas análises para o indivíduo, a ela interessa as práticas sociais, a sua estrutura, o que justifica o fato desse modelo se basear no estruturalismo-funcionalismo. (BARBOSA FILHO, 2003, p.29, 30)

Em fevereiro de 1938, o alemão, Theodor Wiesengrund Adorno aceitou o convite de seu amigo o também alemão, Max Horkheimer, para integrar a equipe de pesquisa dirigida por Paul Lazarsfeld do Instituto de Pesquisa Social de Nova Iorque, EUA, onde passou a dividir

seu tempo com o “Music Study”, projeto integrado ao “Radio Research Project”, da Princeton University. Com a derrota dos nazistas na Alemanha e o fim da guerra, Adorno e Horkheimer foram convidados a retomar suas atividades acadêmicas em Frankfurt no Instituto de Pesquisa Social do Departamento de Filosofia da Universidade Johann Wolfgang Goethe, que eles ajudaram fundar e foi desativado por Hitler. Assim estes dois pesquisadores levaram para a Academia a discussão acerca do uso dos MCM, de onde saiu à teoria da comunicação da Escola de Frankfurt. O resultado deste empreendimento acadêmico ficou conhecido pelo conceito por eles desenvolvido, que passaram a chamar de “Indústria Cultural”. Trata-se de uma série de estudos que eles fizeram entre os anos de 1941 a 1944, que foi publicado com o título de “Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos”. (CUNHA, 2002, p. 539 ss).

Quando se fala em Indústria Cultural (IC), diferente do que se possa imaginar, não é uma alusão a um movimento cultural que surgiu espontaneamente dentro da sociedade, mas o resultado do desenvolvimento de estratégias publicitárias que tinha como objetivo manipular as pessoas, sobretudo, espectadores do cinema e ouvintes de rádio, cuja meta era o de levá-los a consumir produtos dos patrocinadores que custeavam o filme ou a programação radiofônica, algo comum na atualidade, onde a maioria dos programas ditos culturais recebe subsídio de empresas para a produção do espetáculo e, em contrapartida, faz propaganda do patrocinador. Para os patrocinadores do espetáculo, o importante não é necessariamente a expressão artística propriamente dita - aquela que é resultado da manifestação da alma do artista e que por sua vez reflete seu mundo e respectivos valores – mas, como empresários que precisam vender seus produtos para acumular riquezas, estão preocupados com a quantidade de pessoas que assistirão ou ouvirão aquela apresentação onde sua marca ou produto será divulgado. Para Adorno e Horkheimer, na obra “Dialética do Esclarecimento”, a presença desses anunciantes viabilizava economicamente o negócio, mas induzia o artista a produzir aquilo que traria retorno financeiro e assim a arte era deixada de lado. Portanto, havia a exploração comercial por um lado, e a banalização das artes, do outro. Observam Adorno e Horkheimer que “a indústria cultural pode se ufanar de ter levado a cabo com energia e de ter erigido em princípio a transferência muitas vezes desajeitada da arte para a esfera do consumo, de ter despido a diversão de suas ingenuidades inoportunas e de ter aperfeiçoado o feitio das mercadorias” (ADORNO & HORKHEIMER 1985, p. 126).

Antes de se exilar na Inglaterra, em 1934, Adorno presenciou a formação do Ministério da Propaganda da Alemanha, por Adolf Hitler que nomeou Joseph Goebbels para ser diretor do órgão. Diz o filósofo Michel Aires de Souza:

Com Goebbels a propaganda nazista atingiu todas as esferas da vida social, nas ruas, escolas, fábricas, estádios, prédios, deveria circular mensagens, slogans e símbolos do partido. Ele também criou os grandes espetáculos públicos difundindo a estetização da política, universalizando os ideais hitleristas. O rádio e o cinema transformaram-se em instrumento para incutir os ideais de beleza, limpeza, corpo saudável, ordem e harmonia pregada pela ideologia nazista.⁵

O conceito de IC ganhou corpo quando Adorno chegou aos EUA e deparou-se com o outro modelo de MCM, que era mais organizado do que o alemão e estava voltado para o mercado. Ele observou que havia um planejamento racional e um padrão próprio para os MCM onde, por exemplo, a indústria cinematográfica já atuava com vista a atender o mercado, portanto em escala e padrão industrial. Souza afirma que “essas duas experiências, o contato com a propaganda nazista e o contato com a cultura industrial de massa americana, foram essenciais para a elaboração de uma teoria crítica da indústria cultural.”⁶ A crítica de Adorno e os outros integrantes da Escola de Frankfurt era que a IC se restringia ao uso dos MCM para fins comerciais, mas também por governantes, como os nazistas alemães, que faziam, sobretudo do rádio, um instrumento de manipulação do povo. Nas duas primeiras décadas de funcionamento comercial do rádio, o mesmo não despertou tanto interesse dos governantes, entretanto Hitler, na Alemanha, e Vargas, no Brasil, fizeram jus às críticas sofridas pelos frankfurtianos da IC que afirmavam que os MCM haviam se transformado em instrumento de manipulação política e social.

Em 1932, o rádio paulista entra em ebulição com as transmissões de editoriais durante a revolução constitucionalista. Sampaio relata o episódio: [...] ficou célebre o então jovem César Ladeira, “o locutor da revolução” — que conclamava o povo, tendo ao fundo *a marche aux flambeaux*, a pegar em armas por uma Carta. Com abundantes conotações de parcialidade ele dava, também, notícias do *front*, exaltando vitórias das tropas constitucionalistas contra a ditadura Vargas [...]. Nesse mesmo ano, os nazistas iniciaram, na Alemanha, a execução de um grande projeto de radiodifusão, a cargo de Joseph Goebbels, que se tornaria, com a chegada de Adolf Hitler, um ano após, a chancelaria do “Reich”, o superministro da propaganda. Uma vez no poder, Goebbels começa timidamente a emitir o programa *stunde der nation* — a hora da nação —, mas já em junho daquele ano assumiria o controle de todas as emissoras e sociedades radiofônicas do país. Belau informa-nos que: “[...] o rádio alemão era um instrumento da

⁵ Endereço eletrônico: <http://filosofonet.wordpress.com/2007/10/29/os-supositos-historicos-e-teoricos-que-deram-origem-a-critica-da-industria-cultural>, acesso em: 15 de maio 2008.

⁶ Idem, op. cit.

política, o melhor que podia soar; uma arma poderosíssima, não só para o doutrinamento do país, como também para a guerra além das próprias fronteiras”. Os aliados também utilizaram o rádio como propaganda durante a Segunda Guerra Mundial. (BARBOSA FILHO, 2003, p.129).

Quando ocorreu a primeira Grande Guerra Mundial, o rádio estava dando seus primeiros passos. “Durante a Primeira Guerra Mundial o rádio engatinhava como processo de transmissão e, mesmo assim, foi submetido a severo controle, inibindo, quase paralisando seu desenvolvimento. Na época, foi basicamente utilizado para fins de comunicações militares”. (ORTRIWANO, 2003, p.72). Não se pode dizer o mesmo, quando se deu o segundo confronto bélico envolvendo diversas nações do mundo. Por ocasião do início da Segunda Guerra Mundial o rádio já ocupava um espaço importante entre os povos europeus, especialmente os que não eram de fala inglesa, consecutivamente não estavam entre os letrados do continente (SILVA, 2007). “A Inglaterra e a América opuseram certas resistências ao rádio, longamente exposta que estava à cultura letrada e ao industrialismo”. (McLUHAN, 1964, p.334). No conceito da sociedade letrada norte-americana e inglesa, a oralidade representava um retrocesso no processo educacional, para nações que tinham nos textos escritos o seu principal meio de transmissão de informação e formação. Entretanto, principalmente entre os alemães o rádio serviu de instrumento utilizado, não para fazer a guerra, mas para difundir os ideais nazistas, porque além de agilizar as informações, atingia aos mais diversos lugares do *front*, o que o tornou uma arma estratégica na Segunda Guerra. As orientações ideológicas chegavam ao campo de batalha com maior rapidez do que as escritas. Sem contar que servia de meio de entretenimento para os soldados, nos momentos de folga, tocando músicas.

Apesar de opiniões contrárias, como a do sociólogo Paul Lazarsfeld, que afirmou que Hitler não foi beneficiado pelo rádio para difundir o fascismo e a superioridade étnica da raça ariana, existem outros teóricos, como McLuhan, que pensam exatamente o contrário, pois vêem no discurso pronunciado pela Rádio de Munique, em 14 de março de 1936, uma forma de uso dos meios radiofônicos para defesa de seus ideais.⁷ “Hitler só revê existência política graças ao rádio e aos sistemas de dirigir-se ao público. Isto não significa que estes meios tenham transmitido de fato os seus pensamentos ao povo alemão. Seus pensamentos eram de curto alcance.” (McLUHAN, 1964, p. 337)

⁷ No referido discurso disse Hitler: “Sigo o meu caminho com a segurança de um sonâmbulo” (McLUHAN, 1964, p.335).

O fato é que tanto para Hitler e seus aliados, na Segunda Guerra Mundial, como para as forças aliadas que se opunham ao ditador alemão, o rádio foi o meio optado para se comunicarem, tanto com os soldados, quanto com a sociedade civil. Praticamente no mesmo período, no Brasil, o Presidente Getúlio Vargas ⁸ viabilizava e incentivava o uso do rádio pela população mais carente e introduziu propagandas de seu governo em programas. Durante sua gestão frente à nação, principalmente na primeira fase, fez uso de suas prerrogativas pertinentes ao cargo de Legislativo Maior para usar e interferir no processo de comunicação da radiofonia brasileira. Mas também é durante o seu governo que o rádio deslancha⁹ e passa a ocupar um espaço importante dentro dos lares. Foi o referido Presidente que normatizou a propaganda comercial dentro das programações, dando ao rádio a possibilidade de sair do modelo mantido por amigos e admiradores para se transformar em um negócio economicamente viável, tanto para os proprietários das emissoras como para os anunciantes. (SILVA, 2007). ¹⁰

⁸ Gaúcho de São Borja, Getúlio Dornelles Vargas (19/04/1882 – 24/08/1954) foi um político brasileiro, chefe civil da Revolução de 1930 que pôs fim à chamada República Velha. Por duas vezes foi presidente da República do Brasil. Ante seus simpatizantes, recebeu o polêmico epíteto de "*pai dos pobres*" e as alcunhas de "Getulinho" e "Gêgê", enquanto que seus opositores políticos, que não eram poucos, diziam que ele nunca deixou de ser a "*mãe dos ricos*". Governou o Brasil de 1930 a 1934 no Governo Provisório; de 1934 a 1937 no governo constitucional, eleito pelo Congresso Nacional; de 1937 a 1945, quando estabeleceu o Estado Novo; mas foi somente em 1951 que iniciou seu último mandato eleito nas urnas pelo voto popular. Em 24 de agosto de 1954, pôs fim em sua vida com um tiro.

⁹ Segundo a socióloga Júlia Lúcia, em 1930 o país contava com 21 emissoras em formato de Sociedade de Amigos, no final da década de 50, esse número passa da casa das centenas. (SILVA, 2007)

¹⁰ Atualmente, no Brasil, o sistema de rádio é normatizado pelo Dentel, Departamento do Ministério das Comunicações, do Governo Federal e está dividido nas seguintes categorias e definições:

- Radiodifusão é o serviço de telecomunicações que permite a transmissão de sons (radiodifusão sonora) ou a transmissão de sons e imagens (televisão), destinado ao recebimento direto e livre pelo público.
- OC (ondas curtas) é a modulação em amplitude (AM), cuja portadora está compreendida na faixa de frequência de 5.950 kHz até 26.100 kHz. A outorga para execução dos serviços de Radiodifusão OC será precedida de um processo licitatório, observadas as disposições legais e regulamentares.
 - OM (ondas médias) é a modulação em amplitude (AM), cuja portadora está compreendida na faixa de frequência de 535 kHz até 1.650 kHz.
 - OT (ondas tropicais) é a modulação em amplitude (AM), cuja portadora está compreendida na faixa de frequência de 3.200 kHz até 5.060 kHz.
- J-M (modulação em frequência) é o tipo de modulação que modifica a frequência da onda portadora.
- Educativa é a estação radiodifusora que realiza transmissão sem fins comerciais sendo vedada inserção de publicidade.
- Rádio Comunitária é um tipo especial de emissora de rádio FM, de alcance limitado a, no máximo, 1 km a partir de sua antena transmissora, criada para proporcionar informação, cultura, entretenimento e lazer a pequenas comunidades. Trata-se de uma pequena estação de rádio, que dará condições à comunidade de ter um canal de comunicação inteiramente dedicado a ela, abrindo oportunidade para divulgação de suas idéias, manifestações culturais, tradições e hábitos sociais. (ADAMI, 2003, p. 90)

Foi em 1935 que Vargas criou o programa radiofônico denominado “A Hora do Brasil”, que servia para divulgar as ações de seu governo. Foi nas ondas eletromagnéticas que o Brasil acompanhou os principais acontecimentos envolvendo as suas ações, como o estabelecimento do Estado Novo, por exemplo, mas também as críticas tecidas por seus opositores. Entretanto o fato que marcou a vida do “Presidente do Rádio” foi seu suicídio, em 24 de agosto de 1954, no Palácio do Catete no Rio de Janeiro. A notícia que, segundo Ana Baumworcel, se não fosse o rádio somente chegaria ao conhecimento da nação no dia seguinte, com os jornais escritos, foi levada ao ar, poucos minutos depois da tragédia, pelo jornalista e locutor da Rádio Nacional, Heron Domingues, que não somente noticiou a tragédia, mas também levou aos mais remotos lugares parte da carta-testamento, deixada pelo suicida. (BAUMWORCEL, 1999, p. 6 ss).

Sejam nazistas, como Hitler, ou nacionalistas, como Vargas, assim como os comandantes das forças armadas que participaram da Segunda Guerra Mundial, o rádio foi, e é, o meio que, sobretudo, alcançou as pessoas que a mídia escrita não conseguia atingir. Portanto, a radiofonia contribuiu como aliada das pessoas que desejavam promover um modelo de governo democrático ou não.

3. A ORIGEM DO RÁDIO

A paternidade do modelo de radiodifusão moderna é atribuída por alguns ao italiano Guglielmo Marconi, que em 1895 fez a transmissão de sinais em código de Morse sem o uso de fios. Outro grupo afirma que foi o padre brasileiro Roberto Landell de Moura (1861-1929), que em 1892 consolidou suas experiências com o envio da voz humana do alto do bairro de Santana, zona norte, para a Avenida Paulista, na capital de São Paulo. (TAPARELLI, 2003, p.17-8). Seja um ou outro, o importante é ressaltar que o rádio foi o principal MCM da primeira metade do século 20 e serviu de laboratório para a grande invenção do século, a televisão.

Apesar das descobertas envolvendo as transmissões de sinais a longa distância, sem o uso de fios, mas através de ondas eletromagnéticas, datarem no final do século XIX e início do século XX, foi somente no dia 2 de novembro de 1920 que foram regulamentados os serviços de radiodifusão nos EUA, com a inauguração da emissora KDKA - instalada em Pittsburgh. Enquanto na Inglaterra, o início das atividades radiofônicas da BBC de Londres ocorreu em 1922. No Brasil, o programa da primeira emissora foi ao ar em 6 de abril de 1919,

no Recife com a fundação da Rádio Clube de Pernambuco, entretanto a inauguração oficial da radiodifusão, deu-se como parte das comemorações do Centenário da Independência no dia 7 de setembro de 1822, com o discurso de abertura da Exposição Internacional do Rio de Janeiro, feito pelo presidente da República Epitácio Pessoa. Tal feito foi transmitido por 80 receptores que foram importados dos EUA. A Westinghouse Electric instalou um potente transmissor no Morro do Corcovado,¹¹ a fim de levar os sinais radiofônicos aos rádios-telephone (assim eram chamados os primeiros receptores). (ORTRIWANO, 2003, p.67-8).

A emissora montada para o evento cívico não permaneceu no ar, logo encerrou suas atividades. No ano seguinte o equipamento trazido para Exposição do Centenário seria desmontado e dispersado, caso o governo não o comprasse. O antropólogo, médico, cientista e professor Edgar Roquette-Pinto e seu amigo, o presidente da Academia Brasileira de Ciências, astrônomo e engenheiro industrial, o professor Henrique Morize e outros colegas da academia, fundaram a primeira emissora comercial do país. Em 23 de abril de 1923 nasceu, em uma sala nas dependências da Academia de Ciências, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. (ROQUETE-PINTO, 2003, MOREIRA, 2003). À Roquete-Pinto é atribuída também a criação e apresentação do primeiro programa de jornal falado do rádio brasileiro, pois com a fundação da emissora ele passou a apresentar um programa diário denominado de “Jornal da Manhã”, cujo modelo é comentado por Saint-Clair Lopes:

O Jornal da Manhã não era simples noticioso, nem um modesto relato dos acontecimentos. Era o fato comentado, esmiuçado e interpretado com a autoridade do sábio. *Jornal da Manhã*, da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, foi iniciativa jamais igualada. Por meio dele, o comentarista apreciava os acontecimentos nos noticiários dos jornais, lendo-lhes as manchetes e oferecendo um panorama inigualável de concisão, de realidade e de objetividade, como somente ele poderia fazê-lo (...). (in ORTRIWANO, 2003, p.69)

Nem mesmo todos os esforços iniciais foram suficientes para garantir o sucesso imediato do mais novo e moderno meio de comunicação. Atribuem-se a baixa audiência, o alto custo do equipamento receptor e o modelo empregado na programação, que era considerado de conteúdo elitizado.

¹¹ As ondas radiofônicas emitidas pelo transmissor instalado no Corcovado eram tão potentes que podiam ser recebidos em diversas localidades, entre elas estavam Niterói, Petrópolis e até em São Paulo. (SILVA, 2007)

Em sua primeira década de existência, o rádio ainda não havia despertado tanto o interesse da sociedade até porque, além da programação elitista, não havia atingido, de uma forma geral, as diversas camadas da sociedade. Porém, quando começa a irradiar programas diversificados, quando se percebe o seu potencial comercial e ainda quando começa a ganhar *status* no interior das casas, com a aquisição de aparelhos para sua audição, o rádio estabelece laços afetivos que o colocam no centro das mediações existentes no interior da sociedade. (MAIA, 2006, p.3)

A primeira década do rádio no Brasil foi de aprendizagem. As novas emissoras que foram surgindo criaram meios para alcançar um número cada vez maior de ouvintes, para tanto foi necessário o desenvolvimento de uma locução específica para conquistar o público. A seguir, veremos a importância do uso adequado de uma linguagem própria no processo de expansão da radiofonia.

3.1 A linguagem radiofônica

O principal elemento no uso do rádio é a voz. Trata-se de um meio de comunicação onde a palavra falada toma sentido, cria forma, envolve o receptor, levando-o a codificar a mensagem e criar sua própria imagem. As notícias, as músicas, as informações transmitidas pelas ondas hertzianas criam as mais diversas formas no imaginário do rádio-ouvinte.

Para o spot publicitário, assim como para basicamente toda peça radiofônica, a intervenção da voz significa conferir-lhe existência, realidade *signica*, uma vez que ela dissolve tudo que é material em voz descorporificada, o que constitui a sua essência e significa a sua possibilidade artística. A voz faz presente o cenário, os personagens e suas intenções; a voz torna sensível o sentido da palavra, que é personalizada pela cor, ritmo, fraseado, emoção, atmosfera e gesto vocal. (SILVA, 2007, p. 54)

Entretanto, isso não acontece com tanta facilidade como se possa alguém pensar, pois como toda comunicação oral, faz-se necessário algumas técnicas de locução e uma linguagem própria para este meio de difusão e, por uma questão de sobrevivência, necessita promover mudanças nos receptores.¹² “Como ‘um meio cego’, o rádio lança signos no éter e luta contra a fugacidade para perpetuar a sua mensagem na memória de seus rádiouvintes.” (SILVA, 2007, p. 41). Quando o meio de comunicação exige do receptor desenvolver a

¹² Com o modelo comercial de rádio, as emissoras precisam de patrocinadores e estes, conseqüentemente, necessitam vender seus produtos. Através das ondas hertzianas os anunciantes oferecem os seus produtos, usando as mais diversas argumentações para convencer os radiouvintes de que eles necessitam daquele determinado produto. Esta é uma das mudanças que o rádio promove.

imaginação, nisto consiste um meio quente de informação, que é o caso do rádio; enquanto que a televisão, que fornece as imagens e sons prontos, não havendo necessidade da construção dos fatos pelo receptor, é então classificada como meio frio. Segundo a teoria de McLuhan, a comunicação pode ser dividida em meio quente e frio, sendo que:

Um meio quente é aquele que prolonga um único de nossos sentidos e em “alta definição”. Alta definição se refere a um estado de alta saturação de dados. Visualmente, uma fotografia se distingue pela “alta definição”. Já uma caricatura ou um desenho animado são de “baixa definição”, pois fornecem pouca informação visual. O telefone é um meio frio, ou de baixa definição, porque ao ouvido é fornecida uma magra quantidade de informação. A fala é um meio frio de baixa definição, porque muito pouco é fornecido e muita coisa deve ser preenchido pelo ouvinte. De outro lado, os meios quentes não deixam muita coisa a ser preenchida ou completada pela audiência. Segue-se naturalmente que um meio quente, como rádio, e um meio frio, como o telefone, têm efeitos bem diferentes sobre seus usuários. (McLUHAN, 2007, p. 38)

Portanto, a comunicação oral apresentada no rádio é envolvida por detalhes – saturada de informações - que não são achados, por exemplo, na fala oral do cotidiano das pessoas.

Dentro da comunicação radiofônica são encontrados dois tipos de comunicadores. O comunicador que trabalha com texto pré-elaborado e o reproduz ao microfone da emissora, e o que faz toda programação de improviso. Para ambos é necessária muita habilidade do locutor ou do intérprete. Apesar do modelo de comunicação oral primitiva ser diferente do empregado por aqueles que atuam no rádio, pois na modalidade primeira havia a presença física do emissor, enquanto que na radiofônica a ausência física do emissor é substituída pelo imaginário. Ao contrário do que se pode pensar, essa não é uma relação fria, pois a ausência corpórea do comunicador é substituída pelas ondas sonoras. Trata-se de uma voz sem corpo, mas com a missão de preencher um espaço. (SILVA, 2007, p. 42)

Na crítica feita aos MCM por Adorno e Horkheimer, ao modelo empregado pela IC, entre os quais figuram o rádio, a linguagem empregada pelos comunicadores expressa a principal missão que esses meios têm que é o de manipular ou persuadir os receptores, com objetivo de vender os produtos de seus patrocinadores. Daí eles atribuírem ao rádio à mera função de saciar uma indústria de cultura voltada para a manipulação dos ouvintes, com o fim último de levá-lo ao consumo, que é reflexo do capitalismo consumista. O que era para os fundadores da escola alemã um verdadeiro “sacrilégio”, pois a opção que fizeram pelo

modelo econômico marxista deixa claro que qualquer persuasão das pessoas, com objetivo de levá-las a consumir, tendo ou não necessidade do produto oferecido, caracterizava-se em uma agressão ao indivíduo e sua liberdade. No conceito de Adorno e Horkheimer, quando os indivíduos são envolvidos pelo consumismo desenfreado, manipulados pelos meios de comunicação, que por sua vez, vale-se da dialética para convencer os receptores, eles se afastam do controle de suas potencialidades, pois acabam se submetendo aos objetos criados pelos próprios homens. Daí eles afirmarem que a socialização radical significa alienação radical. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 66)

3.2 A influência sobre os ouvintes

Outra característica importante da oralidade moderna, que teve no rádio o seu principal meio de difusão é que, a partir da adesão deste meio de comunicação pela população brasileira, um segmento da sociedade, caracterizado como os profissionais do rádio e todos os empresários - que por motivos econômicos se voltaram a este meio de contato com as massas de consumidores -, passaram a exercer uma forte influência sobre a população. Os rádiouvintes compram os produtos anunciados, mudam sua linguagem, seus hábitos, aderem a uma nova religião, enfim, reconstroem sua própria história e se sentem participantes de um grupo social. Estas influências são vistas através de algumas mudanças nos hábitos dos radiouvintes.

A construção de cenários mentais pelos radiouvintes, bem diferente da televisão, que estimula o elemento sensorial da visão, pode ser encarada como um aspecto democratizador do rádio na medida em que as imagens podiam ser construídas a partir das referências individuais e coletivas de um indivíduo. Estas imagens, entretanto, não impediam a sua ressignificação cotidiana, ocorrida por intermédio das conversas entre familiares, amigos, vizinhos, fãs-clubes, nos programas de auditório, nas cartas enviadas, enfim, nas diversas práticas sociais que traduzem a noção de pertencimento a uma comunidade radiouvinte. (MAIA, 2007, p. 9)

A socióloga Maria Catarina Zanini, em estudo sobre a influência da televisão na reconstrução da identidade étnica dos imigrantes italianos na região central do Rio Grande do Sul, constatou que os MCM exercem poder suficiente para refazer os valores étnicos de um determinado grupo. Este processo tem início a partir de cada indivíduo integrante dos

clãs, que são impactados pelo conteúdo que recebem dos transmissores, sejam locutores ou atores, passando a agir e falar de maneira diferente da habitual. Assim criam, a partir da mídia, um novo construto social. Conclui a pesquisadora: “Compreendo que os meios de comunicação influenciam no processo de construção de identidade étnica, seja no mundo rural ou urbano.” (ZANINI, 2005, p.725)

A voz que vai ao ar através das ondas radiofônicas tem a missão de transmitir algo às pessoas que estão espalhadas pelos mais diversos lugares, desde um trabalhador rural, no distante sertão, a um passageiro de ônibus, que se desloca na cidade. Se há um MCM moderno que consegue alcançar as pessoas em tempo real dos acontecimentos, mesmo em deslocamento, este meio é o rádio. Constatou a socióloga Brenda Maribel Carranza:

(...), o rádio participa das características essenciais dos meios de comunicação, entre as quais se destacam: o imediatismo na informação, a segmentação de públicos, o relacionamento íntimo com a comunidade, a interatividade, a prestação de serviços de utilidade pública e privada, a mobilização social, e o fazer das programações momentos de encontro interpessoal. (CARRANZA, 2005, p. 211)

4. A DINÂMICA, A AGILIDADE NA INFORMAÇÃO E A DIVERSIDADE

Com a invenção do rádio, a sociedade foi beneficiada e aderiu a novos conceitos, entre outras coisas, porque ele diminuiu as distâncias geográficas, inseriu as propagandas comerciais de produtos e serviços, com a difusão de informações e cultura, com a transmissão dos acontecimentos em tempo real, com entretenimento e manifestações religiosas. Convém observar que nos anos 50, quando teve início o grupo que é objeto desta pesquisa, o rádio era o MCM de maior agilidade, visto que atualmente ele já é suplantado por outros elementos como a televisão, telefone celular, internet e diferentes meios eletrônicos que transmitem som e imagem em tempo real. Portanto, quando for mencionada a agilidade e eficiência do rádio na transmissão de acontecimentos, deve ser considerado aquele momento específico dos acontecimentos.

4.1 Diminuição de distância geográfica

Um dos desafios da humanidade, no transcorrer da história, foi o de tornar menor a distância entre os povos. Nas sociedades antigas, os gregos, com Alexandre, “O Grande”, difundiram a língua em todo território por eles dominado, a fim de helenizar as culturas e tornar o mundo único; os romanos construíram estradas e pontes, para encurtar a distância entre a capital do Império, Roma, e as nações, subjugadas por eles, e desta maneira exercer controle sobre todos; os cristãos da idade média atuaram intensivamente para cristianizar as nações e uniformizá-la através da religião e da língua latina. Na sociedade moderna não há mais espaço para estas propostas utópicas, entretanto, a diminuição das distâncias entre os povos continuou sendo um desafio a ser vencido. McLuhan, em seu texto onde defende que a comunicação é uma extensão do homem, diz que ela não apenas diminui a distância como também altera as relações sociais. “Toda forma de transporte não apenas conduz, mas traduz e transforma o transmissor, o receptor e a mensagem. O uso de qualquer meio ou extensão do homem altera as estruturas de interdependência entre os homens, assim como altera os ratios entre os nossos sentidos”. (McLUHAN, 1964, p.108)

Os primeiros passos dados nesta direção pela sociedade moderna vieram com o processo de industrialização; com a criação das locomotivas movidas a vapor e, conseqüentemente, a construção das vias férreas, a invenções do código de morsa, do telefone e do rádio. Entre as descobertas da modernidade realizadas até o final do século XIX, o rádio foi o que mais aproximou as pessoas, pois encurtou as distâncias e com isso alterou o sentido de vida e comunidade. Os programas radiofônicos fizeram com que os homens voltassem à era tribal, onde a comunicação oral era elemento de agregação social. E por causa da oralidade do rádio é que a sociedade letrada, tanto a inglesa como a norte-americana opuseram certa resistência ao meio rádio de comunicação. Eles só não tiveram êxito, como acabaram se rendendo ao invento e aderindo ao modelo comunicacional dos tempos antigos onde a sociedade era organizada em tribos. “A antiga magia tribal ainda não havia desaparecido nelas e a antiga trama do parentesco voltou a ressoar de novo com as notas do fascínio”. (McLUHAN, 1964, p.334).

A oralidade radiofônica tanto diminui as distâncias culturais, pois leva o homem à fase primária da sociedade onde predominava a comunicação oral, como também possibilita que acontecimentos mundiais não fiquem restritos aos seus atores, mas através das ondas hertzianas tornem os fatos, que outrora eram restritos a um grupo, conhecidos e partilhados por outras pessoas que estão a milhares de quilômetros de distância. Prova disso, é que atualmente existem emissoras de rádio que conseguem transmitir programas religiosos para

toda a América do Norte, América Latina, África, Norte da Europa e Oriente. Esta constatação é uma evidência de que não existem mais barreiras, proporcionadas pela distância geográfica, que não sejam vencidas pelas ondas hertzianas.

4.2 Propagandas comerciais

No Brasil, o rádio nasceu por idealismo de algumas pessoas e pelo menos sua primeira década foi mantido no ar, graças aos esforços e custeio de alguns apaixonados pelo moderno meio de comunicação. Somente depois dos anos 30, com a criação de leis federais que regulamentaram a inserção de propagandas é que surgiram os primeiros patrocinadores dos programas.¹³ Antes da lei que regulamentou a publicidade radiofônica, já aparecia de forma embrionária em algumas emissoras, a menção de estabelecimentos comerciais que eram “colaboradores” daquele programa. O método utilizado pelos publicitários para vender os produtos dos anunciantes é similar aos que outros meios de comunicação usam na atualidade. Trata-se de um princípio relativamente simples, pois primeiro diziam ao radiouvinte que ele tinha uma necessidade, ainda que nem mesmo tivesse percebido; depois apresentavam a solução para o seu problema, dizendo que o produto que determinada empresa fabricava era a resposta certa, a solução, o meio de sanar a sua necessidade, usando o método chamado atualmente nas agências de vendas de “CVB” – Características, Vantagens e Benefício - daquele produto que o ouvinte “estava precisando” e que já estavam disponíveis “nas melhores casas do ramo”.

O uso insistente deste método persuade o radiouvinte a comprar determinados produtos, pois se tratam de ruídos que persuadem o ouvinte. “Os anúncios levam o princípio do ruído até o nível de persuasão – bem de acordo, aliás, com o processo de lavagem cerebral. Este princípio de profundidade de investida no inconsciente pode muito bem ser ‘a razão por quê’, tema de tantos anúncios.” (McLUHAN, 1964, p. 256). Esta prática midiática para vender produtos tornou-se um meio interessante para as indústrias. O que levou ao surgimento das agências especializadas em *jingles* e *spots* específicos para propagandas radiofônicas. Entre as pioneiras estão as Rádios e Gravações Especializadas (RGE) e a Cia.

¹³ Foi somente em 1º de março de 1932, que os legisladores federais, com a lei 21.111, regulamentaram a publicidade radiofônica brasileira. Com a referida lei, as propagandas ficaram limitadas a 10% da programação. Em 1934, a lei foi alterada e passou a permitir a inserção de até 20% de intervalos comerciais durante as programações. (SILVA, 2007, p.24)

Royal de Rádio Produções. Nos anos 40 as multinacionais como: a empresa automobilística General Motors, pioneira em propaganda no rádio; o laboratório Sidney Ross e a Gessy Lever, não apenas anunciavam, mas também possuíam seus próprios departamentos de publicidade. (SILVA, 2007). À medida que o rádio foi se popularizando os interesses pela inserção de propagandas comerciais foram aumentando e fortalecendo o negócio radiofônico. Quanto maior a procura por espaços publicitários, mais acirrada ficava a disputa. Foi esse modelo de MCM que Adorno criticou, pois em sua opinião, quanto maior fosse o controle da indústria sobre os MCM, maior a manipulação da sociedade, tirando dela a liberdade de escolha. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 129 ss).

A procura dos anunciantes de rádio somente foi arrefecida com a chegada ao Brasil da televisão, mais especialmente na década de 60, quando o meio televisivo de comerciais passou a dividir as verbas de investimento publicitário das empresas. A migração dos anunciantes de rádio para a televisão resultou no enfraquecimento financeiro das empresas de radiodifusão, e graças a esta mudança econômica é que o empresariado do ramo radiofônico, por uma questão de sobrevivência do seu negócio, passou a locar espaço, a princípio, em horários de baixa audiência, em suas emissoras para os mais diversos grupos sociais, principalmente os pentecostais.

4.3 Informações e cultura

O pioneiro Roquette-Pinto fez do rádio um meio de informar e educar seus ouvintes. Sua iniciativa ao criar o programa de radiojornalismo “Jornal da Manhã”, onde ele exercia o papel de locutor e comentarista, proporcionava interação com os principais acontecimentos locais, nacionais e internacionais, transformando notícias em informação cultural. O programa era apresentado pela manhã pelo presidente da emissora e seguido em mais três noticiosos: o do meio dia, o da tarde e o da noite. O modelo do noticiário apresentado por Roquette-Pinto é descrito por Ana Maria de Souza Barbosa, na seguinte narrativa:

Com sua voz marcante e bem colocada, fazia, pela manhã, a abertura das transmissões. Nessa abertura, lia os jornais que já havia assinalado com seu lápis vermelho (hábito antigo), comentando as principais notícias do dia, inaugurando assim, o *jornal falado*. (ORTRIWANO, 2003, p. 69)

O Jornal da Manhã serviu de modelo para outras emissoras que também buscavam desenvolver uma programação que atendesse os anseios dos ouvintes, além de proporcionar informação e educação. Em 1932, em São Paulo, a Rádio Record passou a usar o mesmo modelo, cujo proprietário, o médico Paulo Machado de Carvalho, no ano anterior, havia inovado com empreendimento de um programa com uma série de palestras culturais, tendo como autor e apresentador o escritor Monteiro Lobato. Entre os anos 20 e 40 surgiram vários modelos diferentes de programações radiofônicas, que tanto mantinham seus ouvintes informados, como também levavam conhecimentos educacionais aos mais diversos lares brasileiros. Entretanto, é durante dois momentos difíceis da sociedade brasileira que o radiojornalismo vai exercer um papel fundamental, no processo de informação: no decorrer da Revolução de 30 e na Segunda Guerra Mundial, nos anos 40. Neste período, não somente aumentou a audiência deste tipo de programa, como também serviu de incentivo para que outras pessoas do meio fizessem investimentos para criação de programações semelhantes nas mais diversas emissoras. Alguns se tornaram ícones do rádio, como o programa estatal “A Hora do Brasil”, o lendário “Repórter Esso”, o “Grande Jornal Falado Tupi”, e outros tantos espalhados pelos mais diversos Estados brasileiros. (ORTRIWANO, 2003; SILVA, 2007; PEREIRA, 2001)

As fases iniciais do rádio foram determinantes para que ele atingisse o seu apogeu, firmando-se como o grande meio de comunicação da sociedade brasileira. Essa fase é denominada *fase de ouro do rádio brasileiro*, consolidada na década de 1940. E o momento em que ele começa a se definir mais claramente para jornalismo. O Repórter Esso foi resultado dessa fase. (BARBOSA FILHO, 2005, p.43)

A contribuição do rádio no processo de informação e formação do povo brasileiro, sobretudo nos seus primeiros 50 anos, deve-se à sua versatilidade e acessibilidade, que somente um meio como ele pode proporcionar àqueles que o ouvem, “o rádio gera novos comportamentos, revoluciona modos de viver, criando certas demandas coletivas, que só puderam ocorrer devido ao seu alto grau de interação”. (MAIA, 2007, p. 5)

4.4 Transmissão em tempo real

Em um país como o Brasil, onde existe uma diversidade de MCM, modernos e eficientes, o rádio consegue suplantar a muitos, pois com ele é possível descrever fatos em tempo real. Sejam tragédias, como os incêndios do edifício Joelma, na Capital Paulista, ocorrido no dia 1º de fevereiro de 1974, de onde o repórter Milton Parron, da Rádio Jovem Pan de São Paulo, narrou ao vivo o fatídico dia onde morreram 179 pessoas. (PARRON, 2003, p.37 ss.), ou da mais recente tragédia norte-americana, quando em 11 de setembro de 2003, o repórter brasileiro Eduardo Castro, transmitiu ao vivo, pelo telefone, para os ouvintes da Rádio Bandeirantes de São Paulo, os sons da segunda explosão e da queda das “Torres Gêmeas” (World Trade Center) de Nova Iorque, que foram implodidas por terroristas suicidas islâmicos. Mas o rádio não transporta somente notícias trágicas, pois foi através do mesmo meio que os brasileiros ficaram sabendo, no instante que estava acontecendo, que a Seleção Brasileira de Futebol havia conquistado o seu primeiro título mundial, em 1958 na Suécia, pois a televisão ainda era um objeto de luxo que poucos podiam ter. (DUARTE, 2003, p. 30 ss)

Sejam notícias boas ou não, o rádio tem a capacidade de manter os seus ouvintes informados permanentemente. É possível que enquanto estiver ocorrendo determinado fato, os radiouvintes possam acompanhá-lo em tempo real. Nos grandes centros, por exemplo, como São Paulo, há programações de emissoras de rádio que cobrem os acontecimentos relacionados ao trânsito, pois são quase que diários os problemas que envolvem os motoristas que circulam pelas ruas da principal cidade do país. Assim como também é possível que fiéis de algumas religiões acompanhem a distância, a celebração de sua igreja no momento em que ela estiver acontecendo. Além desta rapidez e interação desenvolvidas pelas programações radiofônicas, hoje o meio rádio tem também a missão de proporcionar entretenimento para aqueles que estão dispersos, nos mais diversos lugares.

4.5 Entretenimento

Os primeiros empreendimentos culturais desenvolvidos pelo rádio foram transmitidos ao vivo, como concertos musicais, recitais e óperas, por exemplo. A primeira transmissão radiofônica em circuito aberto na Grã-Bretanha foi o recital da soprano Nellie Melba, que foi ao ar no dia 15 de junho de 1920, a partir dos Laboratórios Marconi, em Chelmsford. (TAPARELLI, 2003).

O rádio brasileiro, desde as primeiras emissoras, encontrou nos artistas da música tocada e cantada, a posteriore, nos atores e atrizes, nos comediantes, nos narradores de eventos esportivos, nos animadores de auditórios e apresentadores, nos contadores de histórias, um meio de proporcionar aos radiouvintes entretenimento, além de servir de laboratório para o desenvolvimento dos programas da televisão. Como a voz era o principal meio utilizado pelos artistas do rádio, ter um timbre de voz apropriada para aquele modelo de radiodifusão era fundamental. Por isso, as oportunidades para atuação em programas dependiam muito do timbre e tom dos sons vocais do candidato. Diz o pesquisador Mario Fanucchi: “A carreira de um artista do rádio começava no momento em que ele dizia um ‘a’ ou emitia uma nota musical diante de um microfone. Mas poderia ser abortada se ele não tivesse um certo quê.” (FANUCCHI, 2003, p. 23)

Nas primeiras décadas do rádio, as emissoras faziam dos teatros o palco de transmissão de seus programas, que iam desde um show musical a um programa de calouros, que não somente preenchia as programações como também servia de meio para descobrir novos talentos. Com o passar do tempo, com a entrada de capital externo nas estações através dos patrocinadores, as emissoras foram adquirindo ou construindo prédios onde fosse possível receber pessoas em um auditório anexo à transmissora. (SAROLDI, 2003). Entre os campeões de audiência do rádio brasileiro, os radiorromances ou radionovelas, foram uma das formas de entretenimento que conseguia fidelizar os radiouvintes a uma determinada emissora. Sempre contando histórias fictícias, com ares de realidade, levavam os seguidores a reservar um tempo próprio para que no dia seguinte, quando não era domingo, poderem acompanhar os acontecimentos narrados pelos intérpretes. Os dramas eram escritos para prender a atenção dos radiouvintes do começo ao fim de cada série. Hilliard define bem os elementos mágicos que envolviam um drama exibido no rádio, que encantou, para não dizer, levou a profundas viagens no tempo e no espaço a muitos brasileiros:

La radio no está limitada por lo que se pueda mostrar a la vista. Mediante la combinación de efectos de sonido, música, diálogos, e incluso, silencio, el escritor puede desarrollar una estampa en la mente de su auditoria, que sólo la imaginación del radioescucha podría limitar. La radio le da al guionista total libertad de tiempo y espacio. No hay barreras para el escenario o los movimientos. Pueden crearse infinitas formas de acción física y, durante el breve instante de un puente musical, transcurrirán minutos o siglos por las galaxias del universo. Antes que hubiera televisión, cuando el drama era el principal producto de la radio, los escritores pusieron la mesa do lo que

vendrían a ser las consentidas de la ciencia ficción para la TV. (in ADAMI, 2003, p. 89) ¹⁴

Entre outros programas que garantia audiência estavam as transmissões esportivas. Em 19 de julho de 1931, através da Rádio Educadora Paulista, foi ao ar, na voz do radialista Nicolau Tuma, a primeira partida de futebol narrada em solo brasileiro. Depois deste feito empreendido pelo “Speaker Metralhadora”, assim ficou conhecido Tuma, por causa da rapidez com que narrava os lances da partida, o radioesportivo ganhou adeptos e uma audiência expressiva. A partir daí surgiram jornalistas e emissoras especializadas em transmissões das mais diversas modalidades esportivas, com a missão de irradiar diversão e entretenimento. “O rádio, ao proporcionar a diversão lúdica, rompe com a vida cotidiana, adquirindo uma relativa autonomia e, por outro lado, na medida em que estabelece vínculos afetivos, faz de sua audição uma necessidade constante. Ao trazer elementos do fantástico, ele estabelece uma dimensão de satisfação”. (MAIA, 2007, p. 6)

5. O USO PELOS GRUPOS RELIGIOSOS ATÉ OS ANOS 50

O uso dos meios modernos de comunicação pelos grupos religiosos tem como marco a imprensa de Gutenberg. Com a possibilidade de tornar os textos sagrados impressos, os protestantes, a partir do século XVI, passaram a investir maciçamente na produção e distribuição de Bíblias e outros textos contendo suas doutrinas. A atitude da cúpula da igreja católica romana foi um pouco mais conservadora e por algum tempo resistiu ao invento gutenbergueano, sobretudo, porque com a imprensa ocorreu uma série de produções de textos cristãos nos mais diversos idiomas falados por diversas comunidades dos países europeus, promovendo a descentralização da religião e cultura de Roma. (FEBVRE e MARTIN, 2000). O mesmo ocorreu com o uso do rádio pelos evangélicos. ¹⁵ A invenção do

¹⁴ “A rádio não está limitada pelo que se vê. Mediante a combinação de efeitos sonoros, músicas, diálogos, inclusive, silêncio, o escritor pode desenvolver uma imagem na mente de seu auditório, que somente a imaginação do radiouvinte poderia limitar. A rádio dá ao escritor total liberdade de tempo e espaço. Não há barreiras para os movimentos no palco. Podem criar-se infinitas formas de ações físicas e, durante um breve instante de uma ponte musical, transcorreram minutos ou séculos pelas galáxias do universo. Antes que houvesse a televisão, quando o drama era o principal produto do rádio, os escritores puseram na mesa o que viriam a ser permitida da ciência ficção para a TV”. (Tradução do pesquisador)

¹⁵ Neste texto estaremos usando o termo “evangélico” sempre que estivermos nos referindo aos grupos protestantes, como Presbiterianos, Batistas, Metodistas, Anglicanos, Adventistas, Luteranos e Congregacionais; ou pentecostais da primeira onda, termo usado por Paul Freston e Ricardo Mariano, como Assembléia de Deus e Congregação Crista do Brasil, ou os da segunda onda, como Evangelho Quadrangular, O Brasil para Cristo e IPDA.

italiano Guilherme Marconi encontrou entre os evangélicos americanos um reduto apropriado para expansão, pois já havia entre eles um engenheiro canadense que havia promovido uma transmissão religiosa, como experimento, que se deu a partir de Massachusetts, na véspera do natal de 1906, quando foi lido um trecho do Evangelho de São Lucas onde narra o nascimento de Jesus, e execução da música natalina “Holy Night” e outras do compositor Handel. (CAMPOS, 2004, p. 146 ss).

Assim como aconteceu com as doutrinas dos principais movimentos evangélicos americanos, que exportaram para países como o Brasil o seu modelo, ocorreu também com o arquétipo de evangelismo radiofônico empregado por diversas igrejas americanas, desde 1920, conforme se verá a seguir. As posições radicais dos dois principais representantes do pentecostalismo, a Congregação Cristã do Brasil ¹⁶ e as Assembléias de Deus, que se opunham ao uso do rádio pelos seus membros, fizeram com que retardasse em de mais de 20 anos a presença de grupos deste segmento na mídia radiofônica.

Diante das evidências históricas, que narradas mais adiante, pode-se afirmar que enquanto os pentecostais brasileiros não aderiram ao rádio, para promover suas instituições e doutrinas, foram poucos os grupos evangélicos que ousaram inovar tomando a iniciativa de recorrer a este meio. Foi somente nos anos 40 que surgiram os primeiros programas religiosos no rádio, nesta nação.

Atribuem-se a ausência de programas religiosos no rádio brasileiro a, pelo menos, três fatores: primeiro, as questões “doutrinárias” dos pentecostais, para quem o rádio era o “caixote do diabo”, e dos católicos romanos que esperavam por uma definição da cúpula do Vaticano, que ainda não havia normatizado o uso dos MCM, pelas suas comunidades; segundo, o custo elevado para veiculação de qualquer tipo de propaganda ou programas; terceiro, os poucos recursos financeiros das igrejas. (FREESTON, 1993; DÁVILA, 2005; SILVA, 2007)

Os custos elevados para a manutenção das emissoras de rádio, nos primeiros 20 anos, além do fato de que o Governo não regulamentava a propaganda ou “os comerciais”, tornavam caros os anúncios, pois eram feitos de maneira ilegal e rudimentar. Assim as poucas emissoras eram mantidas por Sociedade de Amigos e amantes do rádio. Sem contar que os aparelhos eram sofisticados e caros, tornando-se um objeto de poucos. Somente com

¹⁶ A CCB mantém-se até hoje afastada do uso de qualquer forma midiática.

a regulamentação das propagandas no rádio e a fabricação de vários modelos, por várias empresas de eletrônica, é que os preços dos aparelhos caíram e a população mais pobre teve acesso a este meio de comunicação. (SILVA, 2007)

Será abordado nos tópicos seguintes como se deu o processo de inserção de grupos religiosos nos EUA, como paradigma para os primeiros grupos de evangélicos brasileiros, incluindo outras formas de manifestação religiosa que não mediram esforços para levar ao ar as mensagens pregadas em seus templos. Com essa iniciativa eles alcançaram pelo menos três objetivos, são eles: 1) tirar sua instituição do anonimato, pois com programas radiofônicos eles chegavam aos mais diversos locais do país; 2) dar legitimação ao grupo, porque uma vez conhecida pela sociedade, a religião deixa o anonimato e ganha o respeito de pessoas de outras práticas; 3) agregar novos adeptos ao movimento, uma vez que, principalmente os evangélicos, nunca esconderam que seu principal objetivo é pregar o Evangelho e levar os pagãos à conversão.

5.1 Os primórdios da América do Norte

Em janeiro de 1921, dois meses depois de ir ao ar a primeira emissora de rádio comercial, a KDKA, em Pittsburgh nos EUA, a Calvary Episcopal Church passou a transmitir programações religiosas pela mesma emissora. Em 1922, duas igrejas evangélicas americanas entraram no mundo da radiofonia transmitindo suas programações, foram elas: a National Presbyterian Church de Washington, que o fez através de emissora fundada por ela, e a International Church Foursquare Gospel, fundada pela Missionária Americana Aimee Semple McPherson, que dois anos depois, em 1924, fundou a KSFG como meio de transmitir suas doutrinas. No ano seguinte à fundação da KSFG, pela McPherson, Robert Graig, das Assembléias de Deus, em São Francisco, passou a operar a emissora KGTT, e o mesmo aconteceu com a 1ª Igreja Batista da cidade de San Jose. Entre os católicos o padre Charles E. Coughlin foi o pioneiro nos EUA, quando iniciou suas atividades de radiofonia em 1926, em uma modesta estação de rádio. Em 1932, quanto passou a transmitir sua programação pela CBS, já contava com uma audiência de 45 milhões de pessoas.

Naqueles primeiros anos o rádio como um novo meio de comunicação de massas se difundiu rapidamente nos EUA. Tanto que, em 1922, eram 382 emissoras de rádio; em 1927, eram 732; em 1932, eram 1025, das 600 emissoras em

operação, 10% delas pertenciam ou estavam ligadas a movimentos religiosos. (CAMPOS, 2004, p. 151)

Se nos EUA os grupos religiosos, principalmente os evangélicos, não perderam tempo - assim que perceberam que o rádio seria um meio de fazer proselitismo e de apascentar os fiéis, à distância, logo procuraram um espaço para inserirem suas programações - no Brasil o processo foi mais lento, pois foi necessário mais de 20 anos para que o sistema de radiodifusão fosse explorado como veículo de comunicação religiosa. Os primeiros empreendimentos radiofônicos que se tem notícia datam a partir dos anos 40, conforme será apresentado a seguir.

5.2 Os Adventistas do Sétimo Dia

Entre os grupos evangélicos de origem americana, que inauguraram o uso do rádio entre os religiosos brasileiros, estão os Adventistas do Sétimo Dia.¹⁷ Eles fizeram parte dos evangélicos que, a partir de 1920 já tinham programas autônomos, apesar de oficialmente o primeiro programa irradiado foi em 1926 pelo pastor H. M. S. Richards a partir de uma emissora instalada em Bakersfield, Califórnia, EUA. Em 1937, também na Califórnia, sob a coordenação do mesmo pregador, teve início a transmissão do mais popular programa adventista, *The Voice of Prophecy*, que oferecia um curso bíblico por correspondência para os ouvintes. A convicção dos líderes de que o rádio era realmente um meio eficiente de evangelismo pode ser visto na quantidade de emissoras que transmitiam o programa. Passado pouco mais de 20 anos, em 1946, segundo o sociólogo Roberto César de Azevedo, eram contabilizadas 380 estações de rádio, somente no território norte-americano, que recebiam mais de 555 mil cartas dos ouvintes, por ano (AZEVEDO, 1977, p. 66).

Associado ao programa, na tentativa de fidelizar os ouvintes e convertê-los à sua denominação, os organizadores do programa “*The Voice of Prophecy*” desenvolveram, e mantêm até hoje, uma série de estudos da Bíblia onde apresentam suas doutrinas, enviando para a residência dos interessados sem nenhum ônus, após a conclusão de cada etapa do

¹⁷ Apesar de haver algumas divergências doutrinárias entre os Adventistas e demais grupos evangélicos brasileiros, especialmente na questão que envolve a guarda do sábado e a dieta, obedecida pelos primeiros, este pesquisador não fez distinção doutrinária, mas considerou o princípio de que os sabatistas são tem sua origem no protestantismo norte-americano.

estudo, um certificado; e quando se convertem ao adventismo e são batizados, são também contemplados com um diploma de batismo enviado pelos organizadores do programa.

Em 1943 a Igreja Adventista passou a transmitir o programa “A voz da Profecia” para a população de língua Portuguesa e Espanhola. A primeira emissora a levar o programa ao ar em Espanhol estava sediada em Comodoro Rivadavia, na Argentina. Em setembro daquele mesmo ano, os retirantes de língua Portuguesa, residentes nos EUA, podiam sintonizar o dial em determinadas freqüências e ouvirem “A voz da profecia”, em seu idioma. Mas foi no dia 26 de setembro de 1943, que sete emissoras localizadas nas cidades brasileiras de Aracaju - SE, Belo Horizonte - MG, São Paulo – SP, Curitiba – PR, Vitória – ES, Rio de Janeiro – RJ e Ribeirão Preto – SP passaram a reproduzir as mensagens da Igreja Adventista do Sétimo Dia, na voz do pastor Roberto Rebello auxiliado pelo também pastor, João Linhares. (AZEVEDO, 1977, p.70 ss)

Até hoje, o principal diferencial entre os programas adventistas e os grupos evangélicos está no fato de que “A voz da Profecia” continua com o mesmo modelo onde, além de proclamar o Evangelho pelo rádio, oferecem os cursos bíblicos por correspondência, o modelo pioneiro de “escola rádio-postal”, a que é atribuída a popularidade desta igreja e a sua expansão em várias partes do mundo.

Apesar de mais da metade da população brasileira dos anos 40 não ser alfabetizada, o modelo americano de cursos bíblicos surtiu efeito, como mostram os dados abaixo:

Em 1945, nos EUA, havia 12.374 pessoas inscritas no curso radio-postal; em 1949, esse número era 70.937. Somente no Brasil, no período de 1968 a 1975 houve 405.076 matriculados ativos, 70.518 diplomados, 48.510 visitados, 13.925 que prometeram guardar o sábado e 2.041 batizados que perfizeram o total de 2,89% dos diplomados. Nesse mesmo período, houve 2.755 batizados no Estado de São Paulo, dos quais 7,62% atribuíram o seu desejo de seguir o adventismo à audição desse programa. Em 1962 inaugurou-se no Rio de Janeiro a sede própria de “A Voz da Profecia”, quando então o número de emissoras pelo qual o programa era irradiado subiu de 184 emissoras em 1961 para 327 em 1964. No ano seguinte, esse índice ainda era de 345 emissoras, o que indicava ter havido uma diminuição no ritmo de crescimento. Mas em 1965, de cada 100 pessoas que se matricularam no curso da “Escola Radio-Postal”, 60 souberam do curso, através do programa “A Voz da Profecia”. (CAMPOS, 1997, p. 269)

No início deste século no Brasil, eram mais de 345 emissoras que transmitem o programa A Voz da Profecia, predominantemente em ondas médias e freqüência modulada. O início das transmissões segue um padrão de décadas, onde uma voz masculina diz: “Este é o seu programa ‘A

Voz da Profecia', um programa de fé e esperança que anuncia a volta do Senhor". (CAMPOS, 2004, p.154)

5.3 As Assembléias de Deus

Ao contrário dos líderes da Assembléia de Deus dos EUA, que cinco anos depois das emissoras de rádio estarem funcionando, tornaram-se adeptos ao moderno MCM, levando ao ar o primeiro programa da denominação, os brasileiros foram categoricamente contra o uso deste eficiente meio de comunicação por, pelo menos, 40 anos. A idéia que tinham do rádio como um instrumento de diversão e entretenimento, portanto mundano, levou os pastores a desestimularem os membros de suas igrejas a terem aparelho de rádio em suas casas. (ARAÚJO, 2007). Possivelmente, por causa destas posições adotadas pelos líderes nacionais é que os primeiros programas assembleianos tenham sido articulados e produzidos por missionários americanos, que não tinham de responder hierarquicamente à cúpula brasileira. Segundo Freston, o primeiro programa de rádio envolvendo adeptos da Assembléia de Deus no Brasil, de que se tem notícia, data de 1947, quando um missionário americano, cujo nome não se sabe, transmitiu pela primeira vez um programa da igreja pentecostal brasileira, em uma emissora da cidade de Lavras, MG, resultando em retaliações dentro da denominação, que somente veio a aprovar o uso deste meio de comunicação a partir de 1955. (FRESTON, 1993).

A aprovação institucional do uso do rádio para fins evangelísticos, levou alguns jovens a se envolverem com a criação e execução de programas, mas ainda sob a égide de missionários assembleianos norte-americanos. O historiador assembleiano Joanyr Oliveira escreveu que:

Há muitos anos as igrejas evangelizam através do rádio, da televisão. Um dos pioneiros nesta área foi o missionário Lawrence Olson, que, em 1955, lançou, e manteve por muitos anos em importantes emissoras, o programa "Voz das Assembléia de Deus no Brasil". Neste mesmo ano, em Belém, PA, um grupo de jovens, reunidos na casa do missionário Hultgren, decidiu fundar um programa a que deram o nome de "O som do Evangelho". Os autores da iniciativa foram: Josué Bezerra Cavalcanti, Eliel Rodrigues, Walmir Cohen, João Leitão, Abelardo da Silva e Firmino Feliciano. Este trabalho vem sendo mantido através dos anos. (OLIVEIRA, 1997, p. 185-6)

5.4 Os umbandistas

Para os representantes da Umbanda, na busca pelo reconhecimento como a primeira religião genuinamente brasileira, a data de fundação oficial da primeira comunidade é 15 de novembro de 1909. A principal característica deste é a aglutinação de diversas práticas religiosas encontradas na fé e práticas dos europeus, africanos e indígenas brasileiros. (BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 213)

Com o fim da escravatura no Brasil, no final do século XIX, os negros passaram a viver na marginalidade, tanto social como religiosa. Havia entre eles a falta de perspectiva nos grandes centros, por causa da discriminação racial, pois apesar de serem cidadãos brasileiros traziam consigo a ancestralidade africana. Suas formações religiosas eram tão confusas quanto étnicas, pois haviam recebido orientações espirituais africanas nas senzalas, e católicas na Casagrande. Foi nesse meio que desenvolveram os cultos compostos por magias, invocação de mortos e sacrifícios de animais, conhecido por macumba. Observou Magnani que “a primitiva macumba, por conseguinte, menos do que culto organizado era um agregado fluído de elementos de candomblé, cabula, tradições indígenas, catolicismo popular, espiritismo, práticas mágicas, sem o suporte de uma mitologia ou doutrina capaz de integrar seus vários pedaços.” (MAGNANI in BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 214)

Foi desse sincretismo que nasceu a Umbanda, que mesmo depois de organizada continuou sofrendo discriminação, inclusive pelo Governo. Os primórdios adeptos do movimento sofreram com retaliações promovidas pelo Estado, sob a régia de Vargas, pois se tratava de uma comunidade religiosa da periferia dos grandes centros, principalmente da cidade do Rio de Janeiro, que continha elementos religiosos do culto afro-brasileiro, sobretudo os orixás do Candomblé e personagens da religião Católica, como as imagens dos Santos. Portanto, tratava-se de uma nova forma de expressão religiosa sem uma identidade definida, que era considerada uma religião marginalizada. Assim o sociólogo William Read define a Umbanda:

Quando o negro escravo, veio da África para o Brasil, trouxe consigo o culto de seus deuses tribais. Encontrou um modo de conservar seus deuses, dentro da Igreja Romana. A Umbanda foi o resultado sincrético, em que as divindades africanas receberam nomes dos santos católico-romanos. O ritual da Umbanda é animista e consiste na manifestação de espíritos africanos para curar, práticas rituais e nas experiências de êxtase de diversas naturezas. (READ, 1967, p. 219)

Uma lei federal de 1934 enquadrava a Umbanda, o Kardecismo, as Religiões Afro-Brasileiras, a Maçonaria, etc., na seção especial de Costumes e Diversões do Departamento de Tóxicos e Mistificações do Rio de Janeiro. Essa seção lidava com álcool, drogas, jogo e prostituição. A referida lei vigorou até 1964, quando foi revogada. Assim os praticantes destes tipos de atividades acabavam sendo vítimas da extorsão em troca de "proteção policial". A polícia agia, resguardada na justificativa de que a "macumba" tinha ligações com a subversão. Diziam alguns policiais que a "macumba" dava cobertura a grupos comunistas.¹⁸

Uma das formas que o adepto da Umbanda, o carioca, Átila Nunes encontrou para legitimar socialmente a sua religião, foi tirá-la do reduto periférico da Guanabara, e usar as ondas do rádio para levá-la aos mais diversos ambientes e níveis sociais. Assim ele criou o primeiro programa de rádio umbandista, cujo nome era "Melodias do Terreiro", que foi ao ar pela primeira vez em 1947, no Rio de Janeiro, pela Rádio Guanabara, que atualmente pertence ao Grupo Bandeirantes de Rádio e Televisão. Segundo seu neto, o deputado carioca Átila Nunes, a razão que levou seu avô a fazer uso do rádio na difusão de sua fé, foi uma forma de lutar contra a opressão da polícia carioca, que retaliava toda a expressão de cultos umbandistas.¹⁹ A iniciativa pioneira de Átila Nunes o colocou entre os expoentes brasileiros que recorreu ao rádio para difundir seus ideais religiosos e, consecutivamente, legitimar seu movimento e buscar novos adeptos para seu grupo de fé.

5.5 A Legião da Boa Vontade

O carioca Alziro Abraão Elias David Zarur, com ideais ecumênicos, onde segundo seus projetos, seria possível a união de todas as religiões, fundou a instituição religiosa denominada Legião da Boa Vontade. Polêmico e carismático, Zarur tornou-se um pregador popular que propunha uma nova modalidade de religião cristã, cujas bases, segundo ele, eram os Evangelhos e o livro do Apocalipse.

Em 4 de março de 1949, Alziro Zarur passou a fazer do meio radiofônico, com o programa "Hora da Boa Vontade", transmitido pela Rádio Globo do Rio de Janeiro/RJ, o veículo para defender seus ideais de um ecumenismo irrestrito e levava aos ouvintes

¹⁸ Informações extraídas no site da internet

<http://www.mataverde.brasilpodcast.net/boletim/boletim09.htm#vargas> – acessado em 22 dez. 2007.

¹⁹ Idem, endereço eletrônico.

mensagens de fé, esperança e solidariedade. Em suas programações, tocava músicas natalinas em plena metade do ano. Em seguida, vinha a justificativa: “o espírito solidário do natal deve ser permanente, pois as pessoas sofrem e passam fome todos os dias”. A partir do programa “*Hora da Boa Vontade*”, Zarur fundou, em 1950, a LBV. Quanto ao conteúdo doutrinário desta instituição religiosa, assim a classifica Hugo Assmann:

(...) o fundador da LBV, Alziro Zarur, falecido em 1979, defendia um estranho deísmo sincrético, no qual citações bíblicas, uma pitada de apocalíptica, elementos de espiritismo (por exemplo: a fé na reencarnação), o amor sentimentalão a pátria e uma exacerbação ideológica assistencialista se fundiam num cristianismo sem fronteiras. (ASSMANN, 1986, p. 118)

Seu atual presidente, o ex-deputado federal e jornalista Paiva Netto, sucessor de Zarur, dirige a instituição religiosa com diversos programas de rádio e televisão. Segundo informações contidas no site da internet, a presidência da instituição, que, sob comando de Paiva Netto, cresceu cerca de 100.000%, no Brasil e no Exterior, e passou a integrar a Organização das Nações Unidas (ONU).²⁰

5.6 Os presbiterianos

Em 30 de novembro de 1953, o pastor presbiteriano reverendo José Borges dos Santos Jr., passou a apresentar, em São Paulo, o programa evangélico “Meditação Matinal”, que tinha aporte financeiro do Banco Bradesco, cujo presidente, Amador Aguiar, era membro de sua igreja. Não se tratava de uma empresa do ramo financeiro patrocinando um programa evangélico, mas de um empresário crente que destinava parte dos recursos de sua empresa para a manutenção e expansão da programação radiofônica, dirigida por seu pastor e amigo. Inicialmente as mensagens apresentadas pelo rev. Borges, Meditação Matinal, eram levadas ao ar por 5 minutos, às 6h55, pela Rádio Tupi de São Paulo, antecedendo o programa Matutino Tupi que era apresentado por Corifeu de Azevedo Marques. Algum tempo depois passou a ser irradiado pela Rádio Bandeirantes de São Paulo. Certa ocasião, conta Campos, tentaram tirá-lo do ar, mas depois de medidas radicais do banqueiro, que suspendeu os anúncios publicitários de sua empresa na referida emissora, eles reconsideraram a decisão. O

²⁰ Endereço eletrônico na internet: <http://www.lbv.org.br>. Acessado 22 dez. 2007

reverendo José Borges atuou como apresentador do programa até seu falecimento no final dos anos 70. (CAMPOS, 2004, p. 152-3)

5.7 A Cruzada Nacional de Evangelização

Os primeiros pregadores da Cruzada Nacional de Evangelização (CNE)²¹, a partir de 1954, passaram a usar as emissoras de rádio comerciais das cidades por onde passavam, para convidar os moradores da região para comparecerem nas tendas²² que eles armavam para receber as pessoas que participavam das cruzadas evangelísticas, onde pregavam e oravam por milagres de cura divina e exorcismo de demônios. O historiador da Igreja do Evangelho Quadrangular, Julio Rosa relata que quando os representantes do movimento americano chegaram às cidades como Bangu - RJ; Curitiba - PR, Sorocaba, Campinas e São José do Rio Preto - SP, procuraram as emissoras locais, contrataram os préstimos das ditas, inseriam convites para as reuniões e testemunharam dos milagres que estavam acontecendo, o que resultava em celebrações, em tendas lotadas de pessoas dos mais diversos níveis sociais. (ROSA, 1978)

Apesar do pioneirismo no rádio da Igreja do Evangelho Quadrangular, nos EUA, e de encontrarmos relatos de usos esporádicos de emissoras comerciais no interior de São Paulo e de outros Estados, onde promoveram cultos nas tendas itinerantes, não foi encontrado em fontes historiográficas ou outra qualquer, com detalhes com nome de emissora, data, apresentador, etc., que comprove que fizeram uso efetivo e sistemático do sistema radiofônico, na década de 50, como é o caso de outros grupos aqui mencionados.

Em 1956, foi ao ar o programa dirigido pelo ex-ministro e pregador de cura divina da Igreja do Evangelho Quadrangular, Manoel de Mello, tornando-se o mais expressivo programa de rádio de uma igreja pentecostal entre os anos 50 a 70. Sobre este personagem da historiografia religiosa brasileira, trataremos com mais detalhes no capítulo seguinte.

5.8 Os católicos romanos

²¹ Este foi o nome adotado no Brasil pelos missionários americanos Raymond Boatright e Harold Edwin William da Igreja do Evangelho Quadrangular, fundada nos EUA pela missionária Aimee McPherson, com o nome de Four Squarer Church, de quem falaremos com mais detalhes em outro capítulo.

²² As tendas eram feitas de lona, em formato daquelas que são usadas pelos artistas circenses.

Somente no ano de 1955, mais de 30 anos depois da chegada do rádio ao país, é que os católicos romanos brasileiros entraram para o mundo da radiodifusão com o programa apresentado pelo padre Donizetti Tavares de Lima, vigário da pequena cidade paulista de Tambaú, que passou a usar as ondas hertzianas para transmitir bênçãos e promover curas. (CAMPOS, 2004, p.151 ss). Há evidências de que a iniciativa do vigário interiorano era independente, pois não contava com o apoio oficial da cúpula da Igreja Católica Romana, que até 1957 o uso dos MCM pelos fiéis não era recomendado pelo Auto-Clero romano. Relata Brenda Maribel

(...) Pio XII (1939-1958) dará um passo a mais com a encíclica *Miranda Prorsus* – sobre cinema, rádio e televisão, 1957 – que representa a primeira síntese da doutrina da Igreja católica sobre a comunicação de massa. Nesse texto são colocadas as bases do que viria a ser a apropriação dos meios de comunicação por parte da Igreja. Nele sugere que esse uso seja comandado pela hierarquia, controlando moralmente o conteúdo das mensagens e assumido como *dom* de Deus pelos fiéis e agentes pastorais (*Miranda Prorsus*, 1957). Com isso, acena-se para uma visão positiva dos meios, no sentido de poderem ser colocados a serviço de Deus, porque neles é possível a difusão da sua mensagem. Se na primeira metade do século a Igreja mudou de perspectiva sobre os MCM, passando da condenação para a suspeita moral, na segunda metade dá-se outra inflexão: o interesse pelo uso evangelizador dos mesmos. (...) Essa valorização será fruto do Vaticano II, cujo documento *Inter Mirífica* (1963), promulga a aceitação oficial da Igreja dos MCM. (CARRANZA, 2005, p. 206-7)

O modelo burocrático e centralizador da Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) foi um dos responsáveis pelo retardo no uso dos MCM por suas comunidades espalhadas pelo mundo. Com isso, os sacerdotes, que decidiram usar o rádio para promover suas comunidades e apascentar seus fiéis, como o desbravador padre Donizetti, lutavam sozinhos com limitações e oposições internas. Isso acontecia porque simplesmente não havia uma normatização vinda do Vaticano.

Pode-se dizer que além de arcar com as responsabilidades, advindas com a atitude de vanguarda e independência, eles também tinham que “remar contra a maré”. Enquanto que os novos grupos de evangélicos pentecostais, que estavam surgindo no país, possuíam um sistema de governo onde os líderes e fundadores dos movimentos não dependiam da aprovação de outras pessoas para decidir se deveriam ou não utilizar o rádio para propagação de mensagem do Evangelho. (FRESTON, 1993)

6. REFLEXÕES DO CAPÍTULO I

A construção das sociedades, a partir do advento do rádio, tornou-se mais simples e aproximou as culturas. Não obstante, que com a invenção da imprensa por Gutenberg, o mundo já dava um largo passo na direção da diminuição de distância entre os povos, apesar de o modelo gutenbergueano restringir o conhecimento aos letrados, deixando de fora a maior parte da população mundial. Com a invenção e evolução da transmissão de vozes através das ondas eletromagnéticas descobertas por Maxwell e aprimoradas por Hertz, as notícias locais passaram a percorrer o mundo em tempo real, abrindo caminho para a poderosa transmissora de som e imagem que é a televisão.

Entre tantos benefícios que o rádio proporciona aos seus admiradores e consumidores, destacamos, entre a já mencionada agilidade na informação e diminuição das distâncias, o papel social que ele desenvolve levando entretenimento, cultura, consciência política, democracia tanto política como social. O rádio se tornou o meio de comunicação mais democrático, até o seu surgimento, pois ele possibilitava que seus ouvintes, independente de classe social, cor, sexo, religião ou nível cultural tivesse em seus receptores o mesmo conteúdo. O rádio foi o maior avanço na direção da democracia brasileira, pois ele tanto foi usado pelos ditadores como pelos opositores.

No fim dos anos 60, a presença dos grupos evangélicos no rádio era expressiva. Somente na Grande São Paulo, segundo Tarcis Prado, em 1969 estava indo ao ar 64 programas das mais diversas igrejas evangélicas. Encontravam-se divididos entre os grupos nas seguintes proporções: os pentecostais representavam 34,3%; os adventistas e presbiterianos participavam com 9,3% para cada grupo; os batistas tinham 12,5% e os 34,3% restantes estavam distribuídos entre outras diversas denominações que o pesquisador não especificou.²³ (PRADO, 1969)

Foi através desse MCM que os grupos religiosos, entre eles os pentecostais brasileiros, encontraram guarida para seus programas e mensagens evangélicas. É exatamente sobre o uso do rádio pelos evangélicos pentecostais, especificamente sobre o programa radiofônico “A Voz do Brasil para Cristo” e todas as conseqüências de sua

²³ Possivelmente houve um erro do pesquisador, quando fez a transcrição dos números, pois a soma das porcentagens não completa 100%.

radiodifusão é que esta pesquisa se aterá nos próximos capítulos. O foco será os fatos historiográficos do Movimento fundado por Manoel de Mello e o ambiente onde ele aconteceu.

CAPÍTULO II - A IGREJA EVANGÉLICA PENTECOSTAL O BRASIL PARA CRISTO

A década de 50 foi propícia para o surgimento de novos movimentos religiosos no Brasil (FREESTON, 1993), pois a sociedade estava passando por um processo de mudança sócio-econômica, onde havia nas metrópoles uma forte demanda por mão-de-obra desqualificada, com isso o homem rural se desloca para a cidade em busca de oportunidade de emprego e renda. (PEREIRA, 2001). Este e outros elementos sociais e religiosos possibilitaram a expansão do pentecostalismo no território nacional, com a multiplicação dos grupos existentes e surgimento de uma nova corrente religiosa - aquela que chega à residência das famílias através das ondas do rádio. Para melhor compreensão deste fenômeno é necessário fazer um levantamento historiográfico partindo da origem do pentecostalismo e seus principais atores, até o aparecimento de Manoel de Mello, para o cenário nacional, e a fundação da agremiação sob sua régia.

1. A ORIGEM DO PENTECOSTALISMO BRASILEIRO

Os nativos brasileiros, como em todos os países colonizados por europeus, sobretudo os latinos, receberam a influência religiosa cristã católica, em um primeiro momento, e muitos anos depois chegaram os Protestantes Históricos de Missão (PHM)²⁴ que também deram sua contribuição na formatação da religiosidade nacional. Com a organização do pentecostalismo, a partir dos grupos protestantes históricos, a expansão e penetração nos territórios de predominância católica, principalmente na América Latina, deram-se nos trilhos dos protestantes. Isso quando não ocorreu a pentecostalização das referidas igrejas históricas. Portanto, para compreensão do fenômeno religioso denominado pentecostalismo brasileiro, investigado nesta pesquisa, será traçado o caminho percorrido pelos fundadores dos principais grupos estabelecidos no país até o início dos anos 50.

É importante esse levantamento histórico e doutrinário do pentecostalismo, por se tratar de algo proeminente na construção do movimento religioso que foi a célula mãe da

²⁴ O termo “Protestantes Históricos de Missão” (PHM) é empregado pela comunicóloga Magali do Nascimento Cunha para designar as Igrejas Congregacional, Presbiteriana, Metodista, Batista e Episcopal. (CUNHA, 2007, p. 36)

Igreja OBPC, grupo que é objeto deste estudo. Assim, é necessário verificar as manifestações de seus valores e pensamentos dentro do movimento pentecostal moderno, dando uma atenção maior aos grupos que os representam no Brasil, por tratar-se do ambiente onde Manoel de Mello foi doutrinado. Portanto, neste capítulo, será traçada a trajetória historiográfica do pentecostalismo, com partida nas correntes protestantes européias que apontava para uma nova modalidade de religiosidade, cujas bases eram protestantes; até surgir, nos EUA, as primeiras comunidades, que exportaram para outros países, como o Brasil, seus mensageiros que propagaram suas doutrinas e estabeleceram novas congregações.

1.1 A influência de João Wesley no pentecostalismo moderno

Para alguns historiadores, como Jessé Lyman Hurlbut (1990), por exemplo, é complexo atribuir a uma pessoa, um local e uma data como origem única do pentecostalismo moderno. Para ele, os eventos religiosos com características pentecostais foram surgindo no transcurso da história do protestantismo. Moriarty afirma que as raízes históricas do pentecostalismo passam por vários movimentos religiosos, entre eles estão: o puritanismo, o pietismo alemão, os Quakers, de George Fox, o metodismo de João Wesley e o Exército da Salvação. (ROMEIRO, 2004, p. 42). Portanto, dentro dessa linha, sucederá um breve relato histórico de alguns protestantes que antecederam os primeiros pentecostais, onde se encontra a presença de elementos doutrinários que compõem o pentecostalismo moderno, resultando em seu estabelecimento no Brasil. Na obra “O Celeste Porvir”, Mendonça descreve o surgimento do metodismo como um grupo fundado por João Wesley, ministro da Igreja Anglicana da Inglaterra, como resultado da busca por um avivamento, onde a experiência pessoal era um elemento indispensável.

Na segunda metade do século XVII, a Igreja da Inglaterra entrou em declínio. No século XVIII, dá-se o grande avivamento de João Wesley (1703-1791), que já na Universidade de Oxford, onde estudara, manifestara preocupação com a santificação da vida religiosa. Ministro da Igreja Anglicana, estivera na Geórgia onde teve contato com os moravianos, cuja doutrina o influenciou. Em 1738, “converteu-se” em Londres durante uma experiência religiosa. Wesley, por cinquenta anos, viajou por toda a Inglaterra, Irlanda e Escócia, pregando e organizando sociedades metodistas, verdadeiras igrejas, embora não reconhecidas.

Logo, João Wesley e seu irmão Carlos, assim como George Whitefield, grande pregador do movimento, todos clérigos anglicanos, foram proibidos de pregar nas igrejas oficiais, o que não impediu de surgir dentro delas um significativo grupo de adeptos. A teologia do avivamento de Wesley era arminiana, bem nutrida no pensamento de George Bull: a livre graça de Deus em Cristo, salvação livre pela fé no Salvador mediante o convite de Deus ao arrependimento e à fé. (MENDONÇA, 1995, p. 45)

A influência avivalista de João Wesley não se restringiu à Europa, mas como havia um processo de imigração de protestantes ingleses para a América do Norte, os seus discípulos difundiram suas doutrinas na "Nova Inglaterra". O aprofundamento na vida espiritual ensinado por Wesley foi um elemento essencial para o surgimento do movimento americano dos Holiness,²⁵ que, por sua vez, propagou-se no meio dos cristãos estadunidenses, principalmente entre os anos de 1840 à 1940. Enquanto que a doutrina do "batismo com Espírito Santo"²⁶ – principal doutrina dos pentecostais - encontrou no pastor Charles Pharam um expoente na proliferação dos preceitos pentecostais e na promoção de reuniões de oração, onde o principal objetivo era a busca do batismo com Espírito Santo, dando ênfase ao dom de línguas.²⁷

Certamente, o metodismo de Wesley contribuiu significativamente para o surgimento do pentecostalismo moderno, assim como ele e seus companheiros de oração, da Universidade de Oxford, foram influenciados pelas doutrinas pietistas dos Moravianos e do líder luterano Von Zinzendorf. Não se pode dizer que o pentecostalismo moderno tenha como matriz o metodismo Wesleyano, mas na reconstrução da história das referidas igrejas não tem como ocultar a presença de elementos emblemáticos do avivamento americano, que recebeu uma expressiva contribuição, dentre outras, dos metodistas do século XVII.

²⁵ No século XIX organizou-se dentro do metodismo um grupo denominado "Holiness" (santidade), que visava reavivar a fé de seus membros, pois julgavam que os metodistas estavam se afastando das doutrinas estabelecidas por João Wesley. Por isso, ensinava que, para a salvação, era necessária a conversão e, em seguida, uma nova e mais profunda experiência religiosa: o "batismo no Espírito Santo".

²⁶ Batismo com Espírito Santo faz parte da doutrina cristã e consiste em uma experiência espiritual que os cristãos consideram essencial, pois é tido pelos fiéis como o meio pelo qual Deus habilita seus seguidores para viver sua fé.

²⁷ "Dom de línguas" é a expressão popular pentecostal para um dos dons espirituais que alguns cristãos acreditam receber de Deus, através do Espírito Santo, onde os fiéis são habilitados a falar uma língua que eles não conhecem cujo objetivo é a edificação dos crentes. Sendo que esta crença está baseada em ensinamentos bíblicos registrados nos livros do Novo Testamento, sobretudo, em Atos dos Apóstolos capítulo 2 e primeira carta do Apóstolo Paulo da Igreja de Coríntios nos capítulos 12,13 e 14.

1.2 Os movimentos avivalistas estadunidense

O que alguns historiadores do cristianismo chamam avivamento Norte Americano, como o faz Hurlbut (1990), outros, como Freston (1993), preferem nomeá-lo de genealogia do pentecostalismo. Seja qual for o termo que se use, o que de fato é relevante, e a maioria concorda, é que o pentecostalismo foi o fenômeno religioso mais importante do século XX. Como os episódios que envolvem o surgimento do pentecostalismo moderno, estão relacionados à religiosidade dos americanos do norte e não pode passar despercebidos os acontecimentos sociais e religiosos que abarcavam aquela nação no final do século XIX.

Havia uma expectativa, atizada pela virada do século, de que o iminente fim do mundo fosse precedido por um reavivamento do fenômeno glossolálico. A síntese doutrinária que permitiu o surgimento do pentecostalismo como movimento distinto foi alcançada por volta de 1900: as línguas eram a evidência do batismo com o Espírito Santo. Mas o estopim do movimento pentecostal internacional foi o trabalho de um garçom negro nascido como escravo, W. J. Seymour.

Em 1906, Seymour foi convidado a pregar em Los Angeles pela pastora de uma igreja negra “holiness”. Lá, a glossolalia fez sucesso e ele alugou um armazém para sua “Missão de Fé Apostólica”. A novidade e a localização favorável (Los Angeles era a cidade que mais crescia no país, com muitas minorias étnicas e *ethos* de fronteira) logo atraiu os brancos, mas a liderança de negros e de mulheres é marcante nos primórdios do pentecostalismo. Pastores brancos do Sul recebiam as ministrações dos líderes negros. Mas essa convivência inusitada não durou muito. O movimento pentecostal, originalmente concebido como uma renovação das igrejas, solidificou-se em grupos independentes, separados por querelas doutrinárias. Em cada segmento, a separação racial se deu dentro de uma década. Os brancos ordenados na Igreja de Deus em Cristo (predominantemente negra) saíram para fundar a Assembléia de Deus (quase exclusivamente branca) em 1914. (FRESTON, 1993, p. 67)

O avivamento da Rua Azuza, como ficou conhecido, por ser esse o endereço do antigo armazém onde alguns crentes das mais diversas denominações reuniam-se para orações e estudos bíblicos - sobre o “Dia de Pentecostes”²⁸ de Atos 2 e os dons espirituais encontrados nos ensinamentos neotestamentários - serviu de marco para o pentecostalismo

²⁸ Pentecostes é uma festa religiosa judaica que é celebrada cinquenta dias depois de outra festa religiosa do mesmo grupo, a Páscoa. Alguns dias depois da ascensão do Senhor Jesus Cristo, o ressuscitado, iniciou a referida festa judaica e foi em um determinado dia da celebração religiosa que ocorreu a fusão do Espírito Santo sobre os cristãos primitivos que receberam o dom de diversidade de línguas (glossolalia). Este é considerado por muitos bíblicistas como o dia inaugural da Igreja Cristã.

moderno. As pessoas que freqüentavam as reuniões lideradas por Seymour, em Los Angeles esperavam experimentar o batismo com Espírito Santo, onde a evidência do recebimento era o falar em línguas, a glossolalia. Como o movimento estava atraindo diversas pessoas, tornou-se o centro das atenções de diversos grupos de evangélicos e protestantes de várias partes, fazendo com que outras comunidades passassem a se reunir com o mesmo propósito em outros lugares da América, principalmente entre os grupos dos Holiness, que já estavam estabelecidos e organizados em diversos lugares. (ROMEIRO, 2004, p. 42) Assim, diversos cristãos que freqüentavam as reuniões de oração, inclusive imigrantes de diversos lugares do mundo, que ao retornar levaram para sua pátria a doutrina do “Batismo com Espírito Santo”. Dentre eles estavam o ítalo-americano Louis Francescon e os suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren que se dirigiram para a América do Sul onde fundaram as primeiras igrejas pentecostais em solo brasileiro.

1.3 Congregação Cristã do Brasil

Em 8 de março de 1910, chegaram a São Paulo, saídos de Chicago, Estados Unidos da América, os italianos Louis Francescon, G. Lombardi e Lucia Menna com a missão de pregar o evangelho entre os colonos italianos residentes no Brasil e na Argentina. Segundo Francescon, o empreendimento missionário deu-se em obediência ao mandar divino. , “o Senhor fez saber a mim e ao irmão G. Lonibardi que deixássemos o nosso trabalho material, para dedicarmo-nos inteiramente à obra que Ele nos havia preparado; ambos nos encontrávamos em má situação financeira e cada um com seis filhos menores” (FRANCESCON, 1977, p. 18)

Louis Francescon nasceu em 29 de março de 1866, em Udine, na Itália e quando estava com 24 anos emigrou para a América do Norte, onde se juntou a outros italianos que residiam em Chicago, Estado americano de Illinois. Como dominava a arte de mosaico passou a trabalhar naquela cidade para alguns nobres proprietários de palacetes onde empregava seus dotes artísticos, como forma de sustentar sua família. Foi no convívio com o protestantismo americano que ele e outros patrícios tiveram contato com o evangelho, converteram-se ao presbiterianismo e organizaram a primeira Igreja Presbiteriana italiana daquela cidade, que foi descrito por Romeiro nas seguintes palavras:

No mesmo ano, ele ouviu o evangelho através de Miguel Nardi. Em dezembro de 1891, passou pelo processo de conversão. Em março de 1892, com o grupo evangelizado por Miguel Nardi e algumas famílias de fé “valdese” (sic), foi criada naquela cidade a primeira Igreja Presbiteriana Italiana, tendo Filippo Grilli como pastor. Francescon foi eleito um dos três diáconos e, depois de alguns anos, ancião.

No final do mês de abril de 1907, Francescon entrou em contato com o movimento pentecostal através de um pastor americano chamado William Durham, que havia recebido o batismo no Espírito Santo em Los Angeles, em 1906. Assim, Francescon juntou-se ao grupo de Durham, que anunciava a promessa do Espírito Santo. No mês de julho de 1907, a esposa de Francescon foi a primeira a ser selada com o dom do Espírito Santo, falando em língua sueca, e Dora Di Cicco foi a segunda, falando em língua chinesa. Em 25 de agosto do mesmo ano, foi a vez de Francescon. (ROMERO, 2004, p. 48)

Depois da experiência pentecostal, o irmão Louis Francescon (é assim que os membros de sua igreja referem-se a ele) recebeu a santa revelação para se dirigir a América do Sul. Ele e seus companheiros de missão foram incumbidos da tarefa de pregar o evangelho. Ao desembarcarem na capital de São Paulo eles conheceram, na região central da cidade no Jardim da Luz, um italiano ateu de nome Vincenzo Pievani, morador de Santo Antonio da Platina, no norte do Estado do Paraná, que estava de passagem na capital paulista, por isso dois dias depois retornou à sua cidade, levando na memória a mensagem do Evangelho pregada pelos compatriotas que acabara de conhecer. Em 20 de abril de 1910, Pievani recebeu em sua casa, em Santo Antonio da Platina, a visita de Francescon que resultou em sua conversão, assim como da sua esposa e dos nove filhos, culminando com batismo. Dessa forma tem início a primeira igreja pentecostal em solo brasileiro, que recebeu o nome de “Congregação Cristã do Brasil” (CCB). “Estas foram as primícias da grande obra de Deus naquele país”, disse Francescon (1977, p. 23 ss).

Para o sociólogo Emile-Guillaume Léonard, Francescon foi um dos principais nomes do pentecostalismo mundial, pois não apenas contribuiu com o movimento nas Américas, como também na Itália, além de ter se tornado um dos expoentes no pentecostalismo étnico entre os migrantes italianos, constatado no fragmento do texto do referido pesquisador, transcrito abaixo.

Sua história é particularmente interessante, pois é a história da criação, por um homem apenas, de um vasto movimento espiritual que constitui verdadeira vitória sobre o passado: esse homem, o operário italiano Luigi Francescon, teve a glória de realizar, no mundo inteiro, essa Reforma Italiana que o século XVI vira surgir cheia de promessas, para logo em seguida desaparecer. Nascido na província de Udine, em 1866, emigrou para

os Estados Unidos e aí tomou-se protestante; um dos fundadores, em 1892, da Primeira Igreja Presbiteriana Italiana de Chicago, foi um de seus dirigentes até que experiências pessoais e, sem dúvida, alguma influência pentecostista, levaram-no a criar um movimento dessa natureza entre os emigrados italianos. As relações que estes mantinham com seu país de origem foram a causa da expansão desse movimento na Itália, particularmente nas províncias do sul e na Sicília, onde sua enérgica resistência às injunções fascistas lhe concederam extraordinário prestígio, fazendo dele o mais importante de todos os agrupamentos religiosos não católicos. Ao mesmo tempo desenvolveu-se ele no mundo inteiro, particularmente no Brasil, onde a grande imigração italiana formava um meio já preparado e um ponto de partida. (LÉONARD, 1981, p. 346-7)

1.4 Igreja Assembléia de Deus no Brasil

Em 18 de junho de 1911, no bairro Cidade Velha em Belém do Pará, capital do Estado nortista do Pará, foi organizada a segunda igreja evangélica pentecostal no Brasil com o nome de “Missão de Fé Apostólica”, que posteriormente foi substituído pela denominação “Assembléia de Deus” (AD). Assim como os fundadores da CCB a AD também foi implantada por europeus que migraram para a América do Norte, tiveram contato com os avivalistas pentecostais de Chicago que ensinavam sobre o batismo com Espírito Santo com a manifestação do dom de glossolalia e saíram para proclamar o Evangelho, onde enfatizavam a experiência pessoal dos crentes com Deus através dos dons espirituais.

A cidade americana em que o pentecostalismo mais se desenvolveu em seus primeiros anos foi Chicago, onde 75% da população eram de imigrantes ou seus filhos. No final do século XIX e início do século XX, Chicago ocupava a segunda cidade do país em desenvolvimento industrial, o que demandava muita mão-de-obra. Com isso, houve, então, um rápido crescimento das missões pentecostais étnicas. (FREESTON, 1993, p. 68). Atraído pela expansão industrial e prosperidade dos Estados Unidos, no início de 1903, o jovem sueco Gunnar Vingren deixou sua terra natal e foi para Boston, EUA. Em setembro do mesmo ano, mudou-se para Chicago a fim de estudar no seminário batista sueco. O contato com os pentecostais daquela cidade despertou-lhe o desejo de receber o batismo com Espírito Santo, o que conseguiu realizar em 1909 numa conferência na Primeira Igreja Batista Sueca em Chicago, onde Vingren era pastor. Sua experiência dividiu a igreja que pediu seu desligamento do pastorado local. Esse acontecimento o levou a filiação a uma igreja indiana em South Bend. A essa altura dos acontecimentos o Pr. Vingren já havia

conhecido Daniel Berg, seu patrício e futuro companheiro de missões. (ARAÚJO, 2007, p. 34 ss)

Filho de um líder da Igreja Batista, o sueco Daniel Berg, quando contava com 18 anos de idade foi para os EUA onde trabalhou no ramo siderúrgico na função de fundidor de aço. Em Chicago, Berg e seu amigo Vingren, ouviram uma profecia do líder pentecostal Adolfo Ulldion e receberam orientação de Deus para pregar o Evangelho no Estado brasileiro de Belém, que eles não tinham a menor idéia de onde ficava. Em 5 de novembro de 1910, partiram de Nova Iorque rumo ao Brasil, desembarcando no Pará 14 dias depois. Freston diz que os dois jovens suecos vieram para o Brasil sem nenhum sustento financeiro ou apoio denominacional. Ao chegarem a Belém do Pará, foram recebidos por um pastor batista que também era sueco e que havia emigrado para os Estados Unidos.

Após sete meses em Belém, congregando na Igreja Batista, ocorreu um cisma que dividiu a igreja por causa da experiência do batismo com Espírito Santo. Na ocasião do cisma dezenove pessoas foram excluídas e formaram a “Missão de Fé Apostólica” (FRESTON, 1993, p. 70), onde a ênfase era o batismo no Espírito Santo com falar em línguas. Entre as dezenove pessoas que saíram da Igreja Batista estava Celina de Albuquerque, considerada a primeira pessoa brasileira a receber o batismo com Espírito Santo. (ROMEIRO, 2004, p. 51)

1.5 Igreja do Evangelho Quadrangular

Havia passado mais de quarenta anos sem que nenhum novo grupo pentecostal se formasse no Brasil, exceto o que resultou do cisma dentro da própria AD com a formação da Convenção Nacional das Assembléias de Deus de Madureira, no Rio de Janeiro, no ano de 1924, liderada pelo gaúcho Paulo Leiva Macalão (D’AVILA, 2006, p. 51). Em 1951 chegou no Brasil o missionário americano Harold Edwim Williams, que havia atuado anteriormente na Bolívia, com a tarefa de promover cruzadas evangelísticas no país, nos padrões da Igreja pentecostal americana “*Four Square Gospel*”. A CNE ou Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ), como é conhecida hoje no Brasil, foi a primeira igreja pentecostal realmente americana²⁹ a, literalmente, fincar as estacas de suas tendas no país e estabelecer o início do

²⁹ Os dois primeiros missionários da CNE a atuar no Brasil eram nativos estadunidenses, diferente dos fundadores da CCB e AD que vieram dos EUA, mas eram europeus.

movimento pentecostal de cura divina ou, como classifica Freston (1993, p. 64-66) e Mariano (1999, p. 28-33), a “segunda onda do pentecostalismo no Brasil”. Acerca das origens desta igreja, diz ainda o Freston:

A IEQ foi o estopim da segunda onda. Das seis grandes igrejas pentecostais no Brasil é a única de origem realmente norte-americana. E mesmo assim, foi fundada por uma canadense. A International Church of the Four-Square Gospel nasceu numa Los Angeles que era a meca de grupos religiosos exóticos e da crescente indústria do entretenimento. A fundadora, Aimee Semple McPherson, apresentou o pentecostalismo numa roupagem adequada a essa mistura do que havia de mais moderno e bizarro nos anos 20. É a única grande denominação cristã iniciada por uma mulher. Nascida no Canadá em família metodista, Aimee teve uma experiência pentecostal aos 17 anos, logo em seguida casando-se com o pregador da ocasião. Após uma estada como missionária na China, onde perdeu o marido, casou-se novamente, mas deixou o segundo esposo para se lançar numa carreira de pregadora. Adquiriu uma tenda de lona e atravessou os Estados Unidos de carro, lotando auditórios para sessões de cura divina. Já que “a vida de Aimee se passava como uma fita de cinema, cheia de aventuras”, talvez fosse inevitável que acabasse se estabelecendo perto de Hollywood (1922). (FRESTON, 1993, p. 82):

O missionário Williams fazendo uso dos mesmos métodos utilizados por sua líder e fundadora da denominação para quem ele trabalhava, com suas tendas móveis e os programas de rádio, difundiu a mensagem pentecostal tradicional acrescida do elemento cura. Nas reuniões que organizava, ele não apenas pregava o batismo com Espírito Santo, a salvação através de Jesus Cristo e a Sua eminente volta, como também, anunciava e orava para que os enfermos fossem curados, assim como fazia Jesus e os seus apóstolos. A mensagem pentecostal sofreu uma alteração em seu conteúdo com a chegada e estabelecimento da CNE. Assim como os demais pentecostais de origem americana, a igreja e os líderes da CNE incentivavam os membros a experimentar os dons espirituais. Não era tão importante o conceito clássico da teologia, mas com a prática cristã a partir dos dons espirituais que todos tinham direito, bem como as conseqüentes bênçãos advindas das ditas dádivas.

O nome Quadrangular tem sua origem na crença e pregação de uma mensagem onde Jesus Cristo promove a salvação, o batismo com Espírito Santo, curas e seu preclaro retorno, que estão representados na atual logomarca ou escudo da denominação pela Cruz que simboliza a morte de Cristo, para dar a Salvação; Pomba que simboliza o batismo no Espírito Santo; Cálice que simboliza a cura divina e uma coroa que simboliza a volta de Cristo para

reinar eternamente. Romeiro constatou que a inspiração inicial veio de uma hermenêutica feita por Aimeé do texto bíblico de Ezequiel 1.4-28 que concluiu que o homem, o leão, o boi e a águia, encontrados no referido escrito, todos representavam Jesus e seu ministério onde Ele é o salvador, batizador no Espírito Santo, curador e o rei que retornará para buscar seus fiéis. (ROMEIRO, 2004, p. 53).

A implantação da denominação em território brasileiro serviu de escola para novos líderes pentecostais nacionais, entre eles Manoel de Mello. Com início oficial das atividades em 15 de novembro de 1951, na cidade de São João da Boa Vista, interior de São Paulo, através do missionário William e dos cultos de avivamento promovidos por ele e seu compatriota, Raymond Boatright, na Igreja Presbiteriana Independente do Cambuci, pastoreada pelo Rev. Silas Dias, situada na Rua Barão de Jaguará, zona sul da capital paulista, que posteriormente foi se estendendo pelos mais diversos bairro da cidade através das tendas móveis (ROSA, 1978). A CNE serviu de laboratório para Mello que, após atuar pouco mais de dois anos no referido movimento, saiu para organizar a sua própria igreja.

2. “VAMOS GANHAR O BRASIL PARA CRISTO”

A Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil Para Cristo foi fundada em 3 de março de 1956, na Vila Barreto, no bairro de Pirituba, zona oeste da capital de São Paulo, pelo Missionário Manoel de Mello. Trata-se da primeira igreja evangélica genuinamente brasileira, por ter sido constituída por um nativo nordestino, o que não foi o caso das demais denominações evangélicas ou protestantes que haviam se estabelecido no país, cujas matrizes ou fundadores eram de procedência americana ou européia.

Em 1929, em um povoado de agricultores denominado Engenho Amoroso, situado no município de Água Preta, distando 150 quilômetros da capital do Estado do Pernambuco, vivia a numerosa família de João de Mello Silva, quando no dia 20 de agosto daquele ano, sua esposa, Doralina Soares da Silva, deu a luz a mais um filho, o sétimo, cujo nome dado foi de Manoel de Mello e Silva. O patriarca da família supria as necessidades financeiras dos seus trabalhando na agricultura e, como seus pais, professava a fé cristã católica romana; enquanto a matriarca converteu-se ao pentecostalismo e tornou-se membro da Igreja Evangélica AD. Não se sabe exatamente quando ocorreu a mudança de religião de Doralina, mas quando Manoel nasceu ela já era uma assídua freqüentadora dos cultos evangélicos.

Diferente do que sucedia com João, que era apenas um católico nominal, não tinha o hábito de freqüentar sistematicamente as celebrações de sua igreja. Dentre outros motivos, pode-se atribuir a maior influência materna na formação religiosa dos filhos do casal Silva, que não apenas os catequizavam, mas também levava sua prole aos cultos e demais atividades da pequena congregação da Igreja AD que estava estabelecida naquele vilarejo.

Embora, como de costume, o pai tenha contratado um amigo para ser padrinho de batismo de Neco - apelido que Manoel recebeu dos irmãos mais velhos - quando o menino contava com três anos de idade, rebelou-se contra a decisão do pai de batizá-lo e recusou-se a iniciação católica romana afirmando ao pai e padrinho que era “quente”. (LYRA, 1960, p. 6) A opção religiosa de Neco, sob orientação espiritual de sua mãe, levou o garoto a desenvolver suas habilidades como pregador mirim, algo comum entre os pentecostais das mais diversas ramificações, tornando-se atração em sua comunidade.

Como já mencionado anteriormente, na década de 40, parte da população residente nas zonas rurais estava migrando para as metrópoles em busca de oportunidade de emprego nas indústrias e construção civil. Seguindo esta tendência sócio-econômica, no final do ano de 1947, depois de uma longa viagem do Recife à capital do Brasil, Rio de Janeiro, o jovem Manoel de Mello com dezoito anos de idade, sua noiva Ruth Lopes, os futuros sogros João Lopes e Maria Madalena e os futuros cunhados Isaac e Elias Lopes, desembarcaram do navio Duque de Caxias no porto fluminense. Ficaram na cidade carioca apenas o tempo suficiente para embarcarem em um trem que os levaria à capital paulista. Em São Paulo, estabeleceu-se no bairro paulista de Vila Eutália, na zona leste da cidade, onde Neco se empregou na construção civil, como pedreiro, e passou a freqüentar a Igreja AD no bairro de Vila Carrão. Depois de seis meses congregando na referida igreja foi consagrado ao diaconato,³⁰ o que lhe conferiu autoridade e liberdade dentro das igrejas como pregador pentecostal. Em 16 de setembro de 1950 contraiu matrimônio com Ruth Lopes com quem permaneceu casado até seu falecimento.

Quando estava com 23 anos de idade, Manoel de Mello foi acometido por uma enfermidade diagnosticada como “diverticulite” que paralisou seu intestino. Segundo relato da família a patologia ocasionou o desengano por parte de um médico contratado por eles para cuidar do moribundo. Diante da calamidade a esposa solicitou a presença do Pr. Cícero

³⁰ Nas igrejas pentecostais, sobretudo AD, o diaconato é um ofício exercido pelos diáconos, que são pessoas separadas e consagradas pelos pastores para atender as necessidades sociais da comunidade, sendo comum eles atuarem também nos exercícios de tarefas pastorais, tais como: visitas aos membros, direção de cultos, pregações, etc.

Canuto de Lima ³¹ afirmou de que ele orasse pelo moribundo. Depois da oração e unção com óleo Mello foi milagrosamente curado. Esse prodígio motivou Manoel de Mello a pregar e orar por cura divina. (MELLO, 2006, p. 28)

O carisma de Mello e a habilidade em pregar o tornaram conhecido entre os membros e direção da AD, o que resultou em sua nomeação a dirigente de uma congregação.³² O estilo de pregação e forma com que Mello conduzia o grupo que estava situado no bairro de Itaquera, zona leste da cidade de São Paulo, sobretudo o ocorrido com a suposta cura de uma criança que foi levada pela mãe, como morta, em um culto dirigido por Mello, que orou e ela saiu andando. Conta-se que este acontecimento provocou um alvoroço entre os moradores do bairro, que resultou em um culto em frente ao templo com Mello usando a carroceria de um caminhão como palanque para sua prédica. A biógrafa do referido personagem afirma que esta atitude do diácono assembleiano desagradou o presidente da sede, Pr. Cícero, que providenciou seu afastamento das atividades ministeriais e consecutiva direção da referida congregação³³ (MELLO, 2006, p. 30).

Mello e sua esposa, Ruth, contavam com a amizade do jovem pastor Metodista Geraldino dos Santos e sua esposa, Edith, que estavam atuando com os missionários americanos da CNE - inclusive já havia pregado na congregação da AD que Mello dirigia, em Vila Eutália. Desta amizade nasceu uma sociedade numa empresa de asfalto. Quando ocorreu o afastamento de Mello da AD, ele decidiu que iria integrar-se ao mesmo grupo pentecostal que seu amigo Geraldino havia aderido, onde foi recebido pelos missionários americanos, da CNE, Williams e Boatright que iniciavam suas atividades religiosas na cidade de São Paulo. (MELLO, 2006, p. 28 ss).

³¹ O Pr. Cícero Canuto de Lima (1893-1982) foi presidente da Convenção Geral das AD no Brasil por três mandatos e ficou a frente da Igreja Sede no bairro do Belenzinho, na capital paulista, por 34 anos. Atualmente é sede nacional da mesma igreja pentecostal fundada pelos suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren na cidade de Belém, capital do Pará. (ARAÚJO, 2007, p. 423-4)

³² “Congregação” é o nome dado por algumas denominações evangélicas para as pequenas comunidades que somente atingem o status de igreja quando alcança um determinado número de fiéis, por exemplo, entre os Batistas é uma congregação todo grupo que tem um número menor que 50 membros. Após alcançar essa marca e ter condições financeiras de se manter, então recebe a autonomia e deixa de ser congregação para se tornar igreja. Entretanto os critérios usados pelos diversos grupos são diferentes.

³³ A atitude do presidente e pastor Manoel de Mello é justificada porque dentro do modelo empregado pela AD brasileira, existiam algumas atividades eclesásticas que eram restritas a pastores e presbíteros. No caso de oração com imposição de mãos sobre os enfermos era atribuída a oficiais como pastores e presbíteros, sendo que aos diáconos era vedada essa prática. Mesmo sabendo disso, Mello não apenas orava pelos enfermos como também mudou o modelo litúrgico empregado pelas igrejas AD, rebelando-se contra o sistema.

Na CNE Manoel de Mello foi ordenado a Ministro, pelo missionário Williams, onde por aproximadamente três anos atuou como evangelista, pregando e orando pelas pessoas em várias partes do país. Uma das últimas campanhas evangelísticas da CNE que Mello participou, iniciou em maio de 1955, na cidade de Curitiba, capital paranaense, que foi organizada pelo Pr. Júlio Rosa, que levou uma tenda para aquela cidade. Nesta cruzada Mello era o principal pregador e era anunciado nas chamadas comerciais em emissoras de rádio da região, como o homem que havia ressuscitado, pois na infância ficara morto por 1 hora e 45 minutos. (ROSA, 1978, p. 88).³⁴

No final do ano de 1955, Mello anunciou seu desligamento do grupo liderado por Williams, em virtude de desentendimento com os líderes da Cruzada. Este acontecimento o deixou livre para iniciar seu próprio empreendimento religioso. Assim, convidou seus familiares, alguns amigos da CNE e da AD para participarem de uma reunião que aconteceria na tarde de um domingo em sua residência, no bairro de Pirituba, zona oeste da capital paulista. Para os amigos e familiares de Mello, o motivo de sua discórdia com os líderes da CNE girava em torno da celebração da Ceia³⁵, pois para os missionários americanos qualquer pessoa presente no culto podia participar dos elementos sacramentais, enquanto que para Mello, tratava-se de algo restrito aos membros da igreja que fossem batizados (MELLO, 2006, p. 33); entretanto para Freston, as razões que o levaram a deixar o movimento evangelístico das tendas, foi o fato dela pear seu ministério (FRESTON, 1993, p. 87). O que se tem de concreto é que ele não apenas deixou a CNE e passou a liderar um grupo independente que ficou usando a tenda situada na Vila Carrão, onde Manoel e seu irmão Artur de Mello dirigiam os cultos da CNE, como também, alguns meses depois, em 3 de março de 1956, fundou oficialmente a “Igreja de Jesus Betel O Movimento do Caminho” e foi registrada em 1958 com o nome de Igreja Evangélica Pentecostal, que tinha um departamento de evangelização denominado “Cruzada nacional de Evangelização O Brasil

³⁴ O historiador quadrangular, Júlio Rosa, diz que os integrantes desta cruzada, principalmente Manoel de Mello, foram perseguidos pela imprensa e até por alguns líderes de igrejas protestantes, acusando-os de charlatanismo. O jornal “O Diário do Paraná”, para desmoralizar o empreendimento, escreveu em uma matéria que Mello era “um santo de cabeleiras, com ares de galã do cinema mexicano e o mais vulgar estilo radiofônico” (ROSA, 1978, p. 95)

³⁵ “Ceia” ou “Santa Ceia” é o nome dado a uma prática evangélica que faz parte dos sacramentos, equivale a “Eucaristia” da Igreja Católica Romana. Na celebração evangélica é utilizado o pão, que representa o corpo de Jesus, e o vinho, como símbolo do sangue de Jesus Cristo. Na maioria das igrejas esta celebração é realizada uma vez por mês, sendo uma das exceções a CC que distribui a Ceia apenas uma vez ao ano. Em igrejas como a AD e OBPC, assim como na maioria das denominações evangélicas históricas, somente podem participar desta celebração e dos elementos as pessoas que são batizadas e estão em comunhão com a comunidade onde estão agregadas, ou seja, aqueles indivíduos que são membros e não estão suspensos de suas atividades por algum ato de indisciplinar.

para Cristo”. Somente em 1974 oficialmente aderiu o atual nome, Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo.

Por ocasião da primeira assembléia com os primórdios da Igreja OBPC, reunida na cozinha de dona Ruth de Mello, Manoel disse, para as 40 pessoas que ali se encontravam que naquele momento estava se cumprindo uma profecia revelada por Deus quando ainda era uma criança, pois disse ele:

Naquele tempo eu era uma criança e não poderia compreender muito bem o que via, porém já tinha entendimento para saber que vinha de Deus. Durante todos esses anos tenho jejuado e orado pedindo esclarecimento e orientação divina. Sempre soube que Deus tinha um plano para a minha vida e sinto que até agora Ele estava me preparando para isso. Agora eu sei que essa visão foi uma ordem de Deus! Chegou o momento do Senhor fazer a obra. (MELLO, 2006, p. 35)

Com a divisa “Vamos ganhar o Brasil para Cristo” teve início o movimento pentecostal de cura divina liderado por Mello, que posteriormente, após o sucesso do programa de rádio “A voz do Brasil para Cristo”, passou a denominar-se “Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil Para Cristo”.

Antes da abordagem sobre o papel do rádio na construção da imagem de Mello e o movimento pentecostal que ele promoveu, é relevante mencionar a presença de outros grupos pentecostais, sobretudo daqueles que foram nos seus rastros usando o mesmo modelo de evangelismo tanto de cura divina como os MCM para expansão de seus ministérios. Entre eles, o pesquisador dos movimentos religiosos latinos, Carmelo Alvarez, em sua análise sobre o pentecostalismo na América Latina, destaca:

Otras denominaciones de origen nacional que emergieron en esa época, y en los años siguientes, fueron: Iglesia Evangélica Pentecostal Unida (1961), Iglesia Pentecostal Dios es Amor (1962), Bautistas Renovados (1970) y Presbiterianos Renovados (1972). Más recientemente, 1976, surgió la Iglesia Universal del Reino de Dios, que se ha constituido en un nuevo movimiento pentecostal que está teniendo gran éxito en el trabajo evangelístico, el cual posee algunas emisoras de radio y una de televisión. (ALVAREZ, 1992, p. 25)³⁶

³⁶ Outras denominações nacionais que emergiram nessa época, e nos anos seguintes, foram: Igreja Evangélica Pentecostal Unida (1961), Igreja Pentecostal Deus é Amor (1962), Igrejas Batistas Renovadas (1970) e Igrejas Presbiterianas Renovadas (1972). Mas recentemente, 1976, surgiu a Igreja Universal do Reino de Deus, que se constituiu em um novo movimento pentecostal que está tendo grande êxito no trabalho evangelístico, a qual possui algumas emissora de rádio e uma de televisão. (Tradução do pesquisador)

3 A INFLUÊNCIA DO RÁDIO NO MINISTÉRIO DE MANOEL DE MELLO

A ascensão de Manoel de Mello não pode ser atribuída apenas aos programas de rádio, uma vez que este foi somente o emissor de uma proposta que caracterizava sua visão, sonhos e projetos. Inegavelmente outros fatores contribuíram para que tanto ele como a sua denominação religiosa, a reboque da programação radiofônica, fossem bem sucedidas. Pode-se afirmar que sua atuação carismática e a percepção de oportunidade que havia para uma proposta religiosa que alcançasse as classes mais pobres do País, principalmente daqueles que residiam nas periferias dos grandes centros urbanos, foram tão importante quanto o MCM utilizado pelo líder pentecostal pernambucano. Em 1968, recém chegado da sua primeira participação em uma reunião ecumênica realizada em Upsália, Suécia, onde ficava sediado o Conselho Mundial de Igrejas (CMI), a quem posteriormente filiou sua Igreja, conforme veremos adiante, ele deu uma entrevista ao *Jornal Expositor Cristão* - órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil - onde demonstrou o quanto estava sintonizado com as características do povo brasileiro. Quando o entrevistador solicitou que fizesse uma análise do evangelismo brasileiro, em seus 16 anos de liderança da Igreja OBPC, ele respondeu:

Havia necessidade naquele tempo, a 16 anos atrás, de se trazer ao Brasil uma nova mentalidade sobre culto. O culto era realizado pelo pastor e o povo não participava. Conclusão: era preciso criar no Brasil um sistema de culto onde o povo participasse. Como qualquer movimento inovador, também o meu foi muito atacado no começo. E reconheço que fiz muita coisa radical que hoje não faria. Mas, percebi que o culto participado, é o culto que o povo gosta. (EXPOSITOR CRISTÃO, nº 19, 1968, p. 4, 11)

Mello tinha razão, no que diz respeito à característica participativa do povo, pois para William Read uma das razões que justificou o rápido crescimento dos grupos pentecostais no Brasil, entre as décadas de 30 e 60, foi a possibilidade que os fiéis tinham de expressar suas emoções nas celebrações, e não apenas assistir ao culto, como era comum entre os grupos evangélicos (READ, 1967, p. 218). Entretanto as propostas de Mello se tornaram conhecidas pelas massas brasileiras graças ao rádio, pois foi através de programações que foram ao ar pelas ondas sonoras das emissoras por onde ele passou, é que seu movimento se popularizou. Seguir-se-á nos próximos parágrafos algumas considerações feitas por Mello, acerca da relevância do rádio, e a influência que este instrumento de comunicação exerceu no

movimento pentecostal que ele fundou e dirigiu até meados dos anos 80, assim como alguns indícios de que ele tinha consciência do real papel deste MCM no seu ministério, pois soube usá-lo e se beneficiar tanto no âmbito religioso como social. Em uma entrevista dada a Revista ISTOÉ, em 1984, Mello fez a seguinte declaração, acerca da relevância do rádio para seu ministério: “O rádio é fundamental para o progresso de nossa igreja (...). Esta é a arma mais fantástica já surgida para evangelização.” (ASSMANN, 1986, p.129)

3.1 A relação entre os programas radiofônicos e a manipulação dos ouvintes

Para teóricos da comunicação, como Theodor Adorno, da Escola de Frankfurt, o rádio, apesar de democrático – por ser acessível a todos que possuem um aparelho - possibilita que pessoas manipulem seus ouvintes fazendo-as crer no que elas estiverem falando, pois se trata de um meio de comunicação que não permite a interação de seus ouvintes, (hoje isso não é mais verdade) tornados meros receptores cuja mensagem que lhe são entregues possa levá-los a formulação de valores distorcidos (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 114), entretanto não se pode ocultar o fato de que todas as sociedades, inclusive não religiosas, seja para o bem ou para o mal, ora são manipuladas, ora são manipuladoras.

3.2 O programa “A voz do Brasil para Cristo”

Na década que antecedeu o advento do pentecostalismo de rádio, já era irradiado pela Igreja Adventista o programa denominado “A Voz da Profecia”,³⁷ que desde 1943 transmitia programação para a população de língua portuguesa, na voz do pastor Roberto Rabello, a partir de estúdio que funcionava na Califórnia, EUA. (AZEVEDO, 1977, p. 69, 70). Como esse foi o primeiro programa que trazia em seu nome a proposta de ser uma “voz” a proclamar uma mensagem religiosa, seguido por Mello, que pretendia se a “voz” de uma denominação religiosa que desejava alcançar a população brasileira para Cristo pode-se afirmar, que o primeiro grupo serviu, pelo menos no nome do programa, de modelo para o líder pentecostal nordestino.

³⁷ O programa “The voice of Prophecy” nasceu na Califórnia, EUA, em 1937 sob a coordenação do pastor adventista H.M.S. Richards operando com estudos bíblicos por correspondência. (AZEVEDO, 1977, p. 62)

O programa “A voz do Brasil para Cristo” foi ao ar pela primeira vez em janeiro de 1956, às 10 horas, através das ondas da Rádio Piratininga de São Paulo,³⁸ servindo para Mello de canal de comunicação com os fiéis e divulgação dos empreendimentos evangelísticos que ele promovia, onde os assistentes recebiam orações para serem curados.³⁹ Inicialmente, os ouvintes do programa “A voz do Brasil para Cristo” eram convidados para participar de celebrações com orações pelos enfermos, nos seus templos localizados em Pirituba, zona oeste e na Avenida Conselheiros Carrão, 3313, zona leste da capital paulista. Com o grande afluxo de pessoas para os referidos locais, Manoel de Mello, que já havia se auto-intitulado “missionário”, percebeu que a falta de recinto para os cultos com grande número de pessoas, poderia ser resolvida com o uso de tendas, como fazia na CNE, e de lugares públicos como praças, ginásios de esporte e estádios de futebol e alguns espaços culturais como teatros e cinemas que estavam situados na região central da cidade de São Paulo. Na tentativa de aproximar-se dos fiéis que tinham acesso a região central da capital paulista, ele locou, o então popular Teatro de Alumínio, que estava situado na Praça das Bandeiras, que era destinado a espetáculos teatrais e shows, pagando por noite de uso a soma de CR\$ 3.500,00 (Três mil e quinhentos cruzeiros), o equivalente a aproximadamente 10 salários mínimo.⁴⁰ Em 26 de março de 1956, uma segunda-feira, às 20 horas, ele inaugurou a fase de cultos em espaços públicos. Para levar as pessoas àquele lugar ele anunciava nos programas da Rádio Piratininga e mandou confeccionar panfletos, que trazia como chamada a seguinte frase: “Deus está curando os doentes” (MELLO, 2006, p. 42 ss).

Mello locou um espaço na Galeria Prestes Maia, centro da cidade de São Paulo, onde passou a funcionar o escritório do movimento, o centro de atendimento espiritual e culto diurnos. Foi em um desses cultos que Mello foi procurado por Carlos Espera, jornalista e apresentador de um programa de entrevistas da Rádio Tupi de São Paulo,⁴¹ para participar

³⁸ A emissora nasceu no lugar da Rádio Cruzeiro do Sul em 1934 e naquela época São Paulo já tinha 1.060.000 habitantes. Uma característica da Rádio era a "Hora certa" transmitida diretamente do Mosteiro de São Bento - e lá se ouviam as badaladas do sino, e voz do radialista Salomão Esper. Encerrou suas atividades em 1971.

³⁹ Antes de Mello, o padre Donizetti, da cidade de Tambaú, interior de São Paulo, usava o rádio para abençoar os ouvintes, que eram convidados a colocar um copo com água sobre o aparelho de rádio e depois da impetração da bênção eles bebiam a água benta, assim muitos fiéis testemunharam ter recebido a muitas doenças. Fonte: site da internet www.padredonizetti.com.br – acessado em 22 mar. 2008

⁴⁰ Os recursos para pagamento destes eventos eram arrecadados nas reuniões onde era pedido donativo em dinheiro para continuidade das atividades radiofônicas e nos espaços locados.

⁴¹ A Rádio Tupi fazia parte do complexo empresarial – Diários dos Associados, hoje chamado, Grupo Associados, que era presidido por Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo. Jornalista, advogado e político, nascido em 05 de outubro de 1892, na cidade de Umbuzeiro, no estado da Paraíba. Mais conhecido como Chatô. Partiu dele, a idéia de os acionistas assumirem suas posições não mais por herança e sim por meio de eleições, e o Condomínio foi criado.

de um programa onde ele seria entrevistado, ao vivo. O convite foi aceito e Mello aproveitou o ensejo para fazer uma proposta de locação de espaço na emissora para transmissão da “Voz do Brasil para Cristo”. Depois de intensas negociações e resistências internas, a direção da emissora fez um contrato com Mello. Inicialmente na Rádio Tupi, “A voz do Brasil para Cristo” tinha 13 minutos de duração e ia ao ar às 06h30, seguido pelo programa de 5 minutos apresentado pelo pastor Presbiteriano Rev. José Borges dos Santos Junior, que antecedia o famoso programa de radiojornalismo, “Matutino Tupi”, comandado pelo lendário Corifeu de Azevedo Marques (CAMPOS, 1997, p. 271). Diz Levy Tavares que quando Marques soube que haveria um programa pentecostal antecedendo o seu, fez oposição dentro da emissora, pois temia que afetasse sua audiência. (TAVARES, 2007). Com a transferência da programação do pastor presbiteriano para a Rádio Bandeirantes nos anos 60, Mello passou falar por 30 minutos diários. Na época, a Rádio Tupi era uma emissora líder de audiência em São Paulo e com penetração em todo território nacional, através das ondas curtas. O programa da igreja de Mello permaneceu na emissora até o encerramento das suas atividades ocasionadas por falta de recursos financeiros, que segundo matéria publicada no Jornal “O Estado de São Paulo” em 02/08/81, a falência da emissora foi retardada por pelo menos 10 anos graças à presença de programas das Igrejas OBPC e IPDA.

Mesmo com contrato firmado com a Rádio Tupi, Mello manteve seu programa na Rádio Piratininga, no entanto, o alto custo do espaço na mídia radiofônica e os poucos recursos (CAMPOS, 1997) o levaram a buscar recursos para pagamento das despesas através da programação, com pedidos de donativos em dinheiro para os ouvintes. O meio encontrado por Mello para manutenção do programa não agradou aos diretores da Rádio Piratininga, que pediram o rompimento do contrato (TAVARES, 2007). Em virtude deste acontecimento, Mello e seu assistente Tavares encontraram guarida na Rádio América, cujos diretores eram Salomão Esper e seu irmão, onde permaneceram até 1967 quando a emissora foi vendida para a ICAR e a nova proprietária não desejava manter a referida programação. Escreveu Carranza:

Dez anos depois, a Rádio América será comprada (1967) pelos padres paulinos, recebendo um impulso tecnológico e empresarial. Em 1978 passaria a liderar o mercado radiofônico de São Paulo, sucesso ao que parece

devido à escolha do público jovem e ao aumento da programação musical. (CARRANZA, 2005, p. 214)

O movimento conduzido por Mello logo passou a colher os frutos, pois o rádio, além de ser um instrumento eficiente e adequado para expansão religiosa, também é um veículo nivelador, proporcionando aos ouvintes uma oportunidade igualitária. “Além do mais, o rádio permite uma perfeita sintonia entre a mensagem oralmente pregada e a existência de uma civilização pré-letrada.” (CAMPOS, 1999, p. 126). Freston ressalta o sucesso imediato que a Igreja OBPC teve como resultado do pioneirismo de Mello ao levar os eventos sagrados dos pentecostais para lugares considerados profanos pelos seus pares religiosos (FRESTON, 1993, p. 88).

O programa “A voz do Brasil para Cristo” era apresentado por Manoel de Mello, entretanto, em virtude de compromissos e viagens era comum a presença de outros locutores, entre eles estavam o Pr. Levy Tavares, Pr. Alfredo Rachid, Pr. Geraldino dos Santos, Pr. Orlando Silva, além do auxílio de seus jovens filhos Boaz e Paulo Lutero de Mello, e novos líderes como Luis Fernando Bergamin, Antonio Castor, Jair Lucas e tantos outros que compõem a atual liderança da denominação.

3.2.1 O modelo de programação

A programação iniciava com a música “Desperta Brasil”, seguida pela frase “A paz do Senhor, prezados ouvintes” ou “Bom dia amados ouvintes”. Quanto à seqüência era imprevisível, pois como Mello não preparava um roteiro com antecedência, falava de improviso, procurando sempre assuntos atuais para tratar. O programa que foi ao ar, na voz de Mello, no dia posterior ao incidente ocorrido com a demolição do templo construído em área pública, com concessão do prefeito de São Paulo, conforme será tratado no capítulo 4, e foi destruído sob ordem do mesmo é um exemplo disso. Segue fragmentos da apresentação:

“Prezados ouvintes, a partir deste instante, 6:30 horas da manhã do dia 15 de maio de 1959, a Rádio Tupi de São Paulo passa a apresentar para todo o Brasil A Voz do Brasil para Cristo”.

Muito bom dia, na paz do Senhor. O nosso coração e a nossa alma estão profundamente abatidos pelos acontecimentos registrados nesta madrugada, na maior cidade do Brasil, São Paulo, envolvendo a nossa igreja, em desrespeito a Cristo e à própria Constituição do país”.

”.... e a esta hora, amados ouvintes, lá não existe mais nada, a não ser alguns guardas que estão rodeando o local. Nada, nada restou! O templo material, a construção material da nossa igreja foi violentada, derrubada, destruída, com tudo o que havia dentro!”

”Amados ouvintes, as providências jurídicas já estão sendo tomadas e aguardaremos o desenrolar dos acontecimentos. Eu apelo para os pastores de todas as denominações evangélicas, pois não apenas os direitos do Missionário e de sua igreja foram vilipendiados, mas os direitos de todas as igrejas evangélicas do Brasil. Unamo-nos no ideal do bem, defendendo os nossos direitos, para que não sejamos espezinhados e satanás venha a triunfar sobre a obra de Deus”. (MELLO, 2006, p. 66-7)

3.2.2 O rádio e as ações sociais

Mello demonstrou preocupação com as questões sociais, o que ficará mais claro quando for tratado o seu envolvimento com os movimentos ecumênicos no capítulo 3, e os programas radiofônicos da Tupi também serviu para esse fim. Em fevereiro de 1966, os moradores do Estado da Guanabara foram vítimas de chuvas o que provocou um estado de calamidade pública. A empresa de comunicação dos Diários Associados, proprietária da Rádio Tupi, promoveu uma campanha intitulada “Rio, nós estamos com vocês” e Mello levou sua igreja a adesão do movimento, angariando alimentos, roupas e medicamentos para os flagelados. Ele fez dos seus programas um meio de apelar aos ouvintes que trouxessem os produtos necessários para socorrer os irmãos fluminenses, e a resposta foi tão positiva que mereceu destaque do Jornal do Comércio que fez o seguinte comentário:

15 mil pessoas, todas pertencentes a Igreja OBPC, após se reunirem na Praça da Sé, comandada pelo missionário Manoel de Melo (sic) e pelos pastores Geraldino dos Santos e Levy Tavares, rumaram para a sede dos “Associados”, percorrendo a rua 15 de Novembro, rua Líbero Badaró, viaduto do Chá e Conselheiro Crispiniano. Era a “Marcha da Fé”, espetáculo de solidariedade e ajuda aos flagelados da Guanabara. (MELLO, 2006, p. 148-9)

3.2.3 As críticas feitas ao regime de militar

Em sua tese de doutorado, cujo título é “Protestantes e Política no Brasil”, Freston diz que “nos anos 60 Mello ficou conhecido como um líder pentecostal que criticava o governo militar, lutava pela justiça social e tinha uma visão ecumênica.” Ele termina o parágrafo fazendo a seguinte pergunta: “Quanto disso é verdade?” (FRESTON, 1993, p. 90). A biógrafa

de Mello afirma que ele esteve detido por 27 vezes, (MELLO, 2006, p. 83) o que não é possível averiguar porque não eram prisões com lavramento de inquérito, mas detenções para esclarecimentos, excetuando-se o processo que Mello sofreu sob a acusação de charlatanismo, e que em 1959 recebeu a seguinte veredicto da Promotoria Pública da 8ª. Vara Criminal do Estado de São Paulo: “... não se poderá, até aqui, increpá-lo da prática do delito de charlatanismo, porque nem em tese se configurou a infração em causa.” “... não estava invadindo área proibida das cominações penais, mas ficava na faixa da religião que professa e da qual é ministro.” (LYRA, 1960, p. 9)

Mas esse episódio antecede o regime militar que se estabeleceu no país apenas em 1964, entretanto, houve outras detenções provisórias, cuja origem era resultado de manifestações públicas, através de programas de rádio e de prédicas em cultos que eram consideradas críticas ao modelo de governo ou suas ações. Tavares afirma que Mello esteve algumas vezes detido, principalmente pelo D.O.P.S. (Delegacia de Ordem Política e Social) e pela Polícia Federal em São Paulo, porque fazia críticas ao modelo de governo ou pregar contra a repressão, o que resultou em três interdições de seu programa pela Rádio Tupi e prisões. Como Tavares era Deputado Federal, amigo e pastor da igreja de Mello, quando ocorriam as detenções do líder da OBPC ele usava sua influência para impedir que houvesse autuação e moção de processos. Certo dia um delegado do D.O.P.S. disse ao deputado: “Tavares segura seu chefe, porque não posso ficar livrando a pele dele”. (TAVARES, 2007).

“Só Deus tem o direito de tirar a vida de uma pessoa. O General não tem esse direito, nem o médico tem direito sobre a vida de um ser humano”. Essa frase, proferida na rádio, no ano de 1975, custou a Mello uma detenção de 30 horas para esclarecimentos na delegacia da Polícia Federal, seguida de transferência para o D.O.P.S., de onde foi liberado após interferência de Tavares (MELLO, 2006, p. 152). Como foi dito introdutoriamente neste ponto, se Mello foi preso 27 vezes não é possível ter certeza, mas que ele foi preso por causa do seu posicionamento público, sobretudo nos programas de rádio, isso pode ser constatado tanto pela sua biografia escrita, como através de testemunho de amigos e familiares que presenciaram os fatos.

Principalmente nos anos 60, a Igreja OBPC era o centro das atenções no campo religioso, pois seu fundador estava em evidência diariamente através dos programas radiofônicos da denominação. Manoel de Mello não descobriu o rádio e também não foi o pioneiro do pentecostalismo de rádio, mas o rádio deu a ele e a seu grupo a oportunidade de tornar pública uma nova proposta de pentecostalismo nacional e assim fosse construída, em

menos de vinte anos, uma das maiores igrejas evangélica pentecostal brasileira. Além de estabelecer um novo paradigma na comunicação pentecostal brasileira. (CAMPOS, 1997). Como ele se manifestava contra algumas atitudes dos governantes, isso acabava resultando em retaliações de alguns militares.

3.3 Um slogan de programa de rádio que virou nome de igreja

Com a repetição por diversas vezes de slogans, afirma Oliver Reboul, mesmo uma mentira pode virar verdade, pois este método leva os indivíduos a sedimentar a mensagem contida nele. (REBOUL, 1975, p. 9 ss). Tudo indica que foi isso que aconteceu com o segundo nome dado ao movimento de evangelização pentecostal liderado por Mello, pois contrário ao que afirmam alguns pesquisadores, a igreja que ele fundou não teve como primeiro nome o que é adotado atualmente, Igreja OBPC, cuja origem vem do programa radiofônico. Quando por ocasião na inauguração do primeiro templo no bairro de Pirituba, zona oeste da cidade de São Paulo, que foi implantada em 3 de março de 1956, era denominada de “Igreja de Jesus Betel O Movimento do Caminho”. O fato de Mello inaugurar um templo na região onde morava não o fez desistir da tenda que reunia vários assistentes na Vila Carrão, por isso, como já era de costume, quando ele tinha compromissos que envolvia viagens como evangelista, deixava seu irmão Artur de Mello na direção daquela unidade. Quanto a igreja de Pirituba, ele nomeou o Pr. Armando Zara, para substituí-lo. (MELLO, 2006, p. 37)

Os projetos de Mello não se restringiam apenas a uma comunidade local, até porque o seu espírito de empreendedor e evangelista não permitia que ficasse atuando como pastor em um mesmo lugar, aliado a isso, estava a experiência como “tendeiro”,⁴² onde não tinha parada fixa, mas percorria vários bairros e municípios de São Paulo e outros Estados brasileiros. Mello conseguiu com seu carisma liderar um grupo de fiéis e líderes, principalmente da CNE, em uma reunião realizada no bairro do Ipiranga, zona sudeste da capital paulista, a estabelecerem um alvo de evangelismo nacional, que recebeu o nome de “Cruzada Nacional de Evangelização O Brasil para Cristo”. Fazendo uso do nome da cruzada, Mello foi ao rádio com a missão de anunciar o Evangelho e ganhar o Brasil para Cristo.

⁴² Nome dado aos pregadores americanos da CNE que trouxeram para o Brasil o modelo de tendas usadas para cultos itinerantes ou como preferia serem chamadas, cruzadas evangelísticas.

O slogan adotado para expressar os ideais do grupo passou a ser repetido diariamente nos programas radiofônicos que acabou substituindo o nome anterior, Igreja de Jesus Betel Movimento do Caminho. Novamente faz-se valer a teoria de Reboul, que afirma que um slogan repetido várias vezes através dos MCM acaba se incorporando na linguagem cotidiana do povo, levando-os a adotar, na prática, a proposta que está por trás dele (REBOUL, 1975, p. 9 ss). Com relação à escolha desta última denominação e sua popularidade, cabem algumas reflexões sócio-religiosas. Dentre elas está o próprio objetivo do grupo; outra questão diz respeito aos métodos que os levariam ganhar o Brasil para Cristo, por fim, a relação entre a ideologia e o slogan. Nos próximos parágrafos esta pesquisa procurará responder as seguintes indagações: 1) Ganhar o Brasil para Cristo de quem?; 2) O povo brasileiro não pertencia a Cristo?; 3) Como podiam alcançar seus objetivos? 4) Havia alguma influência política nacionalista por trás do slogan adotado pelo grupo religioso de Mello?

3.3.1 Ganhar o Brasil para Cristo de quem?

Para se encontrar resposta para esta pergunta é necessário recorrer ao contexto religioso que os atores estão inseridos. Na ótica católica romana, os pentecostais não passam de uma seita sem vínculo com o cristianismo primitivo que a Igreja do Vaticano julga ser a genuína representante, enquanto para os pentecostais brasileiros os romanos não passam de ídólatras que somente alcançarão salvação eterna se converterem-se ao Evangelho por eles anunciado. Essa tensão encontra elementos para manter-se, pois nenhum dos dois grupos esconde suas diferenças, haja vista, as observações feitas por um grupo de estudo católico reunido para analisar as possibilidades de ecumenismo com a presença dos pentecostais.

O Relatório da Seção de Ecumenismo (SECUM) do CELAM, de 25 de maio de 1984, “A realidade e o avanço das seitas” (termo usado pelo relatório), acusa estas de atribuírem à Igreja católica romana as causas da decadência da sociedade latino-americana. Fazem agressão ao papa, aos bispos e aos sacerdotes, realçando seus defeitos e apontando-os como agentes do mal, necessitados de conversão. O catolicismo seria para elas a personificação do mal, convidando os católicos a desligarem-se das estruturas eclesiais, se quiserem ser salvos (WOLFF, 1999, p. 32)

Se para alguns católicos os pentecostais se constituía uma seita, a recíproca era verdadeira, pois no conceito pentecostal os católicos precisavam ser evangelizados e ganhos

para Cristo. Esse pensamento permeou as ações evangelísticas de Mello, basta dizer que no dia 12 de outubro de 1982, ele promoveu uma manifestação religiosa no Estádio Municipal do Pacaembu, São Paulo, contra a idolatria.⁴³ Em oposição ao decreto lei do Presidente da República, João Batista Figueiredo, que estabeleceu que todos os dias 12 de outubro, a partir do ano de 1982, passariam a ser feriado nacional em comemoração ao dia de N. S. Aparecida, a “Padroeira do Brasil”. Portanto o slogan “vamos ganhar o Brasil para Cristo” refletia o pensamento de Mello de que o país, de religião predominantemente católica, não tinha Jesus como centro de sua adoração, por isso era sua missão evangelizá-la e resgatá-la para Cristo.

3.3.2 O povo brasileiro não pertencia a Cristo?

Para compreender as motivações que levaram os pentecostais não somente ao rádio, mas a usar os MCM para evangelizar os brasileiros é necessária uma resposta para essa pergunta, pois não se tratava de um objetivo apenas de Mello, mas de todos os evangélicos nacionais. Conforme mencionado no tópico anterior, os brasileiros pertenciam a uma religião que, no conceito dos evangélicos, não representava o genuíno cristianismo, em virtude de seus valores religiosos baseados, sobretudo, no catolicismo popular e no culto a Maria, mãe de Jesus, que segundo Reginaldo Prandi, consiste em um dos grandes obstáculos encontrado pelos católicos para impedir que membros de sua comunidade migrem para o pentecostalismo (PRANDI, 1997, p. 137). O sincretismo encontrado no catolicismo nacional imputava-lhe, na ótica de Mello e de vários evangélicos, estigma de uma religião pagã e por isso, não pertenciam a Jesus Cristo. A visão que os pentecostais têm do catolicismo romano é o encontrado nas comunidades onde a prática é denominada pelos sociólogos e teólogos de “catolicismo popular”. Trata-se de uma religiosidade cristã acrescida de elementos das crenças indígenas, africanas, messiânicas, etc. (QUEIROZ, 1976, p. 86 ss)

3.3.3 Como alcançarem seus objetivos?

⁴³ O evento foi anunciado pela imprensa nacional, como a encontrada no *Jornal A Folha de São Paulo*. São Paulo, 12 de outubro de 1992 e *Jornal O Estado De São Paulo*. São Paulo, 13 de outubro de 1982.

Até o início dos anos 50, o processo de evangelização pentecostal ocorria através de instrumentos como panfletos, distribuição de Bíblias, jornais e principalmente do verbal, também chamado entre eles de testemunho pessoal. Mas, com o advento do rádio alguns grupos inovaram com o uso deste MCM para anunciar suas doutrinas, sendo Mello o principal ator deste cenário da história dos religiosos brasileiros. Mello, assim como os primórdios da CNE, estava convencido que, apesar dos altos custos, o rádio era o “milagre” que eles precisavam para alcançar um número maior de ouvintes com sua nova proposta de religião cristã, onde os fiéis obtinham o direito de vida eterna e cura para os vossos corpos enfermos. Para Mariano, o referido segmento religioso soube aproveitar as séries de oportunidades que surgiram e entre elas os avanços dos MCM, que viabilizava a aproximação dos evangelistas pentecostais das massas pobres da população. (MARIANO, 2004).

O êxito de Mello com seus programas radiofônicos pode ser visto nos resultados alcançados com suas mensagens transmitidas através das ondas hertzianas, conforme se pode constatar nos dados colhidos pela socióloga Beatriz Muniz de Souza, com o desempenho da Igreja OBPC na cidade de São Paulo. Quando Mello iniciou suas atividades em 1956, sua igreja contava com 327 pessoas que se declaravam membros da OBPC, em 1961 o número subiu para 7.997, houve um crescimento de mais de 2.300%. No mesmo período a outra denominação pentecostal que mais cresceu foi a AD que tinha na mesma cidade, em 1956, 16.543 filiados e passou para 30.724, em 1961, ou seja, cresceu 85,72%. A IEQ tinha em seu rol de membros no ano de 1961, 1782 adeptos, número bem menor do que os contabilizados pela igreja de Mello, ainda que ela tenha iniciado suas atividades na capital paulista, 3 anos antes da OBPC (SOUZA, 1969, p. 69). Considerando essas cifras, os métodos e mensagens apresentadas pelas respectivas denominações pentecostais, conclui-se que a única coisa que podia fazer uma diferença tão grande era o meio de comunicação que Mello usava, pois nem a AD nem a IEQ contavam com o rádio para difundir suas programações. Havia outras diferenças entre esses três movimentos? Sim, havia, mas não era tão significativo que pudesse justificar a adesão de tantos fiéis ao movimento melleano, em um período que as outras duas não pudessem acompanhar.

3.3.4 Havia alguma influência política nacionalista por trás do slogan adotado pelo grupo religioso de Mello?

No slogan “Vamos ganhar o Brasil para Cristo” estão presentes não apenas elementos que expressam os valores religiosos do grupo, mas também a influência do nacionalismo pregado por décadas por Getúlio Vargas. Como uma parte da população pobre do país das décadas de 30 e 40 que foram influenciadas pelo modelo de governo populista de Getúlio Vargas, com a proposta de tornar o Brasil uma nação para os brasileiros, há evidências nos discursos e alvo que Mello estabeleceu, no campo religioso, de que ele era um nacionalista. Basta observar que o slogan usado nos empreendimentos evangelísticos aponta para uma meta que não fazia parte do discurso religioso de seus dias: “Cruzada Nacional O Brasil para Cristo” ou ainda a ênfase que ele dava conclamando os fiéis para “Ganhar o Brasil para Cristo” ou ainda o nome dado ao programa de rádio e, posteriormente, de televisão, que era “A Voz do Brasil para Cristo”.

O traço “nacionalista” antes apontado adquire na Igreja “O Brasil para Cristo” maior amplitude e significado. Na mensagem evangélica que prega, fica bem nítido, de modo não encontrado em nenhuma outra das congregações pentecostais abrangidas em nossa coleta de dados, o interesse pelos problemas sociais brasileiros. (SOUZA, 1969, p. 42)

a) “Cruzada Nacional O Brasil para Cristo”

Apesar da terminologia “Cruzada” estar associada aos empreendimentos bélicos católicos romanos, que enviavam exércitos cristãos para Jerusalém com a missão resgatar a Terra Santa que estava sob domínio dos islâmicos, os evangélicos americanos passaram a denominar os seus empreendimentos proselitistas de “Cruzadas Evangélicas”. Os pentecostais americanos William e Boatright chamavam seus programas evangelísticos de “Cruzadas”, (ROSA, 1978). Isso motivou Mello a promover uma cruzada nacional para ganhar o Brasil para Cristo, ou seja, tratava-se de uma ação religiosa que tinha como alvo converter ao cristianismo pentecostal a população brasileira. Do ponto de vista cristão, a conversão deve ser de todas as pessoas não apenas de uma nação, como propunha Mello, portanto seu objetivo era de que o seu país fosse salvo e não as pessoas de todas as nações,

conforme mandamento de Jesus Cristo⁴⁴. Não que ele desejasse apenas que os brasileiros se convertessem, mas que seu desafio e missão eram promover uma mudança nacional de religião. Portanto, o termo “Cruzada” expressa o desejo dos evangélicos de resgatar o povo que foi dominado pelo catolicismo, semelhante aos empreendimentos católicos em prol da reimplantação da religião cristã nos territórios palestinos, principalmente em Jerusalém.

b) “Ganhar o Brasil para Cristo”

Quando se fala de ganho de um determinado grupo religioso, parte-se do pressuposto de que outro ou outros perderam seus fiéis. Manoel de Mello sabia bem dessa verdade, por isso seu projeto e evangelismo e consecutivo crescimento seria resultado da perda de outros grupos, sobretudo, daqueles que não eram evangélicos e seu principal alvo eram os católicos romanos. No conceito de Mello, os católicos eram idólatras, pois adoravam santos, por isso necessitavam de uma mudança de princípios de fé, onde não houvesse a presença dos elementos e símbolos do cristianismo, praticados pelos membros da Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) e a veneração a Maria e aos mártires do cristianismo (HOLLENWEGER, 1976, p. 115). Assim para os pentecostais brasileiros, os católicos são os principais alvos de evangelismo, razão pela qual vem ocorrendo uma significativa migração de membros da igreja de Roma para o referido segmento religioso no país. Esse perfil religioso desenvolvido pelos católicos brasileiros, colocando-os na mira dos pentecostais, foi detectado por Maria Isaura de Queiroz, descrito em sua pesquisa denominada de “O campesinato brasileiro” com as seguintes palavras:

Apesar de se poder distinguir no Brasil uma religião oficial e uma religião popular, o catolicismo brasileiro forma um conjunto integrado. Não há separação nítida entre variantes. Assim, a maioria dos católicos brasileiros tem como centro de sua vida religiosa o culto dos santos, isso tanto os que seguem o catolicismo oficial quanto os outros. O fato de um mesmo foco polarizar as atenções religiosas contribui poderosamente para a unidade a que nos referimos. O culto dos santos, porém, pode tanto ser inteiramente ortodoxo em suas manifestações, como surgir associado a elementos da antiga religião indígena autóctone, ou então aos cultos negros, ou ainda ao espiritismo que se difundiu no país a partir do século XIX. (QUEIROZ, 1976, p.73)

⁴⁴ O proselitismo cristão segue a ordem dada por Jesus a seus discípulos registrada na Bíblia nos Evangelhos de Mateus 28.18ss e Marcos 16.15ss.

O que para os católicos era normal e já fazia parte de suas práticas e fé, para os evangélicos, sobretudo pentecostais, não passava de atos pecaminosos que os afastavam do verdadeiro Evangelho, por se configurar em idolatria. Assim a pretensão de Mello e seus discípulos de ganhar o Brasil para Cristo representavam o esvaziamento da ICAR.

c) “A Voz do Brasil para Cristo”

Quando Mello foi para a Rádio Tupi de São Paulo apresentar o programa “A voz do Brasil para Cristo” ele pediu para um compositor cristão fazer uma música que seria tocada nas aberturas da programação. O resultado, a canção “Desperta Brasil” de autoria de João Simão que se transformou o hino tema da denominação, que está cheia de elementos que constituía os valores sociais e religiosos de Mello. Como diz Ari Pedro Oro: “O discurso dos pregadores pentecostais, mais do que o de outro segmento religioso, é fortemente carregado de sentido ideológico, na medida em que sabem identificar os problemas e as angústias das pessoas (...)” (ORO, 1996, p. 52) A música criada para ser tema do programa mostra o sentido ideológico de Mello, a começar pelo ritmo, que é uma marcha ritmada com profunda identificação com o modelo nacionalista difundido por Getúlio Vargas. Outra música que fazia parte do repertório dos programas era o “Soldado de Cristo” composto por um protestante conhecido como Brigadeiro Salvacionista Wakai, que também expressa os sentimentos de um patriota, embora de uma nação celeste, entretanto, fica evidenciado que para Mello o patriotismo terreno transcende para o celeste, ou vice-versa. Segue a letra da música “Desperta Brasil” para a constatação dos elementos nacionalistas expressos no canto que foi composta para o programa de rádio do movimento melleano e virou hino oficial da denominação.

Está na hora de orar, e Jesus vai libertar;
Todo aquele que Nele crer;
Se você o aceitar e em Deus confiar;
Muitas bênçãos vão receber;
Desperta Brasil;
Está na hora do Evangelho anunciar;
Desperta Brasil;
O Evangelho de Jesus está no ar;

Desperta Brasil;
Ouve a voz do Salvador;
Que a todos diz, vinde a mim ó pecador.

4. REFLEXÕES DO CAPÍTULO II

Os novos construtos sociais estabelecidos nos anos 50, com a acomodação das massas que migraram das zonas rurais para as metrópoles, a retomada do progresso que foi retardado pela Segunda Grande Guerra; no campo da política, o fim da era Vargas; as alterações nas comunicações promovidas pela chegada da televisão, promovendo a fuga dos anunciantes com suas verbas publicitárias do meio rádio para a televisão, provocando o fim da “era de ouro” deste MCM; na esfera religiosa nacional, a chegada de missionários americanos de igrejas pentecostais com ênfase em cura divina e as novas oportunidades que surgiram no país para novos grupos e congregações, sobretudo daqueles que conseguissem alcançar os católicos interioranos que deixaram na terra natal um modelo social, onde inclusive, a religião era determinada pelo patriarca. Neste ambiente, Mello se destaca como o missionário que orava pelos enfermos e eles eram curados, fazendo do rádio o meio de difundir sua mensagem e levar multidões às celebrações que eram realizados nos mais diversos locais públicos e privados da grande São Paulo. Constatou Santoro:

A crença em que Deus solucionará problemas de doenças, desempregos, ou seja lá o que for, ganha força maior pela “presença”, através de mediação radiofônica, da figura carismática do missionário. É por seu intermédio que os milagres ocorrem, numa situação que oscila entre a de um simples mensageiro de uma bênção divina e a do responsável, aqui na terra, pela ação divina. (SANTORO, 1982, p. 24)

É possível afirmar que o êxito do movimento liderado por Mello, seguido por outros grupos, está estritamente ligado aos MCM, principalmente o rádio, que já nos anos 60 estava enfrentando uma crise financeira por causa da fuga dos investidores. O que era inviável economicamente para os grupos religiosos até o advento da televisão, por causa dos altos custos, com a falta de dinheiro para manutenção da estrutura algumas emissoras de rádio passaram a locar espaços para as igrejas promoverem seus cultos e fazer suas prédicas, como meio de amenizar a crise. (SANTORO, 1982, p. 25). Influenciado pelo movimento nacionalista do ex-presidente da República do Brasil, Getúlio Vargas, Mello liderou um

movimento ecumênico que tinha como meta ganhar o Brasil para Cristo, em detrimento dos católicos romanos que eram o principal alvo de proselitismo, tanto dele como de outros grupos de evangélicos de igrejas pentecostais e históricas.

Os métodos adotados por Mello no processo de evangelização, cultos, liturgias e pregações, voltadas para cura e libertação, dentro do modelo dos pentecostais estadunidenses trazidos pelos missionários da IEQ, o tornou uma figura proeminente na sociedade paulista. Diante da sua popularidade e necessidades políticas, ele ingressou na política nacional. Assim Manoel de Mello estabelece novos paradigmas entre os pentecostais brasileiros, conforme será tratado no próximo capítulo.

CAPÍTULO III - UMA NOVA IGREJA PARA UMA NOVA REALIDADE

“Roma trouxe ao mundo a idolatria. Rússia, os terrores do comunismo, os Estados Unidos o demônio do capitalismo; nós brasileiros, nação pobre, daremos o Evangelho”.⁴⁵

Manoel de Mello e Silva

Como mencionado anteriormente, Freston (1993) constatou que no Brasil dos anos 50 havia um ambiente propício para o surgimento de novos grupos religiosos e essa atmosfera era resultado de algumas mudanças no construto social. Entre os fatores preponderantes estavam: O processo de migração, com a formação de novas comunidades nas periferias dos grandes centros; o aumento de fiéis da ICAR em regiões onde não havia templos nem sacerdotes para atendê-los; a popularidade dos pentecostais das AD e a chegada do movimento de cura divina estadunidense.

Os migrantes traziam consigo um catolicismo rústico, usando as palavras de Queiros (1976), ou seja, uma mistura de doutrinas cristãs com crenças populares. Enquanto que os pentecostais, principalmente das Igrejas AD, que haviam iniciado suas atividades religiosas na capital paulista na década anterior e estava em franco crescimento, sobretudo, entre os migrantes nordestinos. Mas certamente houve uma contribuição significativa nas mudanças religiosas do país, com a presença dos primeiros missionários pentecostais americanos, que apresentavam uma nova proposta de pentecostalismo que dava ênfase à cura divina e se mobilizavam de um lado para o outro com suas tendas para promover cruzadas evangelísticas.

Alguns líderes pentecostais souberam tirar proveito deste ambiente para formar comunidades autônomas, mas nenhum conseguiu marcar tanto a história religiosa do país, naquele período, como Manoel de Mello. No conceito de Freston ele “foi a sensação religiosa dos anos 50 e 60. Enquanto o país vencia 50 anos em cinco, um operário nordestino em São Paulo sintetizava o espírito nacionalista e populista, construindo um império religioso autônomo jamais visto até então no Brasil” (FRESTON, 1993, p. 86). Entretanto, para alcançar seus objetivos Mello percebeu (ou agiu instintivamente?) que havia a necessidade de “inovar” algumas práticas religiosas em detrimento de outras. Sabe-se, por exemplo, que foi ele que se denominou “missionário” (READ, 1967, p.147), quando esse era um título eclesiástico que entre os pentecostais era dado apenas para estrangeiros que atuavam no Brasil

⁴⁵ Texto extraído da obra de Hollenweger, 1976, p.151, traduzido pelo pesquisador.

como evangelistas ou pastores. A partir dele vários líderes brasileiros que foram formando novos grupos pentecostais passaram a adotar o título de “missionário” para o presidente e/ou fundador do movimento. Entre eles estavam os missionários Josias, David Miranda, Raul Penci, Miranda Leal, Romildo Ribeiro Soares (R.R. Soares) e tantos outros que adotaram o mesmo título que Mello. Essa onda dos “missionários” perdurou até o início dos anos 80, quando seguindo o exemplo do fundador da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), Bispo Macedo, aderiram a onda dos “bispos”, que atualmente disputa espaço com os “apóstolos”. Na era Mello, ter o título de missionário representava para os seus detentores autoridade e reconhecimento social. Mas as inovações não pararam por aí, na verdade houveram outras que, do ponto de vista social e religioso, foram mais significativas, entre elas receberá destaque nesta pesquisa aquelas que representam uma maior contribuição para o pentecostalismo nacional, tais como: o uso do rádio como extensão da igreja para anunciar suas mensagens e atividades; o uso de espaços públicos para celebrações e evangelismo, mesmo que os seus pares considerassem os mesmos como profanos porque eram usados para outros fins; o ingresso nos movimentos ecumênicos, com a filiação da sua denominação no Conselho Mundial de Igreja, quando os pentecostais da AD consideravam a referida instituição um agente do anti-cristo que leva os seus membros a apostasia; e por fim, a construção de um templo com capacidade para agregar milhares de pessoas em um mesmo lugar.

1. O USO DO RÁDIO PARA PROGRAMAS PENTECOSTAIS

Conforme mencionado no capítulo anterior, o rádio somente passou a ser usado por grupos religiosos a partir dos anos 40, mas foi em meados nos anos 50 que ele transpôs os preconceitos e se transformou em um aliado na proclamação da mensagem dos pentecostais brasileiros. Diferentes atitudes tiveram os religiosos estadunidenses que foram os pioneiros na pregação radiofônica. Mesmo entre os PHM, não havia se dado conta das oportunidades de expansão que a comunicação radiofônica poderia proporcionar, exceção feita pelo Rev. José Borges dos Santos Jr, pastor presbiteriano que no início dos anos 50 tinha uma participação matinal de 5 minutos diários na Rádio Tupi de São Paulo. Quanto aos demais grupos, a postura diante do modelo radiofônico de comunicação era ou de ignorar o rádio ou se opor ao seu uso para fins religiosos. Não se pode dizer o mesmo das igrejas pentecostais históricas, AD e CC, que assumidamente eram contra o uso do rádio por seus fiéis, pois o encaravam

como um instrumento do diabo que afastava o crente de Deus. Feita essa recapitulação inicial, seguirá uma breve análise dos acontecimentos envolvendo a ruptura de Mello com o modelo religioso de seus dias, no que diz respeito ao mecanismo de comunicação utilizado por ele para promover o seu movimento e a sua proposta religiosa.

1.1 Manoel de Mello e o novo modelo de programa

Apesar de Manoel de Mello não ser o pentecostal pioneiro no rádio,⁴⁶ foi por meio de seus programas em emissoras paulistas, com alcance nacional através das ondas curtas, que ele tornou-se um dos evangelistas mais populares do país, entre os anos 1950 e 1980. O crescimento do Movimento OBPC recebia diariamente novos adeptos, inclusive promovendo uma mudança no perfil dos frequentadores de seus cultos, apesar de caracterizar seu grupo como “igreja dos desprovidos” por atrair uma população de baixa renda, com expressivo contingente de migrantes nordestinos. A socióloga Souza, constatou que em meados dos anos 60 os cultos celebrados na igreja improvisada no subterrâneo, onde estava sendo construído o mega templo, no Largo da Pompéia, recebiam pessoas da classe média paulistana. Segundo ela, dois fatores contribuíam para esse tipo de público, comum nas igrejas PHM, mas não entre os pentecostais que se caracterizavam como a religião dos pobres e analfabetos.⁴⁷ O primeiro fator era a posição pouco sectária que Mello demonstrava nas suas preleções radiofônicas e o segundo diz respeito aos cultos menos barulhentos e com músicas de ritmos mais lentos (SOUZA, 1969, p. 41).

Foi através dos programas radiofônicos que iam ao ar diariamente, a princípio através de uma única emissora, mas alguns anos depois eram repetidos em vários estados brasileiros através dos pastores das igrejas de Mello, que recebiam fitas magnéticas com mensagens gravadas e as reproduziam em emissoras locais, mas certamente através das programações radiadas pela Rádio Tupi de São Paulo, que Mello ganhou visibilidade nacional. O rádio não

⁴⁶ Há muitos anos as igrejas evangelizam através do rádio e da televisão. Um dos pioneiros nesta área foi o missionário Lawrence Olson, que, em 1955, lançou, e manteve por muitos anos em importantes emissoras, o programa “Voz das Assembléias de Deus no Brasil”. Neste mesmo ano, em Belém, PA, um grupo de jovens, reunidos na casa do missionário Hultgren, decidiu fundar um programa a que deram o nome de “O som do Evangelho”. Os autores da iniciativa foram: Josué Bezerra Cavalcanti, Eliel Rodrigues, Waldir Cohen, João Leitão, Abelardo da Silva e Firmino Feliciano. Este trabalho vem sendo mantido através dos anos. (OLIVEIRA, 1997, p. 195-6)

⁴⁷ O perfil dos pentecostais brasileiros, em seus primeiros 80 anos, era composto de pessoas de baixa renda e pouca ou nenhuma formação escolar (ALVAREZ, 1992, p. 26)

era um sucesso por si só, pois tão importante quanto o meio foi o conteúdo. Read, quando pesquisou o movimento pentecostal brasileiro em meados dos anos 60, fez as seguintes constatações acerca de Manoel de Mello:

Em meados da década de 1950, começou ele a fazer experiência com um programa de rádio, matinal. Seu modo popular e rústico alcançou êxito entre grande número de ouvintes dos lugares mais longínquos. Utilizou-se do tipo de música evangélica, popular no interior brasileiro, de ritmo marcado com os pés, pregando uma mensagem evangélica simples e clara. O rádio tornou-se a voz do Missionário, para anunciar suas campanhas, reuniões e cruzadas por todo o Brasil. Bastava anunciar no rádio que o missionário Manoel de Melo estaria em determinada cidade, em tal lugar a tal hora, isso era suficiente para garantir a reunião de grande massa popular. Diferentes cruzadas foram assim divulgadas, obtendo os mesmos resultados — grandes multidões aguardavam a chegada do dinâmico pernambucano, para vê-lo e ouvi-lo. Anunciavam-se curas miraculosas pelo rádio, e por esse meio também faziam-se orações pelos casos difíceis. Um jovem pastor caiu de trinta metros de altura, ficando inconsciente durante quase um mês, mas todos os dias Manoel de Melo dava nova esperança aos seus ouvintes, orando pela recuperação do pastor, em estado de inconsciência. Realizou-se o milagre. O jovem pastor recobrou os sentidos e levantou-se para continuar a pregar o Evangelho! Apoiando-se em Manoel de Melo, subiu ao púlpito, numa segunda-feira à noite. Era uma resposta visível às orações. Muitos outros haviam sido curados, juntando-se todos num culto de ação de graças por essa vitória. (READ, 1967, p. 150)

Tanto o alcance como o modelo de programa produzido Manoel de Mello tinham características peculiares, que não eram encontrados nos demais grupos pentecostais. A audiência era nacional e tinha em torno de 5 milhões de ouvintes, segundo estimativas do próprio Missionário. Ele fazia programas de improviso e preferia apresentá-los ao vivo, evitando gravações. Entre um comentário do assunto do dia, trazidos pelos jornais, e as prédicas ele apresentava música evangélica, do tipo mais popular. Disse Read:

Os números vocais são acompanhados por violão ou acordeão, com muito ritmo. Manoel de Melo toma como objeto de suas programações, acontecimentos recentes, fatos políticos, escândalos nacionais, e outros temas para realizar uma típica cruzada Manoel de Melo. Éle não tem medo de entrar no campo da Política para denunciar atos sórdidos, expondo-os, citando nomes e clamando por reformas. E assim prossegue, mostrando que, não obstante, o caminho do Evangelho constituiu-se na melhor e única solução. (READ, 1967, p. 153-4).

Outra característica que tornava o programa melleano atraente, sobretudo das camadas mais pobres da população, era o fato de ler as cartas enviadas pelos ouvintes e orar pelos pedidos que eram feitos. Como no Brasil, naquela época, o telefone era algo para uma elite, o meio mais comum de comunicação entre a população pobre eram as cartas enviadas pelos Correios. Conta Tavares, que a quantidade de cartas que o programa recebia e o número de pessoas que compareciam às concentrações anunciadas pelo rádio, eram os principais meios de aferir a audiência do programa. (TAVARES, 2007). Alvarez diz que, o fato das pessoas simples, que viviam distantes, ouvirem seus nomes mencionados no ar, pelo evangelista, fazia com que se sentissem importantes e fortalecidas na fé, por saber que outras pessoas estavam orando por elas. (ALVAREZ, 1992, p. 33).

Os primeiros programas realizados por Mello receberam críticas de alguns líderes de outras denominações religiosas, por discordarem dos seus métodos. Além disso, se não bastasse o fato de ter sido excluído da principal denominação pentecostal de seus dias, a AD, que oficialmente não aprovava o uso do rádio por parte de seus membros (ARAÚJO, 2007, p 724), ele não apenas organizou sua denominação, mas também fazia diariamente programas radiofônicos pregando a cura divina e tocando músicas de estilo nada convencional (READ, 1967, p. 153). Isso se consistia em abominação para os grupos conservadores. Relata a biógrafa de Mello: “Viviam numa época em que tudo era pecado para muitos segmentos evangélicos. Assistir televisão era proibido, o aparelho de rádio era chamado de “a caixa do diabo” e o crente que possuísse um podia ser excluído do rol de membros” (MELLO, 2006, p. 47). Como se não bastasse à oposição por parte dos pentecostais, porque Mello usava o rádio, havia também uma corrente de igrejas históricas do seguimento PHM que o criticavam por tocar músicas nada convencionais⁴⁸ para seus dias, como aquelas onde havia a presença de instrumentos considerados mundanos. Diz Cunha que nos anos 50 e 60 havia uma reação negativa por parte dos referidos grupos para as músicas que tinham instrumentos considerados profanos como violão e teclado. (CUNHA, 2007, p.71). Entretanto, não havia consenso entre os crentes tanto das igrejas pentecostais como das PHM, ou pelo menos parte dos integrantes desses grupos não partilhavam da opinião de seus líderes. Basta dizer que, entre os ouvintes dos programas de Mello estavam fiéis dessas denominações, que não apenas participavam das programações como atendiam os apelos do radialista e compareciam nas concentrações.

⁴⁸ As igrejas PHM e pentecostais, como AD e CC, não tinham por hábito usar instrumentos musicais como violão, guitarra, bateria e outros comuns em músicas populares não religiosas. Até recentemente esses grupos permitiam apenas instrumentos clássicos como piano, órgão e aqueles que compõem as orquestras clássicas. (CUNHA, 2007, p.71)

Foram dias em que houve migração de membros das AD, CNE e outras denominações PHM, entre eles estavam os ex-metodistas que faziam parte de um grupo de mentores do movimento, Levy Tavares e Geraldino dos Santos.

1.2 David Miranda com programa “A voz da libertação”

Na autobiografia de David Martins Miranda, em nenhum momento ele diz quem foram seus modelos de ministério, tão pouco menciona o nome de seu ex-pastor ou denominação onde ele, seguindo o exemplo de sua mãe e irmã, se converteu. Entretanto, as práticas e propostas ministeriais, bem como o autotítulo de missionário, assim como o método de evangelismo através do rádio e nome do programa, “A voz da libertação”, são indícios de que ele foi “inspirado” pelo, então bem sucedido modelo de igreja pentecostal praticada pelo Missionário Manoel de Mello. O fato é que Miranda se tornou um dos maiores comunicadores pentecostal da rádio e, como diz Campos, um próspero empresário de bens simbólicos. (CAMPOS, 1982, p. 95). Assim como há similaridades entre Mello e Miranda, há também, diferenças significativas, entre elas estão: a aquisição de emissoras de rádio, sectarismo, seu total isolamento denominacional e distanciamento da política.

a) Apesar da participação na política e a concessão de licença para funcionamento de emissora de rádio, Mello não pleiteou, ou se pleiteou não foi bem sucedido na permissão para formar sua própria emissora de rádio, em contrapartida no início dos anos 80 Miranda já era dono de três emissoras de rádio, duas no Paraná e uma no Rio Grande do Sul, além de ter seus programas transmitidos por 573 emissoras em todo o país (ASSMANN, 1986, p. 129).

b) Mello ficou conhecido como o primeiro pentecostal brasileiro a se envolver com movimentos ecumênicos, enquanto Miranda não se relaciona com nenhuma outra denominação, e quando a eles se refere, os chama de “irmãos católicos, budistas, espíritas” o faz apenas como estratégia proselitista, não porque seja um ecumênico. (CAMPOS, 1982, p. 96).

c) Com posição antagônica a de Mello, que se envolveu na política partidária do país, Miranda em nenhum momento teve qualquer envolvimento com a política, mesmo quando sua irmã, Anani Miranda, então vinculada a Igreja OBPC, saiu como candidata à deputada estadual, nas eleições de 1990, em São Paulo.

No decorrer dos anos, Miranda tem se fortalecido e investido no rádio, tanto em âmbito nacional como internacional. No início dos anos 90, ele afirmava estar presente em 17 países e reivindicava 5.858 templos, 15.755 obreiros e 581 horas diárias de programação radiofônica (FREESTON, 1993, p. 92). Diferentemente de outros grupos que cresceram e ganharam notoriedade através do rádio e migraram para televisão, Miranda se mantém como absoluto opositor ao uso deste meio pelos membros de sua igreja. Em janeiro de 1956, quando Mello iniciou a transmissão do programa “A voz do Brasil para Cristo”, até 1962, com a inserção de Miranda na radiodifusão com “A voz da libertação”, surgiram outros pregadores do rádio, entretanto nenhum deles conseguiu os resultados que estes dois líderes pentecostais alcançaram, fazendo deles ícones do rádio religioso. Sendo o segundo reflexo do trabalho do primeiro.

2. O USO DE ESPAÇOS “PROFANOS” PARA CULTOS

A presença dos missionários americanos da CNE e o uso de tendas de lona para cruzadas evangelísticas, no início dos anos 50, já foi uma grande inovação no processo de proselitismo brasileiro, apesar deste método já ser usado pelos evangélicos estadunidenses desde os anos 20. Entretanto no Brasil, os pentecostais promoviam seus cultos em templos construídos para esse fim, salões e salas adaptados e em residências dos membros, portanto não havia nenhum antecedente entre eles de celebrações que foram realizadas fora destes ambientes. A inovação dos pentecostais americanos com o uso das tendas foi superada por Mello em março de 1956, quando ele marcou um culto em um teatro de alumínio, que funcionava como local de entretenimento profano na Praça da Bandeira, região central da cidade de São Paulo. A partir desta atitude ousada de Mello, outros locais, nada comuns para sociedade religiosa não apenas evangélica, mas também católica, passaram a fazer parte dos endereços onde ele promovia cultos de cura divina ou cruzadas evangelísticas, entre eles estava o Cine Universo, situado na Avenida Celso Garcia, Brás; Centro Poliesportivo do Ibirapuera; Estádio do Pacaembu; Praça da Sé, em frente à Catedral da Sé, exuberante templo católico, todos na cidade de São Paulo, além de outros locais similares a estes em diversas cidades do país. Acrescenta-se a estes lugares, o galpão de uma antiga indústria situada na Rua Tuiuti, no bairro do Tatuapé, que foi locado para ser um templo, ficou conhecido entre os fiéis como “O Tabernáculo da Tuiuti”, foi inaugurado em 7 de setembro de 1959 e

permaneceu até 1979, quando todas as atividades foram transferidas para o “Grande Templo” no Largo da Pompéia. Acerca destas inovações, comenta Freston:

Se a IEQ inovava com tendas, trazendo a cura divina para fora dos templos, a OBPC foi mais longe, alugando espaços seculares como cinemas, ginásios e estádios. Já em 1958 enchia o Pacaembu em feriados, com a presença de autoridades civis e bandas do Exército. Nessas “Tardes da Bênção”, os paralíticos ficavam no gramado aguardando a oração da fé. Essa relação com o secular era novidade no pentecostalismo brasileiro. A mentalidade *sectária* se escandalizava com a mistura do sagrado e do profano; esses locais eram a síntese da sociedade corrompida e o espaço público era lugar de perigo. (FRESTON, 1993, p. 87-8)

Entretanto, o êxito não estava apenas na proposta pentecostal apresentada por ele, mas principalmente nos meios que ele usava para promover os cultos. No caso do primeiro culto realizado no Estádio do Pacaembu, no dia 11 de maio de 1958, dia das mães, intitulado de “Tarde da Bênção”, mencionado anteriormente por Freston, estiveram presentes várias autoridades entre elas Adhemar de Barros, prefeito da cidade São Paulo. O rádio foi fundamental para o êxito do evento, pois houve uma intensa divulgação e convite para que as pessoas de todas as religiões que estavam precisando receber um milagre, comparecessem ao Pacaembu. Na ocasião reuniram-se naquela tarde mais de 70 mil pessoas que lotaram as arquibancadas e o gramado da praça de esporte (MELLO, 2006, p. 63 ss). Os acontecimentos citados merecem algumas reflexões em busca de respostas para algumas perguntas, são elas: Por que locais públicos? Não era uma atitude que afrontava os outros pentecostais? Qual era o conceito de sagrado e profano para Mello?

2.1 Por que locais públicos?

O primeiro espaço locado por Mello para realização de cultos foi um salão comercial no bairro de Pirituba, conforme mencionado no capítulo precedente, entretanto, era um local pequeno que estava voltado a atender as necessidades de alguns fiéis residentes nas imediações. Se foi resultado de um planejamento estratégico, não se sabe, mas com a programação radiofônica veiculada pela Rádio Piratininga, diariamente às 10 horas, surgiu a necessidade de um espaço que acomodasse os ouvintes. Como não se tratava de um grupo organizado com templos para as celebrações, pois dispunham apenas do local em Pirituba e de

uma tenda que ele promovia cultos, quando ainda era da CNE, no bairro de Vila Carrão, a concorrência das pessoas em busca do milagre prometido pelas ondas hertzianas levou Mello a inovar. Ele passou a promover reuniões de libertação e cura divina todas às segundas-feiras, às 20 horas no Teatro de Alumínio, local que recebia shows e peças teatrais nos finais de semana, na região central.

Como o valor que o grupo do evangelista pernambucano tinha que desembolsar por cada encontro, que era realizado no referido teatro era alto e o local não estava mais comportando os assistentes, ele novamente teve que procurar uma sede onde pudesse manter os encontros evangelísticos das segundas-feiras. Descobriu na ocasião, que o auditório do Cine Universo, situado na Avenida Celso Garcia, no bairro do Brás, estava ocioso aos domingos pela manhã. Tratava-se de um local amplo, de fácil acesso, sobretudo para os usuários de trem, e ficava nas proximidades do centro da capital. Mais uma vez, indo na direção oposta dos demais grupos pentecostais, Mello divulgava diariamente em seus programas radiofônicos as reuniões matutinas dominicais que estavam sendo realizadas no Cine Universo, acompanhado de testemunhos de pessoas que foram curadas. A união entre a proposta religiosa de cura e libertação, o programa de rádio e o local amplo e de fácil acesso tornou o empreendimento melleano, no final dos anos 50, admirado por uns e criticado por outros. O escritor presbiteriano Jorge Buarque Lyra, testifica que em um desses encontros ele presenciou a cura de uma criança de 8 anos que era parálitica e saiu andando. (LYRA, 1960, p. 26).

O bem sucedido empreendimento radiofônico de Mello e com a mudança de paradigma, quanto aos locais de cultos, o aguçou a promover um evento, denominado “Tarde da Bênção” no Estádio Municipal do Pacaembu. Dois anos depois dos primeiros programas de rádio e com a experiência de cultos em locais considerados profanos pelos evangélicos brasileiros, ele marcou o referido evento que, a partir de então, passou a ser rotina nas cruzadas evangelísticas promovidas por Mello e seus seguidores, tornando-se algo comum entre evangélicos das mais diversas denominações e católicos. Assim, aquilo que inicialmente era uma necessidade para os melleanos, motivo de censuras de diversos líderes que os classificavam como mundanos, porque usavam locais considerados profanos, acabou virando modelo para eles e seus sucessores ministeriais. Hoje, no Brasil, existem vários grupos que usam os mais diversos lugares, inclusive os que eram considerados profanos, para promover suas celebrações, sejam teatros, cinemas, estádios de futebol, praças, praias, etc.

2.2 Era uma atitude que afrontava os outros pentecostais?

Para as pessoas que conheceram e conviveram com ele, era amável para com os membros de outras denominações, entretanto, não deixava de fazer algo que considerasse certo, mesmo que isso fosse gerar desconforto junto aos seus pares. Partia do princípio de que o Evangelho deveria ser pregado em qualquer lugar, independente do conceito social que se tinha do local. Obviamente, seus empreendimentos desbravadores não agradavam aos evangélicos conservadores, basta dizer que, o uso do Teatro de Alumínio, por exemplo, era motivo de críticas públicas por parte de outros pastores, conforme narra Valéria:

A utilização do Teatro de Alumínio para pregação do evangelho causou um escândalo no meio evangélico. Diversos pastores usavam os púlpitos para recomendar aos membros de suas igrejas que não comparecessem às tais reuniões no teatro maldito, local por eles descrito como profano palco do pecado e da carnalidade. (MELLO, 2006, p. 43)

Os métodos empregados por Mello, tanto como os locais para evangelização, fizeram com que ele fosse processado ⁴⁹ e sofresse retaliações entre alguns líderes evangélicos, entretanto, não se pode afirmar que todos os líderes e membros de outras igrejas pentecostais consideravam o modelo aplicado por Mello como algo inapropriado para os crentes. Não se pode dizer que ele foi perseguido pelos pentecostais de outras igrejas, porque era comum encontrar em suas reuniões membros de outras agremiações, como por exemplo, um pastor da AD de Vila dos Remédios, estava presente no culto inaugural no Cine Universo (MELLO, 2006, p. 74). Em meados dos anos 60, a socióloga Souza constatou que existiam vários novos grupos pentecostais cujos métodos e mensagens eram reproduções do modelo implementado por Mello. Entre eles estava um pastor da AD que defendia o uso de locais tidos como profanos para empreendimentos evangelísticos, nos moldes melleanos (SOUZA, 1969, p.121 ss). Diante dessas evidências, conclui-se que o que para uns era uma afronta, o uso de locais considerados profanos pelos crentes, para outros, se tratava de uma inovação a ser imitada.

2.3 Qual era o conceito de sagrado e profano para Mello?

⁴⁹ Mello foi acusado de curandeirismo e charlatanismo, conforme descrito em capítulo anterior.

A formação religiosa de Manoel de Mello era pentecostal tradicional, ensinada nas AD, por onde passou e esteve filiado mais de vinte anos, entretanto com seu desligamento da igreja de sua conversão e adesão ao movimento missionário da CNE, foi também influenciado pela teologia e métodos utilizados pelos norte-americanos. Isso pode ser visto no nome que ele dá ao seu movimento (Cruzada), a ênfase dada ao elemento “cura” em suas pregações, ao uso das tendas para reuniões religiosas, etc. O próprio uso de tendas para celebrações é uma evidência da influência exercida pelo movimento pentecostal de cura divina americano, pois na visão dos brasileiros dos anos 50, as tendas eram lugares de atividades circenses, portanto, para os grupos sectários, como a maioria dos pentecostais brasileiros daquela época, tratava-se de um lugar profano e com isso nenhum grupo conservador, que proibia até o uso do rádio, gostaria de ter a imagem de sua instituição vinculada a um lugar de práticas mundanas. Para aderir ao movimento das tendas, Mello tinha que mudar seu conceito religioso herdado da sua igreja mãe, AD.

Pelas narrativas encontradas na biografia de Manoel de Mello percebe-se que ele havia rompido com muitos valores religiosos de sua antiga denominação. Sendo assim, ficou mais fácil para ele aderir a novas propostas pentecostais e redefinir seu conceito de lugar sagrado e profano.

Manoel de Mello acreditava que Deus não se importava com o lugar onde derramaria as suas bênçãos. Se o local à disposição era aquele, então se transformava no cenário perfeito. Além disso, dizia que onde Deus está o mal tem que sair e, se Ele se manifestava naquele lugar mundano, nesse período aquele local era santificado. (MELLO, 2006, p.43)

Essa releitura de sagrado e profano fez com que algumas amarras religiosas fossem rompidas, tornando-o um modelo de empreendedor pentecostal que não se detinha diante de obstáculos paradigmáticos, dando-lhe a liberdade necessária para levar a cabo seus planos de ganhar o Brasil para Cristo, nem que para isso tivesse que usar o rádio, discriminado por muitos, e levar a turba a estádios de futebol ou outro lugar qualquer que pudesse acomodar seus ouvintes e seguidores.

3. A PARTICIPAÇÃO EM MOVIMENTOS ECUMÊNICOS

Dentre os novos marcos estabelecidos por Mello, o que mais lhe causou desgaste foi seu engajamento em movimentos ecumênicos, pois tanto provocou críticas de outros evangélicos, como desconforto entre os pastores de sua denominação. Basta lembrar que, havia uma decisão sectária das AD que condenava os movimentos ecumênicos por considerá-los uma proposta apostata e que seus membros estavam traindo a Jesus, como constatou Wolff:

A Convenção Geral das Assembléias de Deus, de 1963, declarou que “o ecumenismo, representado pelo Conselho Ecumênico de Igrejas e pelo Concílio Vaticano II, tem uma tendência à apostasia. Trata-se de uma comunhão de Igrejas que abertamente praticam o culto aos ídolos e que crêem na justificação pelas obras (Igrejas católico-romanas), que negam a divindade de Jesus Cristo ou seu nascimento virginal, a necessidade do novo nascimento, a ressurreição e o retorno de Cristo (Conselho Mundial de Igrejas), é uma coisa impossível para os pentecostais. Os protestantes do Conselho Mundial de Igrejas traíram aqueles que morreram como mártires pela causa da fé. (WOLFF, 1999, p. 31).

Mais um vez, sem se importar com o modelo pentecostal vigente no país, tão pouco com o que outros líderes iriam dizer dele, Mello aceitou um convite para participar da IV Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas (CMI),⁵⁰ que foi realizada em Upsália, Suécia, em 1968, quando retornou ao Brasil e estava disposto a filiar sua denominação à dita instituição ecumênica. Em uma entrevista concedida ao pastor metodista, João Parayba da Silva, que publicou no periódico da Igreja Metodista do Brasil, *Expositor Cristão*, ele justificou sua decisão. Para Mello o CMI, em termos religiosos, era um órgão estava na “era da bicicleta”, enquanto seu grupo, na “era dos jatos”, mas no que tange a ação social, eles estavam fazendo uma obra gigantesca que sua denominação não conseguia fazer sozinha, portanto a filiação da OBPC no CMI tinha como principal motivação a parceria que poderia desenvolver para ações sociais (*EXPOSITOR CRISTÃO*, 1968, n.º. 19, p. 11), o que o fez no ano seguinte através de uma carta de solicitação de adesão, cujo conteúdo integral será transcrito a seguir.

⁵⁰ O Conselho Mundial de Igrejas é uma organização ecumênica cristã de abrangência internacional, sua fundação ocorreu em 23 de agosto de 1948, em Amsterdam, Holanda. Atualmente está sediada em Genebra, Suíça, e congrega mais de 340 igrejas de diversas denominações. As igrejas filiadas ao CMI representam mais de 500 milhões de fiéis presentes em mais de 120 países. Entre seus membros estão igrejas protestantes, ortodoxas e pentecostais. A Igreja Católica, apesar de não fazer parte do rol de membros, tem com ela um grupo de trabalho permanente e participa como membro pleno de alguns departamentos, como na Comissão de Fé e Ordem, na Comissão de Missão e Evangelismo e, no Brasil, sob a orientação do CMI, integrou o grupo de fundadores da CESE.

São Paulo, julho de 1969.

Conselho Mundial de Igrejas...

Atenção do secretário geral, o rev. dr. Eugene C[arson] Blake e do comitê central

Prezados irmãos:

A igreja evangélica pentecostal “O Brasil para Cristo” tem sua sede em São Paulo, Brasil. Sua jurisdição se estende a todo o Brasil; há presentemente 300 (trezentos) pastores, 4.200 (quatro mil e duzentos) obreiros fraternais e pregadores leigos. A comunidade evangélica pentecostal abrange homens e mulheres e ela possui aproximadamente 1.100.000 (um milhão e cem mil) membros. Em nome desta comunidade, o signatário, seu fundador e guia espiritual, solicita o que segue:

Considerando que os contatos e encontros mantidos com o secretário geral e outros membros e associados do CMI;

Considerando que o Conselho Mundial de Igrejas é uma organização mundial que representa aqueles cristãos que verdadeiramente buscam a unidade cristã;

Considerando como autênticas as ações sociais, educativas, evangelísticas e ecumênicas do CMI;

Considerando que a constituição do CMI está fundamentada em princípios eminentemente bíblicos e cristãos, não vimos nada, até o presente momento, contrário à nossa Declaração de Fé, nós portanto aceitamos, para a orientação da nossa igreja, a seguinte citação da constituição e regimento do CMI, conforme confirmada em Upsala, em 1968.

A. A constituição

1. A base

O CMI é uma comunhão de igrejas que confessam o Senhor Jesus Cristo como Deus e Salvador segundo as Escrituras e, portanto, buscam cumprir juntas sua vocação comum para a glória do único Deus, Pai, Filho e Espírito Santo.”

Em vista do acima exposto, e após ouvir as igrejas membros do conselho mundial de igrejas, no Brasil, a saber:

— A igreja evangélica de confissão luterana no Brasil;

— A igreja metodista no Brasil, e

— A igreja episcopal brasileira, solicitamos a aceitação do nosso pedido formal como membro do CMI, como a quarta igreja brasileira associada. Esta decisão foi feita após muitas orações e com uma consciência limpa perante Deus e na certeza de que estamos cumprindo as palavras de Cristo:

”... que todos sejam um em Ti, ó Pai”.

Vosso, em Cristo,

Manoel de Mello

Fundador e guia espiritual. (REILY, 1984, p. 390-1)

As preocupações de Mello a situação da população brasileiras estão retratadas em sua frase, “Enquanto nós convertemos um milhão, o diabo desconverte dez milhões através da fome, da miséria, do militarismo, da ditadura, e as Igrejas continuam acomodadas. O ateísmo

cresce devido às situações de injustiça, de miséria em que o povo vive” (EXPOSITOR CRISTÃO, 1968, n.º. 19, p. 11). Foi por conveniência ou por consciência que ele disse essas coisas? Algumas pessoas diziam que era uma questão de conveniências, pois ele esperava arrecadar recursos financeiros para construir o “Grande Templo” da Pompéia, e esse era o discurso que os membros do CMI esperavam ouvir (FRESTON, 1993, p. 91; HOLLENWEGER, 1976, p.155).

No ano de 1970, depois de vencidas as oposições internas de membros que não eram favoráveis à presença de pentecostais na instituição, (HOLLENWEGER, 1976, p.) a OBPC foi aceita no rol de membros, tornando-se a maior denominação da América Latina a se juntar ao CMI, aonde chegou a integrar o Comitê Central do órgão. Mello também passou a atuar no país em frentes ecumênicas que estavam engajadas em projetos sociais. Passado quatro anos da adesão da OBPC ao CMI, foi organizado clandestinamente no governo militar do Presidente Médici, uma instituição ecumênica que iria atuar nas áreas sociais, que recebeu o nome de CESE – Coordenadoria Ecumênica de Serviço.⁵¹ “Sem negar a natureza genuína de suas preocupações sociais, ele tinha uma percepção do custo-benefício em ambientes diversos: na OBPC, o custo em termos de rejeição ou medo por parte dos membros poderia prevalecer; nos meios ecumênicos, o benefício em termos de prestígio e verbas para projetos compensava o risco.” (FRESTON, 1993, p. 91)

A Igreja OBPC era a única denominação pentecostal brasileira a participar de movimentos ecumênicos e a fazer críticas ao regime militar que governava o país depois de ter destituído o Presidente João Goulart, sucessor de Jânio Quadros, eleitos democraticamente, o que para Freston dava a Mello uma certa “imunidade”, ou pelo menos as suas críticas não o deixava totalmente vulnerável a repressão militar (FRESTON, 1993, p. 43-

⁵¹ Criada em 1973, com o objetivo de fortalecer os grupos e organizações populares, nas suas lutas por transformações políticas, econômicas e sociais, a CESE já apoiou, com recursos técnicos e financeiros, mais de 6,5 mil iniciativas populares, em todo o Brasil, melhorando a qualidade de vida de mais de 6,1 milhões de pessoas. A CESE surge no momento histórico em que agências de cooperação internacional, Igrejas, movimentos sociais e organismos ecumênicos passam a discutir os rumos da cooperação internacional no Brasil, até então voltada para a realização de grandes projetos. Em 1972, a consulta *Ajuda Inter-eclésiástica para o Norte-Nordeste do Brasil*, realizada em Salvador, sob o estímulo do Conselho Mundial de Igrejas, reuniu as denominações: Episcopal do Brasil, Metodista, Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Missão Presbiteriana do Brasil Central, Cristã Reformada do Brasil, Evangélica Pentecostal “O Brasil para Cristo” e Igreja Católica (representada por intermédio da CNBB). A partir desta discussão, foi aprofundado o conceito de “pequeno projeto” – pontual, sem relação de dependência e que criasse as condições para o fortalecimento das organizações populares, atuando como semente de suas ações. A opção pelo enfoque de apoio ao Norte e Nordeste do país também ficou explicitada nos documentos resultantes da consulta e que orientaram os critérios de atuação da nova entidade que ali nascia. Fonte: <http://www.cese.org.br/drupal/node/33> acessada em 21 maio 2008

4). Entretanto isso não impediu que ele fosse detido algumas vezes por criticar o regime ditador e tão pouco imunizou os pastores da denominação de censuras e discriminação por parte de outras igrejas, sobretudo das pentecostais, como AD, que consideravam o ecumenismo uma estratégia do anti-cristo para promover a apostasia dos fiéis. A filiação da OBPC tinha sido uma decisão unilateral de Mello, pois não foi uma atitude com base na apreciação dos pastores, mas como tudo estava centralizado no fundador, bastava ele querer para fazer porque se tratava de um líder carismático e centralizador, cujos subordinados o admiravam o suficiente para acatar todas as suas decisões.

A relação da OBPC com CMI e com a CESE, pelo simples fato de ter a presença de membros da ICAR, deixava os pastores em situação delicada, especialmente do nordeste brasileiro, pois com frequência eles eram acusados de fazer parte de uma igreja apóstata que tinha comunhão com os “católicos idólatras”. A verdade é que, com raras exceções, os líderes da igreja de Mello não concordavam com a presença da denominação em movimentos ecumênicos, não porque não estivessem preocupados com as ações sociais da igreja, mas pelo fato de ter que dialogar com católicos nos encontros e pregar contra eles nos cultos. É sabido que no Brasil o principal alvo de proselitismo evangélico, mesmo dos ditos ecumênicos, são os católicos nominais. O reflexo desta posição antiecumenismo da maioria dos pastores da igreja OBPC foi constatada na Assembléia Nacional das Igrejas OBPC, realizada nos dias 31/10, 1 e 2/11/1986 na dependências do templo sede, no bairro da Pompéia, em São Paulo, que contava com a presença de Manoel de Mello,⁵² onde após proposta permanência da denominação no CMI, feita pelo Pr. Enoque Pedrosa, e contra-proposta de desligamento imediato, do Pr. Milton Rodrigues de Souza, a segunda venceu por maioria absoluta.⁵³ Assim finda a era ecumênica da OBPC, apesar de atualmente ser comum os convites do CMI para que a denominação melleana envie representantes nos encontros que eles promovem e, sempre que possível, tem sido atendido com a presença de algum líder.

⁵² Missionário Manoel de Mello ficou na presidência da Igreja OBPC entre os anos de 1956 a 1976, quando ele indicou para sucedê-lo o gaúcho, Pr. Olavo Nunes.

⁵³ As Assembléias Nacional da OBPC são realizadas a cada 3 anos e são delegados autorizados a participar com voto e palavra os pastores, presbíteros, evangelistas e missionários. As decisões e as normas são aprovadas com votos da maioria simples, ou seja, 50% + 1.

4. A CONSTRUÇÃO DE UM MEGA TEMPLO

Entre as inovações empreendidas por Manoel de Mello frente à igreja por ele fundada, que ficou evidenciada pela população, está a construção de um mega templo na zona oeste da capital paulista. Tudo começou, diz Tavares, quando ele e Mello passavam pelo bairro da Pompéia e se depararam com um imóvel industrial, as margens da via férrea que liga a zona oeste ao centro da cidade, que estava à venda, e seu líder disse que iria comprar aquele imóvel para transformá-lo no maior templo evangélico do mundo. Tratava-se do Curtume Franco Brasileiro que possuía uma área de 22.000 metros quadrados. Como o movimento OBPC estava em franca expansão e não havia um espaço suficiente para reuniões, onde os fiéis pudessem se reunir semanalmente, uma vez que o templo situado na Rua Tuiuti era locado e não comportava mais pessoas. Em março de 1962 foi concretizado o negócio com compromisso de realizar o pagamento em parcelas, mas como nem Mello ou sua denominação não tinha recursos suficientes para concretizar a aquisição do referido bem, ele passou a pedir donativos, em espécies, para os assistentes dos cultos e ouvintes do programa radiofônico. Diz sua biógrafa:

Uma grande campanha foi iniciada com o objetivo de angariar fundos para saldar a dívida, anunciada também pelo rádio. Os recursos foram chegando, vindo em ofertas dos fiéis, de ouvintes do programa de rádio e contribuição de todas as partes, de gente generosa que dava com alegria por estar participando daquele grande projeto. (MELLO, 2006, p. 101).

Conforme a execução do projeto por ele classificado como “o maior templo evangélico do mundo”. Disse o Pr. Geraldino do Santos, homem de confiança de Mello:

A construção do maior templo evangélico do mundo é resultante de uma visão de Deus. Assim sendo êle é realizável, é exequível. Êle não é o fim. É apenas o meio para se atingir um fim. Tem portanto uma finalidade e não é o último objetivo. Deus mostrou que através dêle, a sua obra em proporções que assombram os homens, será realizada. O Brasil está se tornando a pátria do Evangelho. Será ganho para Cristo e ninguém mais deterá esta marcha pelo deserto da incredulidade brasileira, pois há pão, codornizes e água, não falta a graça e os milagres e o Moisés tem em suas mãos a vara poderosa que é a visão de Deus.

Uma equipe de homens de Deus está se organizando e muito cedo ela atacará com destemor. O grande Templo é o início de uma grande obra no Brasil, na América Latina e quiçá no mundo todo. Cada Capital, cada cidade grande,

cada país vizinho se constituirá numa coletividade evangélica, cristã, espiritualista. Não se pretende endeusar ninguém, apenas honrar o que Deus está fazendo e reconhecer a quem Ele honra.

As portas estão abertas em nossa terra. Não percamos a visão de Deus andando e realizando obras pela fé. Não olvidemos o comando mas oremos e jejuemos juntos, para a glória de Deus e Salvação de nossa pátria, do caos em que se encontra (O MUNDO EVANGÉLICO, [Edição Especial]. Ano I (3), abr. 1963, p. 24 in SOUZA, 1968, p. 41-2)

No conceito de Mello, a construção do “Grande Templo”, como ficou conhecido e até hoje é chamado pelos brasilparacristãos, era um símbolo de poder para um povo simples de um país do qual estavam excluídos. Sobre esse assunto envolvendo o mega templo, Read fez a seguinte constatação.

Manoel de Melo afirma que o objetivo não é simplesmente o tamanho, mas sim o enorme número de pessoas, que se reunirão nesse templo para ouvir a palavra do Senhor, e encontrar o Salvador. Acha êle, que as pessoas simples do Brasil, precisam dêste simbolo de poder. E está convencido de que sua campanha pela justiça social, democracia honesta e liberdade religiosa, requer uma figura em tórno da qual, a minoria evangélica possa reunir-se. (READ, 1967, p. 156)

Em 13 de maio de 1962, foi lançada a pedra fundamental ⁵⁴ daquele que seria um templo, cujo projeto, foi ilustrado em uma maquete exposta para visitas dos membros e autoridades, com capacidade para receber 25.000 pessoas sentadas, estacionamento para 300 carros, berçário para 300 crianças 40 salas para atividades administrativas e diversas, agência do D.C.T. (Departamento dos Correios e Telégrafos), cabines telefônicas urbanas e interurbanas, agência bancária, biblioteca, restaurante, setor de relações públicas (pessoas especializadas e políglotas), prédios para obras educacionais e assistenciais e parque infantil. (SOUZA, 1969, p. 43-4). Para a sociedade paulistana moderna, algumas coisas que faziam parte do projeto eram vistas como motivo de orgulho e ostentação, como posto dos Correios, cabine telefônica e agência bancária, basta dizer que na época tudo isso era raro e poucas pessoas tinham acesso, principalmente os residentes nas periferias paulistanas. Isso também mostra o perfil do público que freqüentava os cultos do evangelista Mello.

⁵⁴ “Lançamento da pedra fundamental” em uma obra é um cerimonial onde enterram alguns objetos, sobre tudo pedras, como marco inicial da construção.

Em 1969, foi inaugurado parcialmente o templo da Pompéia, com capacidade para receber 2.000 pessoas. O local foi denominado de “Átrio”, para diferenciar do templo principal que estava em fase de construção, assim era possível promover reuniões em dois lugares: no subterrâneo, espaço que foi reutilizado do antigo curtume, e no Átrio. Dessa forma, os ouvintes do programa da Rádio Tupi e os demais freqüentadores dos cultos tinham outra opção, além do Tabernáculo da Tuiuti. No dia 1º de julho de 1979, deu-se a concorrida inauguração do “maior templo evangélico do mundo”, conforme descrição na parede frontal do recinto, onde estiveram presentes várias autoridades eclesiásticas e laicas, entre elas o Secretário Geral do CMI, Dr. Philip Potter, que fez a preleção, e o Arcebispo da ICAR de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns. Com a inauguração ficou constatado que algumas coisas não haviam ficado conforme o projeto inicial, entre elas, a que mais ressaltou foi a capacidade de acomodação do templo que era prevista para 25.000 pessoas, no final não coube 15.000. Atualmente tem a capacidade de, no máximo, 10.000 pessoas, isso se usar simultaneamente o Átrio. Entretanto, ainda assim, somente a partir dos anos 90 é que os pentecostais passaram a construir templos com capacidade para tão grande número de pessoas.

Até o início dos anos 80, quando Manoel de Mello estava ativo, ele conseguiu lotar o Grande Templo da Pompéia, tendo apenas nele os elementos que atraíam as multidões. Atualmente no local funciona o Átrio, com várias reuniões semanais dirigidas pelo Pr. Paulo Lutero de Mello, que é o presidente da igreja local, o escritório do Conselho Nacional, órgão normativo máximo das Igrejas OBPC, escritório administrativo da igreja local, uma unidade da UNIP (Universidade Paulista), como locatária de parte do complexo, e esporadicamente o templo principal é utilizado para eventos especiais da denominação ou de outras igrejas evangélicas que não possuem espaço suficiente para receber grande número de pessoas.

5. REFLEXÕES DO CAPÍTULO III

Diante dos resultados das pesquisas que compõem capítulo é possível responder a indagação: “Uma nova igreja para uma nova realidade?”. Pode-se afirmar que Mello levou seu movimento a estabelecer novos paradigmas entre os religiosos brasileiros, não apenas entre os pentecostais. No que diz respeito ao uso do rádio, está comprovado que ele não foi o pioneiro, entretanto, até o seu ingresso na mídia radiofônica brasileira, ninguém soube tirar

tanto proveito como ele, conseguindo tanta adesão de novos adeptos e ficado por tanto tempo em evidencia como ele. Basta dizer que o nome de sua denominação originou-se do programa “A voz do Brasil para Cristo”. A partir do êxito de Mello no rádio, mesmo os oponentes ao seu uso, por considerá-lo instrumento do diabo, redeu-se a sua magia e eficiência, pode-se afirmar que esse foi o marco do ingresso dos pentecostais no MCM, com fins proselitistas e de promoção institucional.

Com a necessidade de lugares que pudessem receber as pessoas que ouviam o programa de rádio e iam à procura de um milagre, especialmente de cura e exorcismo, prometidos por Mello que iria acontecer em suas reuniões, e com os poucos templos do novo movimento, o evangelista resolveu locar espaços como teatros e cinemas, além de promover cruzadas evangelísticas no Vale do Anhangabaú e na Praça da Sé, em frente à Catedral católica, e praças de esportes como o Estádio Municipal do Pacaembu, mesmo que alguns desses lugares fossem considerados profanos ou inapropriados para os crentes. Tratou-se de atitudes inovadoras, inclusive sendo seguida por outros pentecostais, e por denominações que na época o criticaram, chamando-o “mundano”.

O pioneirismo de Mello teve como ápice o ingresso da OBPC no CMI e outros movimentos ecumênicos, que resultou em censuras a ele e aos membros de sua agremiação, pois para outros pentecostais a presença de uma igreja no CMI ou CESE, que Mello ajudou a fundar, era sinônimo de que estavam desviados do verdadeiro Evangelho, pois era impossível conceber que um verdadeiro cristão participasse de um grupo onde católicos, “idolatrás e perdidos” fizessem parte. Esta atitude, particularmente de Manoel de Mello com a qual a maioria dos seus liderados não concordava, foi inédita e até hoje não foi imitada pelas principais igrejas pentecostais brasileiras.

Pode-se dizer também, que a construção de um templo para acomodar 25.000 pessoas, em meados dos anos 60, era uma inovação, pois não havia em São Paulo nenhuma outra igreja, pentecostal ou não, que tivesse tal pretensão. Entretanto, a motivação de Mello estava no fato de conseguir reunir um número cada vez maior de pessoas, que ouviam seus programas de rádio, e iam participar dos cultos que ele promovia na cidade de São Paulo. Portanto, pode-se afirmar que Mello inovou o pentecostalismo brasileiro em algumas áreas e que o uso dos MCM, espaços públicos para celebrações religiosas e construção de mega templos, tão comum nos dias de hoje, tiveram nele o pioneirismo e, como todo precursor, ele estava renunciando aquilo que seriam as igrejas “bem sucedidas” do século XXI. Ficou evidenciado que ele estava certo quanto a seus métodos, que católicos romanos, evangélicos e

outros grupos religiosos, que se opuseram às suas iniciativas, hoje fazem uso dos mesmos meios. Tratava-se do estabelecimento de novos construtos religiosos para a “nova” igreja, aquela que investe e prioriza o uso dos meios midiáticos, que leva os cultos aos espaços públicos que não eram convencionais e diante do grande número de pessoas que freqüentavam as celebrações ministradas pelo seu líder, Missionário Manoel de Mello, e constrói um templo para reunir milhares de pessoas. Das inovações apresentadas neste capítulo a única que não serviu de modelo para os pentecostais modernos foi o ingresso nos movimentos ecumênicos, pois nem mesmo a igreja OBPC permaneceu filiada as associações ecumênicas com o fim da era Mello.

Quanto aos 1.100.000 membros, que afirmou ter no fim dos anos 60, certamente essa cifra não era real, é possível que ele estimasse que aquela fosse a quantidade de fiéis de sua agremiação, baseando-se na freqüência dos assistentes nas concentrações evangelísticas que eram promovidas em todo território nacional. Segundo o Censo do IBGE do ano 2000,⁵⁵ a OBPC contava com um total de 175.618 adeptos. Mesmo que eles tenham perdido membros com o afastamento de Mello do cenário evangélico em 1985, ainda assim esse número não teria caído tanto, até porque, não houve cisão e as perdas foram inexpressivas. Com a ausência de seu fundador o movimento estagnou por, pelo menos, 10 anos, mas acabou aprendendo a andar sem o carisma e liderança do Missionário Mello e atualmente conta com aproximadamente 100.000 membros só no Estado de São Paulo.

⁵⁵ Dados colhidos no site da internet www.igbe.gov.br acessado em 15 dez. 2007.

CAPÍTULO IV – DO RÁDIO PARA OS PALANQUES ELEITORAIS

A presença dos primeiros pentecostais brasileiros na política foi antecedida em algumas décadas pelos pentecostais estadunidenses, que já atuavam para eleger seus candidatos a cargos públicos eletivos. No transcorrer das primeiras décadas do século XX, na Suécia, pentecostais participavam ativamente da política nacional e em 1964, o líder pentecostal Petrus Lewis Pethrus fundou o “Kristen Demokratisk Samling” (Coalizão Democrática Cristã) para participar das eleições de seu país, e para alcançar a proeza de eleger seus candidatos, convocou os pentecostais suecos para se engajarem na política partidária. (ARAÚJO, 2007, p. 656)

Quando observamos a atuação dos evangélicos pentecostais e neopentecostais no cenário da política⁵⁶ nacional da atualidade, poucos têm conhecimento da real dimensão das mudanças que foram necessárias para que os ditos grupos se envolvessem com as decisões que transitam por essa esfera. A inserção dos pentecostais brasileiros na esfera política promoveu algumas mudanças internas, que resultaram em conflitos dentro do próprio movimento. Hoje é possível constatar que o líder da Igreja OBPC, Manoel de Mello, foi o primeiro pastor pentecostal brasileiro a conduzir o rebanho e seus admiradores pelas veredas da política partidária.

Antes de tudo, para compreensão do pentecostalismo de rádio⁵⁷ e suas motivações para romper com um sistema religioso que mantinha seus fiéis longe de algumas práticas sociais, como a participação na política, é necessário dar uma olhada na história desses grupos, pois como disse o sociólogo Durkheim: “A história é, de fato, o único método de análise explicativa que parece possível de lhe aplicar. Apenas ela nos permite decompor uma instituição nos seus elementos constitutivos, pois ela no-los mostra nascendo no tempo e uns após os outros.” (2006, p. 149)

⁵⁶ Devido às várias possibilidades de aplicação da palavra “política”, conforme define Max Weber, faz necessário salientar o uso deste termo neste capítulo, estaremos nos referindo à posição dos indivíduos de uma sociedade que são representantes do Estado, sejam eleitos, nomeados ou que se auto-proclamaram. Quanto ao Estado, o conceito também será o weberiano de uma instituição que faz uso da força para normatizar e manter organizada uma sociedade, consecutivamente detentora do poder e que faz uso da violência para governar. (WEBER, 2003, p. 59,60).

⁵⁷ O uso do termo “pentecostalismo de rádio” é uma alusão aos grupos pentecostais brasileiros que surgiram a partir da década de 50, do século passado, e que fizeram do rádio o principal meio de divulgação de suas mensagens. Ao mesmo movimento, Paul Freston denomina “pentecostalismo da segunda onda” (FRESTON, 1993). Gouveia Mendonça classifica o mesmo segmento religioso brasileiro de “pentecostais de cura divina” (MENDONÇA, 1997)

Por isso, é necessário se ater aos fatos históricos tanto das duas principais denominações pentecostais, como do novo grupo organizado por Mello, no que se refere ao rádio e à política, pois foram necessários alguns elementos sociais e religiosos, que são pressupostos deste capítulo. São eles: 1. Mello foi projetado socialmente pelo rádio, através do programa “A voz do Brasil para Cristo”; 2. O sucesso do programa deu-se pelo fato da proposta religiosa apresentada por Mello ter ido ao encontro das necessidades de uma população pobre, residente, sobretudo nas periferias das grandes cidades, esquecida pela Igreja Católica e abandonada pelo Estado; 3. A inserção da Igreja OBPC na política foi resultado da interferência pessoal de seu fundador, Manoel de Mello; 4. Pode-se atribuir a Mello a façanha de conseguir transferir sua credibilidade, como pregador pentecostal, para os candidatos por ele apoiados.

1. NOVOS TEMPOS, NOVOS DESAFIOS.

A adaptação dos pentecostais ao contexto social brasileiro deu-se em um processo lento, pois foram necessários mais de 40 anos para que os grupos sofressem algumas mudanças em seus conceitos sociais e métodos evangelísticos. Porém, é importante destacar que, não foram somente os movimentos religiosos, como também os pentecostais, que pouco se desenvolveram na primeira metade do século passado. Nesse período, o Brasil teve seu desenvolvimento comprometido causado pela instabilidade na política nacional e pelas duas guerras mundiais, que de maneira direta acabaram afetando o crescimento social e econômico do país.⁵⁸ Entretanto, alguns fatores colaboraram para que a segunda metade do século XX fosse marcada por significativas mudanças no cenário religioso brasileiro e promoveram o envolvimento dos pentecostais na mídia de massas e na política. Entre eles estão: a) O êxodo rural; b) A construção da nova identidade social dos migrantes; c) O uso do rádio como instrumento de divulgação de ideais políticos partidários.

a) Êxodo rural brasileiro

⁵⁸ A república estabelecida no fim do século XIX ainda não tinha conseguido se estabilizar quando ocorreu a Primeira Guerra Mundial, seguida no Brasil pela Revolução de 1930, com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder através do golpe de 1937 e quase 20 anos sob a regência do presidente gaúcho.

A partir dos anos 40, o Brasil presenciou o início do êxodo de parte da população que saiu do campo e migrou para os grandes centros, principalmente para as regiões sul e sudeste do país, que estavam em franca expansão industrial e demandavam mão-de-obra sem especialização, abundante e barata. A falta de perspectiva no trabalho agrícola e as oportunidades de emprego nas grandes cidades levaram várias famílias de camponeses a abandonar sua terra natal, em busca do “eldorado” metropolitano. Os ex-trabalhadores rurais encontravam, sobretudo nas indústrias e construções civis, emprego com renda garantida. Acrescentando-se a este fato a carência de trabalho no campo com a queda nas exportações de produtos agrícolas, como o café, que empregava boa parte dos trabalhadores rurais notadamente do interior dos estados do sudeste e sul do Brasil, como Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná e o aumento da pobreza e falta de perspectivas econômicas dos habitantes do “polígono da seca”, situado na região nordeste (CHEROBIM, 1986, p. 31 ss).

Os retirantes camponeses, que migraram para as metrópoles, tiveram alteradas suas características profissionais, entretanto, alguns hábitos e culturas interioranas continuaram fazendo parte de seus comportamentos nos centros urbanos. Entre elas, estava o modelo de participação nas disputas políticas. O que não quer dizer que se tratava de pessoas politizadas, mas de grupos sociais que se envolviam na defesa do candidato de sua preferência, como forma de competição e de manutenção dos laços comunitários. O comportamento político da sociedade interiorana era caracterizado por relações sociais familiares e de compadres, onde o engajamento na política e nas relações sociais fazia parte da cultura regional, ou seja, apesar da falta de esclarecimento político por parte da população os grupos participavam das campanhas eleitorais como um evento social daquele vilarejo. Embora nem sempre aquela comunidade tivesse alguma relação igualitária com os aspirantes a cargos eletivos, ela votava nos candidatos que fossem conhecidos dos moradores do vilarejo ou, mesmo que desconhecido, mas que recebesse o apoio político de um compadre que o conhecia e consecutivamente o apoiava. Assim, a adesão a uma candidatura nem sempre era resultado de uma consciência política, mas de uma afinidade social baseada nas amizades e nas trocas de favores. Mendonça diz que havia uma relação de dependência nas comunidades rurais do início do século XX, tanto no âmbito social como político, pois o convívio e a sobrevivência eram possíveis mediante uma troca constante de favores e lealdade política entre os fazendeiros e sitiantes (MENDONÇA, 1995, p. 124 ss).

b) A construção da nova identidade social dos migrantes

Na medida em que a sociedade rural desloca-se para os grandes centros urbanos, ela não encontra nas cidades a estrutura mínima necessária para viver de maneira digna. Este fato leva os retirantes a morarem nas periferias. Foi em um reduto paulistano, com estas características, que a mensagem religiosa dos pentecostais ecoou. Tratava-se de trabalhadores migrantes do interior dos estados do sudeste, do norte e do nordeste do país, e imigrantes italianos, para quem faltava uma nova referência social e religiosa, além da carência de atenção por parte dos governantes e da igreja católica. Os pregadores pentecostais foram os que mais se aproximaram deles, até porque muitos desses pregadores eram membros da mesma comunidade e migrantes como eles. Mendonça afirma que o rápido crescimento da cidade, sem a estrutura pública adequada, resultou na transformação dos cortiços em favelas e o aumento da pobreza urbana tornou-se ambiente adequado para a proliferação de grupos pentecostais de cura divina. (MENDONÇA, 1997, p.157-8). Essa mesma camada da população estava desassistida pela igreja católica que não conseguia atender a demanda de fiéis que crescia diariamente, oriundos da roça, que passavam a habitar na periferia de metrópoles como São Paulo, porque apesar do maior número de sacerdotes estarem nos grandes centros, eles não era em número suficiente para a demanda. (QUEIROZ, 1976, p. 74-5)

Com a conversão dessa população de migração, do catolicismo e das crenças e práticas das religiões afro-brasileiras⁵⁹ para o pentecostalismo, ocorreu uma significativa mudança, não apenas no comportamento considerado pelos pentecostais como “mundano”, mas também com afastamento dos integrantes dos grupos religiosos da política. Como tudo que os pentecostais consideravam profano e, portanto pecado, a participação dos membros do referido movimento religioso, em campanhas eleitorais, fosse como candidato ou ativista, eram rechaçadas pelos líderes. O que resultou em um distanciamento deles do cenário político. (FREESTON, 1993, p. 88)

c) O uso do rádio para fins políticos partidários

⁵⁹ Segundo o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística são classificadas como “religiões afro-brasileiras” aquelas cujas matrizes são de origem africanas herdadas dos escravos, tais como: Candomblé, Umbanda e outras.

Na esfera da política nacional, em 24 de agosto de 1954, chegou ao fim a “Era Vargas”, com o suicídio do Presidente da República que ficou conhecido como o “pai dos pobres”, que durante quase vinte anos no poder fez do rádio o principal instrumento para propagação de seus ideais e divulgação das ações governamentais, dando sustentação ao seu governo. Em seu último mandato, Getúlio Vargas usou o rádio como instrumento de promoção pessoal e para divulgar as ações do seu governo, como também recebeu críticas da oposição através do mesmo meio de comunicação que o favorecia. (BAUMWORCEL, 2004, p. 2 ss)⁶⁰

Ortriwano diz que desde o dia em que foram emitidas as primeiras ondas de rádio, em 1922, no Rio de Janeiro, por ocasião da comemoração do Centenário da Independência, até hoje, o rádio tem servido de instrumento para a promoção política. “Não há candidato que não se interesse em participar de programas em emissoras radiofônicas em todas as cidades por onde passam as comitivas eleitorais” (ORTRIWANO, 2003, p. 68)

2. A CONTRIBUIÇÃO DO RÁDIO NA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE UM HOMEM PÚBLICO

O rádio não apenas transmite ondas sonoras como também possibilita que o ouvinte construa uma imagem própria e pessoal do locutor, pois desde o timbre da voz até a mensagem transmitida faz com que o receptor codifique o conteúdo e gere sua própria imagem, tanto dos fatos como do transmissor. Diz Brenda Maribel:

Na oralidade o mundo faz-se espetáculo, maravilha da manifestação e da apresentação imaginativa. Nela a voz cumpre sua função de encanto. Seduz, atrai, leva a alma para a memória e a traz para o verbo. O logos que a palavra expressa, pronuncia, umedece e fecunda ou, seca e paralisa o ouvido atento. A palavra oralizada é a magia da linguagem radiofônica, com seus recursos sonoros e plasticidade performática, percorre distâncias, supera fronteiras, atinge pessoas e coletivos. (DÁVILA, 2005, p.215)

⁶⁰ Na noite que antecedeu a morte de Getúlio Vargas, um dos opositores político, Carlos Lacerda, havia passado várias horas no ar, pela Rádio Nacional, tecendo críticas a ele e ao seu modelo de governo. (BAUMWORCEL, 2004, p. 7).

No início dos anos 50, quando o rádio era o principal meio de comunicação de massa, a presença diária em programações radiofônicas tornava conhecida qualquer pessoa, pois isso a deixava em evidência. Naquela época, as programações radiofônicas já alcançavam tanto a população dos centros urbanos, das periferias e dos mais remotos rincões do país, sendo considerado pela sociedade um instrumento de difusão secular. As transmissões tinham um alto custo, por isso não era comum encontrar programas de religiosos pentecostais, entretanto a crise financeira que passava a indústria cultural da radiofonia, usando o termo de Adorno, pois o rádio havia se transformado em um negócio rentável para os detentores de concessão federal e que, depois da era de ouro, começava a enfrentar a concorrência da televisão, deixando a porta aberta para todos que tivesse dinheiro para enxertar no negócio.

Após esta breve introdução do panorama econômico do rádio, pode-se então afirmar que havia um ambiente propício para que os grupos pentecostais entrassem para o mundo da comunicação de massas, inovando os métodos e levando sua proposta religiosa para um número maior de pessoas. Entretanto, para isso era necessário estar disposto a romper com um modelo conservador de comunicação pentecostal, onde a radiodifusão estava descartada pelos dois principais grupos a CC e AD. Apesar do conceito de alguns de seus pares, em 1956, Manoel de Mello resolveu inovar, levando ao ar o programa que permanece sendo transmitido por suas igrejas até hoje, cujo nome refletia seu espírito nacionalista e a utópica visão de converter a nação ao cristianismo evangélico. Assim com o programa “A Voz do Brasil para Cristo” ele tornou-se o principal expoente pentecostal do rádio. (FREESTON, 1993, p. 88 ss).

A forma com que Mello abordava os mais diversos assuntos e seu um jeito simples de falar do Evangelho, que possibilitava que os ouvintes praticassem em seu cotidiano fazia com que sua audiência crescesse diariamente (MELLO, 2006, p. 113). A sua origem nordestina acrescida da pouca escolaridade e suas atividades profissionais na construção civil, fazia com que sua linguagem fosse simples e que o “povão” entendesse, principalmente os migrantes nordestinos que encontravam na verbalização e sotaque de Mello similaridades sociais. Deve-se considerar que no referido período, os migrantes nordestinos se estabeleciam em grande número e povoavam as periferias da grande São Paulo. Assim, o anônimo líder pentecostal Manoel de Mello, depois de sua inserção no rádio como âncora do programa “A voz do Brasil para Cristo”, passou a ser percebido pela

sociedade. Alguns fatores contribuíram para o inegável sucesso de Mello com programa radiofônico, entre outros se encontra as peculiaridades do meio rádio de comunicação.

2.1 Peculiaridade das ondas hertzianas

Uma das características peculiares ao rádio é que ele mexe com o imaginário do ouvinte e despertar a sua curiosidade. Às vezes o interesse não é propriamente pelo que o locutor está oferecendo, mas pelo desejo de confrontar a imagem que o ouvinte tem com a do personagem real. Quando se trata de uma mensagem religiosa, a tendência é de que a identidade com o locutor seja maior, pois ele fala de necessidades e dificuldades que alguns ouvintes estão eventualmente passando. Isso faz com que a expectativa em conhecer pessoalmente o pregador aumente e, assim que possível, encontre-se com aquela pessoa com quem já tem “intimidade”, pois o pregador é “conhecedor” de seus problemas, afinal, ele fala sobre eles no rádio. Esse é o lado emblemático do rádio, o apresentador consegue interagir com o ouvinte e gerar nele uma contemplação daquilo que não enxerga e que apenas o tem em sua imaginação. Principalmente se o que ele oferece é um milagre de cura das doenças que estão afligindo a pessoa, ou alguém com quem ela tem vínculos afetivos. Acerca da capacidade encantadora dos sons hertzianos diz Brenda Maribel:

A radiotransmissão teria a capacidade de mediar, técnica e discursivamente, o popular, pois falaria a mesma linguagem dos migrantes, das donas de casa, dos operários.

Nesse sentido, o rádio é um meio que preenche o vazio dos aparelhos tradicionais na construção de sentido e na resignificação da vida cotidiana. Essa interpretação coloca-se na linha oposta daquelas leituras que fazem dos meios de comunicação meros instrumentos de dominação ideológica a serviço exclusivo da manipulação das massas receptoras. (DÁVILA, 2005, p. 211).

Manoel de Mello se projetou socialmente como o pregador de curas divinas ao fazer uso da radiodifusão para apresentar programas, que consecutivamente, atraíam multidões para as concentrações religiosas que eram organizadas nos mais diversos lugares, inclusive locais públicos, além de aproximar o pregador-locutor dos ouvintes. Como diz Campos, “o rádio permite uma perfeita sintonia entre a mensagem oralmente pregada e a existência de uma civilização pré-letrada.” (CAMPOS, 1999, p. 126). O encurtamento da distância entre Mello e seu ouvintes, não apenas ocorreu no campo da radiodifusão, como também na sua

popularidade, pois se tratava do missionário que estaria reunindo as pessoas em locais de fácil acesso, onde os moradores da periferia podiam encontrá-lo e receber suas orações. Fatores como este tornaram Mello popular entre evangélicos das mais diversas agremiações e católicos.

2.1.1 O Reconhecimento da sociedade: uma multidão o seguia

No primeiro ano de programação no rádio já era possível notar a popularidade de Mello, pois os espaços de cultos diários não estavam comportando o afluxo de pessoas para atendimento pastoral. Tendo em vista essa demanda, houve a necessidade de providenciar um local maior.

O atendimento ao povo passou a ser feito no centro da cidade, na Galeria Prestes Maia, onde também eram realizados cultos. Manoel de Mello estabelecia ali o centro de todas as atividades do movimento e durante o dia recebia, junto com vários pastores, centenas de pessoas que procuravam socorro espiritual. As pessoas formavam imensas filas na rua e aguardavam para assistir a um dos vários cultos realizados para atender a todos que para lá se dirigiam. (MELLO, 2006, p. 33)

À medida que aumentava a audiência dos programas na Rádio Tupi, crescia o número de seguidores do movimento religioso pentecostal “melleano”⁶¹. Diariamente iam ao ar os convites para as concentrações de curas e milagres, onde o locutor anunciava: “Deus vai operar um milagre em sua vida”. O evento marcado para o Estádio do Pacaembu, em maio de 1958, portanto dois anos depois do programa estar no ar, foi a maior demonstração de popularidade de Mello e seu programa, pois ele não apenas conseguiu atrair os ouvintes para a referida concentração como também as autoridades da cidade, entre elas o prefeito Adhemar de Barros. Read faz a seguinte afirmação:

⁶¹ Chamamos de “movimento religioso pentecostal Melleano” a Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil Para Cristo, pois nos primeiros anos era apenas um movimento pentecostal liderado por Manoel de Mello que tinha como sonho “ganhar o Brasil para Cristo”. Portanto, não se trata de nenhum desprezo ao grupo, tão pouco a seu líder. Basta ver que os metodistas são, até hoje, chamados de Wesleyanos, os Presbiterianos de Calvinistas, etc.

Alguns políticos começaram a observar que Manoel de Melo estava ganhando grande número de adeptos, constituindo-se estes, em eleitores em potencial. Um poderoso político do Estado de São Paulo, o Sr. Ademar (sic) de Barros, fêz-lhe algumas propostas, presenteando o mesmo com uma propriedade, grande terreno, para a construção do templo. Falou abertamente dessa generosidade política, nos seus programas de rádio, de forma que cinco milhões de ouvintes, segundo sua estimativa, ficaram bem a par do donativo, com o apêio para participarem de enérgica campanha pró-construção de um templo tipo-tabernáculo. Durante a construção dêsse templo, Ademar (sic) de Barros, que tinha todo o apoio de Manoel de Melo à sua campanha para Presidente da República, passou a ser severamente criticado pelos católicos. Ameaçaram arruiná-lo politicamente nas eleições seguintes, se não tomasse a propriedade de volta e não pusesse fim à essa união com Manoel de Melo. (READ, 1967, p. 154)

2.1.2 O carisma de Mello: o povo atendia seus apelos

Uma das características dos líderes pentecostais da primeira onda é o carisma. Eles precisavam conquistar a confiança e credibilidade do grupo (MARIANO, 1999). No entanto, não se pode restringir esta característica aos primórdios representantes do avivalismo americano, pois Mello e seus contemporâneos, da segunda onda, valeram-se deste predicado pessoal, para arrebanharem novos seguidores e estabelecer seus grupos religiosos.

Os resultados alcançados pelo movimento da OBPC, a partir dos anos 50, não podem ser atribuídos somente ao carisma de Mello e à sua presença no rádio para pregar mensagens religiosas, pois se assim fosse outros tantos religiosos que tinham programas radiofônicos teriam elegido candidatos de suas agremiações.⁶² Entretanto, não se pode negar que, sem o rádio ele não teria aparecido para o público e, consecutivamente, conseguido apoio popular para o seu candidato. Para fazer sucesso era necessário, além do meio de comunicação eficiente, um bom produto que atendesse às expectativas dos consumidores, um público “consumidor” apropriado para o referido “produto” e um comunicador que conseguisse transmitir credibilidade. Sobretudo, era necessário ser carismático para conseguir conquistar o público e atraí-lo para os locais onde eram realizadas as concentrações. Mello foi um dos comunicadores radiofônicos carismáticos que surgiram nos anos 50. Até entrar para o rádio não passava de um desconhecido para maioria da população, e com a projeção que este meio proporcionou, ele conseguiu, com seu “jeitão”, cair na graça do povo. “O carisma de Manoel

⁶² Conforme constatou Campos, já havia outros grupos religiosos que tinham programas radiofônicos, nos anos 50, entre eles Eurico Matos Coutinho da Igreja Apostólica, Alziro Zarur da Legião da Boa Vontade e o Pe. Donizete vigário da cidade paulista de Tambaú. (CAMPOS, 1997)

de Mello era contagiante, pregava com eloquência e as pessoas procuravam pelos lugares onde ele estaria lotando auditórios e praças públicas para ouvir a sua palavra e receber sua oração” (MELLO, 2006, p. 39).

A principal característica do ministério de Mello, que o projetou nacionalmente, foi a sua proposta religiosa que ia ao encontro, sobretudo, da massa pobre dos grandes centros urbanos. Contava com o rádio que era um meio de comunicação eficiente e que alcançava diversas camadas da sociedade, acrescentando a isto o fato de ele ter se revelado como um comunicador carismático. Fazendo uso de sua imagem de homem público e da credibilidade que possuía junto aos ouvintes, que podiam ser aferidas no afluxo de pessoas que respondiam às convocações que ele fazia, através do rádio, que levavam os fiéis a comparecerem em um determinado local para celebração de cultos de curas e milagres. O povo atendia seu apelo e lotava os locais como cinemas, praças públicas, etc. (MELLO, 2006)

As pessoas que conviveram com Mello afirmam que ele era simpático e sabia como conquistar o respeito e o carinho das pessoas com quem se relacionava, principalmente se fosse de seu interesse. O então evangelista da Igreja Apostólica, Levy Tavares, conta que quando foi pela primeira vez a um culto na Igreja OBPC no ano de 1959, ficou surpreso com a maneira carinhosa com que Mello o recebeu. Estava ele assentado entre as pessoas nos últimos bancos quando foi surpreendido pela apresentação e pedido para que ele fosse conduzido à tribuna. Assim narra Tavares. “Está entre nós um grande e abençoado Evangelista, a quem eu convido para vir ao púlpito nos dirigir uma palavra de saudação. Peço para o Pastor Arthur de Mello ir buscá-lo e trazê-lo ao altar.” (MELLO, 2006, p. 78). A forma com que foi recebido por Mello levou Levy Tavares a trocar de agremiação religiosa e passar a fazer parte dos admiradores e seguidores do movimento melleano.

2.2 O poder político: influenciador e influenciado

Não foi necessário muito tempo para que Mello com a projeção no campo religioso fosse sondado por políticos, que provavelmente viam nele potencial para um bom cabo eleitoral. Até o final dos anos 50, não era comum a presença de pentecostais paulistas na política. Não se sabe de nenhum outro líder pentecostal que tenha antecedido Mello na participação em política partidária paulista. Paul, em estudo sobre a presença dos

evangélicos na política, atribui a ele o pioneirismo tanto na participação em campanhas, na condição de cabo eleitoral, como também atuando intensamente para eleição de um membro de sua igreja. (FRESTON, 1993, p.88-9). Dentro do jeito peculiar do brasileiro fazer política, Mello usou sua popularidade, como ministro religioso, para influenciar seus admiradores e fiéis em votar nos candidatos de sua preferência, mas dentro desse processo de manipulações ele também sofreu influências de pessoas ligadas a partidos ou grupos religiosos, que conheciam seu potencial como cabo eleitoral.

a) Influenciador

Baseando-se na biografia de Manoel de Mello, dá-se a entender que, apesar do movimento liderado por ele já existir desde 1956, foi somente a partir do evento promovido no Estádio do Pacaembu é que passou a ser percebido pelos políticos paulistas, ou pelo menos, os políticos de carreira entenderam ser importante buscar seu apoio, conforme mencionado no capítulo 2, no segundo domingo do mês de maio de 1958 – Dia das Mães – após anunciar no rádio e lançar panfletos com um avião teco-teco, convidando a população para participar do grande evento religioso naquela praça de esporte. Na ótica de Mello o evento foi um sucesso, pois aconteceu culto, cura e milagres e contou com a presença de 70 mil pessoas que lotou o local. Entre as autoridades religiosas e cívicas estava o Prefeito da capital paulista. Em agosto daquele ano, depois de ficar impressionado com a capacidade que Mello tinha de reunir pessoas, o Prefeito promoveu um jantar no restaurante do Aeroporto de Congonhas para homenagear Mello que estava aniversariando. Onde além dos familiares e amigos próximos do aniversariante contou também com a presença de outros pastores (MELLO, 2006, p. 66). A partir deste evento ficou evidenciado que o evangelista do programa da Rádio Tupi conseguia influenciar seus ouvintes e levá-los a locais jamais freqüentados por pentecostais, daí a levá-los a votar em um candidato que ele apoiasse, parece que ficou mais fácil.

b) Influenciado

Passados alguns dias Adhemar de Barros fez a concessão de um terreno público municipal,⁶³ garantindo a Mello que conseguiria que os Vereadores aprovassem a lei que normatizava a referida permissão de uso. No imóvel que estava localizado na esquina da Rua Padre Adelino com a Avenida Álvaro Ramos, no bairro do Belenzinho, zona leste da capital paulista, logo foi construído um templo, onde os seguidores de Mello passaram a se reunir nas noites e finais de semana, pois pelas manhãs as dependências do prédio eram utilizadas como escola pública municipal. A referida doação deu-se em virtude de que em 08 de junho daquele ano a comunidade melleana ficou sem o principal templo naquela região, pois o local de cultos, que consistia em uma tenda de lona que estava instalada na Avenida Álvaro Ramos, na Água Rasa, zona leste de São Paulo, foi incendiada. (MELLO, 2006, p. 64-67).

Adhemar de Barros, depois da concessão do terreno da prefeitura para construção do templo da igreja de Mello, foi pressionado pelos Vereadores e clero romano, o que o levou a ordenar que, na madrugada do dia 15 de maio de 1959, alguns funcionários municipais fossem demolir o prédio da Igreja OBPC que havia sido construído no local.

3. OS PENTECOSTAIS HISTÓRICOS E A POLÍTICA

Entre os grupos de pentecostais históricos⁶⁴ o comportamento frente à política foi diferente dos adotados por Manoel de Mello. As Igrejas AD, no transcorrer dos seus primeiros 70 anos, se mantiveram oficialmente ausentes da política partidária no âmbito nacional, por considerá-la assunto com os quais os crentes não deveriam se envolver.⁶⁵

⁶³ Paul Freston afirma que a referida doação foi resultado de uma troca que Adhemar de Barros fez, quando era candidato a prefeito, pelo apoio político de Manoel de Mello (FRESTON, 1993, p. 88), entretanto a biógrafa de Mello afirma que os primeiros contatos com o prefeito Adhemar de Barros ocorreram a partir de maio de 1958 com o evento do Estádio do Pacaembu, quando lá esteve o já prefeito paulistano. (MELLO, 2006, p.66). Segundo o site oficial do referido político, foi somente em agosto de 1958 que ele anunciou sua candidatura ao governo de São Paulo, com apoio do PTB e do PCB. Na eleição que aconteceu em outubro daquele mesmo ano, ele foi derrotado pelo oponente Carvalho Pinto, por uma pequena margem de votos.

Fonte: site da internet <http://www.adhemar.debarros.nom.br/biografia.htm> acessado em 31 jul. 2007.

⁶⁴ São consideradas igrejas pentecostais históricas, a CCB e Assembléia de Deus.

⁶⁵ Alguns membros da AD assumiram uma posição autônoma, independente das posições sectárias das suas lideranças e atuaram intensamente na política regional, caso do Pr. Antonio Galvão que se engajou na política partidária e no sindicalismo pernambucano, elegendo-se pela primeira vez a deputado estadual do PSD em 1946, reeleito em 1950 como o mais votado do Estado. Em 1952 presidiu a Assembléia Legislativa e governou o Estado por 110 dias, com o falecimento do Governador Agamenon Magalhães. (ARAÚJO, 2007, p. 703) Diante da ousadia do referido pastor, a cúpula da AD fez vista grossa, pois o mesmo não foi impedido de exercer o pastorado dentro da denominação.

Diante das mudanças sociais e políticas no Brasil, mesmo que extra-oficialmente no final dos anos 70 surgiram vários candidatos a cargos eletivos de pessoas vinculadas a AD, que mesmo sem contar com apoio oficial da direção da instituição, o que somente viria acontecer nos anos 80, participaram dos pleitos, inclusive adotando slogans de campanha do tipo: “irmão vota em irmão”⁶⁶ ou “crente vota em crente”. Isso não significa que os líderes das AD não mantinham nenhum contato com os políticos do país, pelo contrário, pois em pleno Regime Militar brasileiro ocorriam interferências diretas dos referidos religiosos pentecostais nas instituições públicas, inclusive indicando membros de suas igrejas para atuar nos escalões intermediários. (ARAÚJO, 2007, p.703-4).

Para as Igrejas AD brasileira, a década de 80 foi marcada com o envolvimento institucional da agremiação na política, que não somente passou a indicar candidatos de seu rol de membros e participar intensamente de campanhas eleitorais, como também a apoiar os candidatos não evangélicos, semelhante ao ocorrido com o aspirante à Presidência da República, Fernando Collor de Mello no segundo turno. (FRESTON, 1993, p. 256).⁶⁷

Já a CCB era absolutamente contra a presença dos fiéis na política (SOUZA, 1969, p. 46), porém hoje, apesar de não ter nenhum envolvimento institucional com a política, não proíbe seus membros de atuarem na política partidária candidatando-se a cargos eletivos ou votando. As ressalvas que fazem é que os fiéis não votem em partidos que neguem a existência de Deus, que os oficiais não aceitem encargos políticos e os candidatos não visitem as casas de oração com intenções eleitoreiras. (ROMEIRO, 2004, p. 49).

3.1 Início das mudanças no construto político evangélico pentecostal

⁶⁶ Candidatos da Assembléia de Deus paulistana em pleitos a partir dos anos 80 passaram a usar em suas campanhas a cargos eletivos, o slogan “irmão vota em irmão”, a fim de convencer os eleitores evangélicos pentecostais a votar em candidatos de suas agremiações religiosas. Exemplo disso, é o ex- e presidente do legislativo paulista, ex-deputado federal pelo mesmo Estado e atual vereador da cidade de São Paulo, Carlos Apolinário, foi detentor de parte das ações de uma emissora radiofônica paulistana denominada Rádio Musical FM, 105,7 e atualmente é proprietário da Rádio Vida 96.5, onde com frequência levanta essa questão e faz apologia do voto dos eleitores evangélicos em candidatos evangélicos.

⁶⁷ Entre os anos de 1933 e 1978 as igrejas Assembléia de Deus não tinham nenhum representante no Congresso Nacional como Deputado Federal ou Senador da República. Em 1979 elegeu o professor e economista José Fernandes, pelo estado do Amazonas, como primeiro Deputado federal da denominação, que foi reeleito em 1983. Em 1995, o número de representantes passou para 13 legisladores federais. (FRESTON, 1993, p. 164, 191)

Na análise do processo de inserção dos pentecostais paulistanos na política partidária, a partir de programas religiosos radiofônicos apresentados por Manoel de Mello, constata-se o quanto a religião interfere no comportamento dos fiéis. Especialmente como o rádio foi essencial para o próprio pentecostalismo e para o país, que estava perdendo com a absoluta ausência das decisões políticas por parte de alguns de seus cidadãos, ocasionada pelas posições sectárias e anti-sociais de alguns líderes religiosos. Será exposto mais adiante como se deram as mudanças internas das igrejas pentecostais paulistanas, com o pioneirismo de Mello e a participação do meio rádio na construção de parte da história brasileira.

O pesquisador social italiano Franco Crespi comenta que “... a sociologia destacou a importância da religião como forma de mediação simbólica apta para consolidar os laços sociais e fortalecer as ordens normativas” (CRESPI, 1999, p. 14). No pentecostalismo brasileiro constata-se que, enquanto nova religião urbana, tanto afastou como reaproximou os seus adeptos da política partidária dos grandes centros, pois se até os anos 50 os conversos não podiam se envolver com campanhas a cargos eletivos, a partir do fim daquela década a mesma religião reaproxima os fiéis dos pleitos eleitorais, com o lançamento e vitória de um candidato da Igreja OBPC nas eleições de 1961, conforme se verá detalhadamente mais adiante.

Não se tem informações que possam indicar que, até acontecer o incidente envolvendo o prefeito de São Paulo, Adhemar de Barros, Mello tivesse algum interesse em participar da política partidária, no entanto além do referido ocorrido e com sua popularidade ele passou a ser assediado por pessoas que tinham interesses políticos; ou ainda, não se pode ignorar que com sua projeção social como líder religioso que atraía muitas pessoas, ele percebeu o seu potencial político. A partir daí, ele tanto passa a influenciar politicamente os seus seguidores como sofre influências daqueles que também tinham interesses políticos em seus relacionamentos com os melleanos. O que se verá a seguir foi resultado de um jogo de interesses que caracteriza o político e a política brasileira onde as interpretações dos papéis são fundamentais para conquistas de espaços políticos e as decorrentes benesses.

Apoiando Adhemar de Barros para prefeito, Mello ganhou um terreno onde construiu um tabernáculo de alumínio. Adhemar, já eleito e pressionado por segmento do clero, o demoliu. Essa constatação da relação de forças na política paulista teria convencido Mello a partir para outra estratégia: a eleição de candidatos próprios. Mas contar a história dessa forma passa por cima do fato de que ele quebrava um tabu pentecostal e tomava iniciativas

que só vieram a ser imitadas por outros pentecostais nos anos 80. Os anos 60 foram o auge da OBPC. (FREESTON, 1993, p. 88)

4 AS CAMPANHAS ELEITORAIS

Em uma entrevista para o Almanaque Saraiva, o jornalista e comunicador Heródoto Barbeiro, respondendo a uma pergunta sobre o poder que a informação tem, disse: “Se você souber usar bem uma informação, você tem poder”. (ALMANAQUE SARAIVA. Ano I – 05, 2006, p.19). Acontece que, quem transmite a informação precisa ter credibilidade e mesmo que o informante seja confiável é necessário que ela alcance outras pessoas. A informação gera conhecimento e o conhecimento leva o indivíduo a desenvolver um senso crítico. Percebe-se que o evangelista Mello recebeu informações suficientes para compreender que os pentecostais precisavam participar efetivamente da vida política da nação e, com isso, desenvolveu um projeto político para eleger o primeiro evangélico pentecostal para a Câmara dos Deputados Federais.

Naquele momento, havia entre os pentecostais um dualismo onde se espiritualizava quase tudo, pois para muitos religiosos a vida estava dividida entre o sagrado e o profano, por isso, aquilo que era “mundano”, portanto não sagrado, afastava os crentes de Deus. Este também foi o tratamento dispensado às ações político partidárias, pois apesar dos crentes pentecostais não serem impedidos pelos pastores de votarem, não podiam candidatar-se ou participar de campanhas eleitorais de qualquer candidato. Havia um princípio entre os pentecostais de que o papel da igreja era conduzir os crentes para o céu ⁶⁸, por isso, não deviam se envolver com política partidária por ser uma coisa deste mundo terreno e, portanto um pecado. Não que hoje tenha acabado esse dualismo, mas no que diz respeito à política sucederam mudanças significativas, haja vista o número de pentecostais atuando hoje na política nacional, inclusive como candidatos à Presidência da República e alguns que são nomeados Ministros de Estado.⁶⁹

A absoluta rejeição à participação na política dos principais grupos de evangélicos pentecostais até o início da década de 80, manteve os referidos religiosos distantes e ausentes do cenário político brasileiro. Por isso, a pioneira iniciativa de Mello em lançar a candidatura

⁶⁸ A teologia dos pentecostais históricos, nos primeiros 50 anos, tinha como sustentáculo e cerne das pregações a salvação, o batismo com Espírito Santo e a volta egrégia de Cristo.

⁶⁹ No primeiro e segundo mandato do Governo do Presidente Lula, pelo menos duas ministras são declaradas pentecostais, Benedita da Silva e Marina Silva.

de um pastor de sua confiança para Câmara Federal foi uma atitude que rompia com o sistema religioso pentecostal da época, portanto, mais do que uma iniciativa social foi uma ruptura com um modelo religioso onde os integrantes dos referidos grupos abstinham-se dos seus deveres e direitos de cidadãos. Para um segmento religioso que dizia que o rádio era o “diabo encaixotado”, a promoção e defesa da candidatura de um pastor para a Câmara Federal foi um verdadeiro escândalo. Tratava-se de novos rumos que os pentecostais liderados por Mello estavam tomando que, embora fosse motivo de críticas e retaliações por parte dos outros evangélicos e suas respectivas lideranças, acreditava ser possível eleger um crente através do voto.

4.1 De pastores a políticos

Em 1957, depois de receber um convite do maestro Sigvard Ambrozen, amigo e ex-companheiro da Igreja Apostólica, o então jovem pastor de 23 anos, Levy Gonçalves Tavares, ingressou na Igreja OBPC. Tavares nasceu em Juiz de Fora – MG, no ano de 1932, formou-se em Teologia, no ano de 1956, pela Faculdade de Teologia de São Paulo (Metodista). Filho de pastor da Igreja Metodista, onde cresceu e saiu com 20 anos de idade para ingressar em uma igreja pentecostal situada no bairro de Vila Bertioga, zona leste da capital paulista, em uma tenda de lona, cujos fundadores eram missionários oriundos dos EUA. A referida tenda tornou-se uma igreja local denominada “Igreja Apostólica”, cuja ênfase estava no batismo com Espírito Santo e cura divina. Foi neste local que Tavares teve uma experiência pentecostal e, em virtude deste acontecimento, abandonou a Igreja Metodista e filiou-se à referida denominação, onde foi consagrado a Evangelista. Três anos depois, ao ser recebido por Mello com todas as pompas e honras em um culto que era celebrado todas as segundas-feiras no templo do movimento OBPC na Rua Tuiuti, Tavares foi “seduzido”, conforme suas próprias palavras, por Mello e filiou-se ao movimento tornando-se um dos seus expoentes.

Depois de ter conhecido o fundador da OBPC, por terem participado do mesmo movimento religioso entre os anos de 1953 e 1955, e tornando-se um dos pregadores da CNE, o pastor Geraldino dos Santos deixou a instituição religiosa pentecostal fundada e

liderada pelos missionários norte-americanos Raymond Boatright e Harold Edwin William para se unir ao movimento melleano. Geraldino dos Santos era natural de Matão, SP, nascido em 20 de julho de 1928, casado com Edith dos Santos,⁷⁰ pai de três filhos, foi um dos pastores brasileiros que se tornou o braço direito do missionário William, por isso, quando o líder americano da CNE resolveu, em 1956, ampliar suas tendas no Estado do Rio de Janeiro, o nomeou, por ser homem de sua confiança, como o superintendente no Estado Fluminense. Na ocasião, Geraldino fundou igrejas nas cidades de Bangu e Campo Grande. (ROSA, 1978). Posteriormente, foi para o Estado do Espírito Santo de onde saiu no início dos anos 60 para retornar para capital paulista.

A desenvoltura de Santos resultou em sua ascensão ao cargo de Secretário Executivo da CNE, a pastor da primeira igreja da cidade de São Paulo, no bairro da Água Branca, situado na zona oeste da capital, atual sede nacional, e primeiro diretor brasileiro do Instituto Bíblico Quadrangular, atual ITQ – Instituto Teológico Quadrangular.

Além das funções pastorais e eclesíásticas, Geraldino almejava cargos políticos eletivos, no entanto, a direção da Cruzada negou a ajuda solicitada, por não concordarem com a participação de seus pastores em pleitos políticos partidários. Este fato o levou, no início dos anos 60, a procurar Manoel de Mello em busca de apoio para uma possível candidatura à vereança paulistana. A proposta de Mello foi que ele se filiasse a sua agremiação religiosa para que então, nas eleições, eles decidiriam se iria apoiá-lo ou não.⁷¹ Apesar da nobre posição que ocupava dentro da CNE, do prestígio que gozava junto ao fundador Harold William e da decisão da esposa de permanecer vinculada à referida igreja, o Pr. Geraldino dos Santos desligou-se do movimento pentecostal dirigido pelos missionários americanos e aderiu ao de Mello, o que lhe custou o desprezo e “título” de pessoa “non grata” por muito tempo, dentro da Cruzada (TAVARES, 2007).

⁷⁰ Edith foi a organizadora e a primeira presidente do Grupo Missionário de Senhoras da Igreja do Evangelho Quadrangular que iniciou na comunidade pastoreada por seu marido no Bairro da Barra Funda.

⁷¹ O ex-deputado federal Levy Tavares afirma que a atitude de Manoel de Mello, ao exigir que Geraldino fosse integrante de seu grupo religioso, deu-se em virtude de uma experiência decepcionante que tivera nas eleições de 1959, quando fez campanha para o candidato a por São Paulo, Alfredo Farhat do PTN, que não era membro de sua comunidade e foi eleito como o terceiro deputado mais votado e recebeu 14.708 votos. Ao ser eleito virou as costas para Mello e seus liderados. (TAVARES, 2007, ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA, 1999, p. 144).

4.1.1 As ações de Manoel de Mello como cabo eleitoral

Segundo Freston, o incidente envolvendo o prefeito de São Paulo, Adhemar de Barros, com a destruição do templo de alumínio que foi construído no terreno concedido pelo político, deixou Mello aborrecido e decepcionado com os políticos católicos, por isso, optou em lançar candidatos de sua agremiação para concorrerem a cargos públicos eletivos, afim de que os interesses do grupo fossem defendidos junto aos órgãos públicos. (FRESTON, 1993, p. 88), entretanto, não se pode atribuir ao fato mencionado como fator principal na quebra de paradigma pentecostal, no que diz respeito à política partidária.

A formação nacionalista⁷² de Mello não permitiria que ele ficasse alheio à política, basta ver que em programas de rádio de cunho religioso ele lia algumas matérias de jornais do dia e, quando trata de questões políticas e sociais, ele tecia críticas ao governo, o que lhe custou algumas detenções pela polícia federal para prestar esclarecimentos sobre o que dissera. (MELLO, 2006).

O traço “nacionalista” antes apontado adquire na igreja “O Brasil para Cristo” maior amplitude e significado. Na mensagem evangélica que prega, fica bem nítido, de modo não encontrado em nenhuma outra das congregações pentecostais abrangida em nossa coleta de dados, o interesse pelos problemas sociais brasileiros. (SOUZA, 1969, p. 42)

Como Mello não havia demonstrado pretensões de se candidatar, no entanto reconhecia a necessidade de que sua igreja tivesse representantes nas esferas legislativas, optou por lançar candidatos e trabalhar para suas eleições. Para tanto, ele estabeleceu algumas estratégias, se não propositais, mas visíveis em suas práticas, são elas:

a) Dar visibilidade a seus candidatos através de programas de rádio

O recém agregado ao movimento melleano, Pr. Levy Tavares, foi introduzido nas programações radiofônicas dirigidas por Mello. Tavares não apenas passou a fazer parceria

⁷² O nome do programa de rádio (A voz do Brasil para Cristo), da instituição religiosa fundada por Mello (Igreja O Brasil para Cristo) e a música tema dos programas, que virou hino da igreja, (Desperta Brasil) são reflexos do sentimento nacionalista que envolveu o Brasil durante a juventude de Manoel de Mello.

com seu líder na apresentação dos programas, mas também a substituí-lo quando ele ficava impedido de comparecer. No início dos anos 60, Levy Tavares passou a apresentar nas madrugadas um programa diário pela Rádio América de São Paulo, cujo nome era “Falando francamente”, que foi substituído posteriormente por outro, mais amplo, intitulado “Madrugada com Deus” que era transmitido da meia-noite às 7 horas, extinto em 1966. (SOUZA, 1969, p. 128).

Com a adesão de Geraldino dos Santos ao movimento foi acrescentado, segundo depoimento de Levy Tavares, o talento de um orador eloqüente e carismático, por isso, ele não apenas pregava nos cultos e participava ativamente dos programas radiofônicos da nova denominação como também compôs com Mello e Tavares um trio que dirigiu a igreja até meados dos anos 70.

b) Dar visibilidade a seus candidatos através das pregações e nas celebrações

Nos anos 60, os cultos realizados no subterrâneo e depois no Átrio do Largo da Pompéia, eram normalmente de responsabilidade dos politizados e refinados pastores Tavares e Santos, pois Mello centrava seus esforços nas atividades realizadas no Tabernáculo da Tuiuti nas cruzadas evangelísticas pelo território nacional. Assim tanto Tavares como Santos acabavam atendendo uma classe média que tinha alguma identidade com o nacionalismo e vanguarda do movimento de Mello. (SOUZA, 1969, p.41).

Durante vários anos do movimento de evangelização, Mello realizava várias viagens e por isso, ficava dias e até meses fora de São Paulo (MELLO, 2006, p. 61). Em virtude destas atividades longe de sua sede, havia necessidade de que ele fosse substituído a contento, pois não apenas os programas de rádio, mas também, as celebrações nos cultos da sede e da futura sede, no bairro da Pompéia, precisavam de pregadores carismáticos e, entre eles, estavam Geraldino e Tavares. O que acabou dando visibilidade aos dois jovens pastores. Assim, um dos desafios que Mello e o novato movimento OBPC tinham, era o de dar uma cara política para candidatos que não possuíam nenhuma expressão na vida pública partidária, foi superado. Porque não se tratava de pessoas com experiência política que se envolveram na vida religiosa de um determinado grupo e posteriormente colocaram-se à disposição do mesmo, para uma eventual candidatura, mas de pastores e amigos que o assessoravam na área pastoral e administrativa da igreja.

c) Associar a imagem pública de seus candidatos com a sua

Pelo menos até o início dos anos 80, Manoel de Mello era o Brasil para Cristo e o Brasil para Cristo era Manoel de Mello, portanto, não dava para distinguir um do outro. Por isso, era fundamental que, para que os membros da Igreja OBPC votassem em um determinado candidato, ele tivesse apoio irrestrito do seu guia espiritual. O povo acreditava em seu líder e via nele uma voz profética divina que conduzia suas vidas, inclusive nas questões sociais. A imagem que ele conseguiu construir através dos programas de rádio e das relações e concentrações religiosas deu-lhe crédito junto à parte da população paulista. O que Mello precisava era conseguir transferir a credibilidade que possuía para seus candidatos.

Os pretendentes a cargos eletivos apresentados pelo líder da OBPC contavam com o apoio dos membros regulares da igreja e também de outras pessoas que não faziam parte da agremiação religiosa, mas nutriam alguma simpatia pela denominação e por Manoel de Mello. Além do fato de que as estratégias políticas adotadas por Mello estavam permeadas de espiritualidade, ou seja, ele atribuía a Deus a indicação de seus candidatos. Na pesquisa de campo, Souza presenciou o seguinte fato, por ocasião de um culto, em meados dos anos 60, que era realizado no “subterrâneo” da Igreja OBPC do Largo da Pompéia: “Em sermão proferido por ocasião da campanha eleitoral, ao qual assistimos, o “missionário” recomendava aos fiéis a necessidade de obter votação maciça nos candidatos por ele apresentado. O não cumprimento de suas determinações significaria “desobediência às ordens divinas”, recebidas “por revelação”. (SOUZA, 1969, p.45)

Pode-se atribuir ao sucesso de Mello e do movimento OBPC na política, na década de 60, alguns fatores, são eles: o uso de suas prerrogativas pastorais nas campanhas eleitorais; o uso do meio radiofônico para sua promoção e de seus virtuais candidatos; a frustração com os políticos não evangélicos e a percepção de uma lacuna deixada pelas igrejas pentecostais históricas, no campo da política, juntando a estes fatores a desenvoltura e carisma de alguns de seus assistentes e, por fim, a ousadia de lançar e fazer campanha para eleição de representantes de sua agremiação religiosa. As narrativas que virão a seguir refletem essa “alquimia” de ingredientes religiosos e sociais, cujo resultado foi a inserção dos pentecostais paulistas na política.

4.2 A eleição de Levy Gonçalves Tavares para Deputado Federal em 1961

Fazendo da credibilidade religiosa um instrumento de manipulação dos fiéis, Mello conseguiu a façanha de eleger Levy Tavares como o primeiro Deputado Federal de igreja pentecostal da história da política brasileira,⁷³ tornando-se o legislador mais novo, com apenas 26 anos de idade e o quinto mais votado de São Paulo pelo Partido Social Democrático (PSD).

Atribui-se a Mello a eleição de Tavares, porque o candidato não tinha nenhuma projeção política para conseguir votos suficientes para chegar à Câmara Federal, no entanto, seu principal cabo eleitoral conseguiu influenciar seus seguidores e admiradores a ponto de convencê-los a votar naquele que seria o representante dos evangélicos na, recém inaugurada, Câmara Federal, em Brasília. É pouco provável que todos os eleitores que votaram em Tavares fossem membros do movimento OBPC, porque por mais que tivessem muitos fiéis não se tratava, naquele momento, de uma comunidade definida.⁷⁴ Sabe-se que muitos que compareciam nos cultos eram membros de outros grupos evangélicos, que ouviam os programas de rádio e se identificavam com Mello. (SOUZA, 1969, p. 42)

Mello foi indispensável no processo eleitoral para que Levy Tavares fosse eleito. Caso não fosse Tavares o candidato indicado por Mello, seria outra pessoa que gozasse de sua credibilidade. Porque no que diz respeito ao candidato Tavares, como já foi dito, ele ainda não tinha uma imagem política construída, ou seja, as pessoas o conheciam como um pastor assistente de Manoel de Mello e não como um político. Além do fato de não ser comum a presença de pentecostais na política. Tudo aquilo era uma inovação ou, como ficou conhecido posteriormente, a quebra de um paradigma. Conta Tavares que, decepcionado com os políticos aproveitadores e sem compromisso com seu movimento, no início do ano de 1960, Mello se dirigiu a ele e disse que ele seria o seu candidato a Deputado Federal das eleições seguintes. Conta ainda Tavares, que não sabia o que dizer, pois não tinha nenhuma experiência política, o que o deixou surpreso e ao mesmo tempo honrado pela indicação. (TAVARES, 2006)

⁷³ Revista Carta Capital, 13 de Setembro de 2006 - Ano XII - Número 410. Endereço no sitio da internet [www.cartacapital.com.br/index.php%](http://www.cartacapital.com.br/index.php%20) - Acessado em 26 out. 2006.

⁷⁴ Levy Gonçalves Tavares. Depoimento dado em 05 out. 2006.

4.3 A eleição de Geraldino dos Santos para Vereador na cidade de São Paulo

Com o êxito obtido nas eleições nacionais em 1961 onde o candidato da Igreja OBPC a Deputado Federal, Levy Tavares, foi um vitorioso, chegou a hora do processo eleitoral municipal de 1963. Como já era do conhecimento de Manoel de Mello, Geraldino dos Santos desejava participar do pleito concorrendo à vereança da capital paulista, o que acabou acontecendo na eleição realizada em 20 de outubro de 1963, onde foram eleitos para Câmara Municipal de São Paulo, 45 Vereadores, entre eles estavam os evangélicos Geraldino dos Santos, que era filiado PSD, Gióia Junior, Paulo Soares Cintra e João Lemos (TAVARES, 1965, p. 61).

Em um discurso no Congresso Nacional, onde tratou do assunto envolvendo as mudanças no modelo empregado para as eleições municipais, o Deputado Federal, por São Paulo, e pastor do movimento pentecostal OBPC, Levy Tavares, ressaltou a importância da participação direta do missionário Mello na eleição de Geraldino para Vereador. Disse ele: “ (...) congratulo-me com o pastor Geraldino dos Santos pela sua brilhante vitória, parabênizo o missionário Manoel de Mello, líder do Movimento, condutor desta campanha cívica que culminou com a eleição do pastor Geraldino dos Santos com magnífica votação.” (TAVARES, 1965, p. 61)

Como está constatado nas palavras de Tavares, que não é exagero dizer que Mello foi o principal cabo eleitoral dos candidatos de sua agremiação religiosa, pois ele não apenas propôs uma candidatura de evangélicos pentecostais, mudando o construto social e político do referido grupo religioso em São Paulo, como também participou diretamente da campanha política partidária, nas quais estavam envolvidos os líderes do movimento OBPC. Segundo Read, depois do êxito alcançado em duas eleições, uma nacional e outra municipal, Mello já tinha um alvo estabelecido para as próximas campanhas eleitorais. “Seu plano político para um futuro imediato visa a eleição do vice-prefeito da cidade de São Paulo, em 1965. Pretende eleger um senador federal para tomar o lugar de certo Padre Calazans que, por sua vez, pretende reeleger-se em 1965. Por volta de 1970, espera eleger para vice-presidente da República. um evangélico. (READ, 1967, p. 159).

4.4 A campanha eleitoral de 1965

Não se sabe por que, mas os projetos políticos de Mello para as eleições de 1963 restringiram-se a reeleger, em São Paulo, Levy Tavares para o segundo mandato na Câmara Federal e a eleger Geraldino dos Santos para atuar na Assembléia do Estado de São Paulo. Este advento envolvendo Mello e a Igreja OBPC, não apenas apontou para novos horizontes como também serviu para o amadurecimento político da Igreja e de seus líderes. Estes acontecimentos contribuíram para que, em pleno regime militar, Mello e seus seguidores alcançassem vãos mais altos na política.

A geração de Manoel de Mello foi influenciada pelo nacionalismo de Getúlio Vargas, ou porque o admiravam ou desprezavam. No caso do religioso, percebe-se a presença de elementos nacionalistas na proposta que ele apresentou, no início do movimento, que era o de “ganhar o Brasil para Cristo”, que posteriormente se transformou em nome oficial da Igreja. Entre os defensores do getulismo estava principalmente a população mais pobre do país que durante os 17 anos em que o referido político esteve no poder, sentiu-se beneficiada pelas ações populistas do mencionado governante. Em virtude da simpatia que Mello nutria pelo movimento de Vargas, os candidatos de sua comunidade de fé eram filiados ao partido fundado pelos varguistas, o PSD. Em 1964, os brasileiros foram pegos de surpresa com o golpe de Estado dado pelos militares, destituindo o Presidente João Goulart. Os candidatos eleitos em 1961 e 1963 pelo PSD tiveram que mudar de partido, pois os militares estabeleceram uma ditadura e, a partir do Ato Institucional número 2, de 27 de outubro de 1965, a pluralidade partidária foi resumida em dois partidos, a saber: o Movimento Democrático Brasileiro (MDB)⁷⁵, que representava a oposição, e a Aliança Renovadora Nacional (ARENA)⁷⁶ que era o partido da situação. No primeiro momento os legisladores da Igreja OBPC se filiaram ao MDB. (TAVARES, 2007)

⁷⁵ Partido político que, com o fim da pluralidade partidária, aglutinou todos os outros que faziam oposição ao governo militar.

⁷⁶ Partido político de âmbito nacional, de apoio ao governo, fundado em 4 de abril de 1966, dentro do sistema de bipartidarismo instaurado no país após a edição do Ato Institucional número 2 (27/10/1965), que extinguiu os partidos existentes, e do Ato Complementar número 4, que estabeleceu as condições para a formação de novos partidos. Desapareceu em 29 de novembro de 1979, quando o Congresso decretou o fim do bipartidarismo e abriu espaço para a reorganização de um novo sistema multipartidário.

4.5 A reeleição de Levy Gonçalves Tavares para Deputado Federal

A experiência política de Levy Tavares e a projeção como Deputado Federal evangélico resultaram na reeleição para um segundo mandato. Apesar de não ter elaborado e aprovado algum projeto nacional importante, o fato de ser pastor, pregador eloquente e único Deputado Federal pentecostal fazia com que fosse pregar em igrejas de outras agremiações como Metodista, Presbiterianas, Evangelho Quadrangular, etc., além de estar presente em programas de rádio e TV, como pregador e legislador federal. Todos estes fatores tornaram Tavares mais popular entre os evangélicos e com isso, ocorreu em um aumento do número de eleitores dentro deste segmento da sociedade, até então pouco “explorado” por políticos laicos, além de uma estratégia entre diversas denominações para eleger candidatos evangélicos. (SOUZA, 1969, p. 46-7)

Em meados da década de 60, o programa radiofônico “A Voz do Brasil para Cristo” estava presente em várias emissoras e a Igreja OBPC era a denominação evangélica em São Paulo com o maior tempo de programação no ar. Presente nas Rádios Tupi, América, Marconi, Industrial, Paulista e Clube de Santo André, perfaziam um total de 10 horas e 10 minutos semanais. (SOUZA, 1969, p. 127) o que o tornava conhecido e ouvido em quase todo território nacional, sem contar com a grande audiência. Juntando-se à exposição através do rádio a presença freqüente dos pastores Levy Tavares e Geraldino dos Santos nas mais diversas atividades sociais, políticas e religiosas fazia com que os políticos do movimento melleano estivessem em evidência. O segundo mandato de Tavares se deu entre os anos de 1967 a 1970 e ele compunha um grupo de 28 Deputados Federais eleitos pelo MDB paulista, que formavam uma bancada no Congresso Nacional com 133 legisladores do mesmo partido.⁷⁷

4.6 A eleição de Geraldino dos Santos para Deputado Estadual

O Vereador paulistano do PSD, Geraldino dos Santos, recebeu o apoio da liderança da OBPC e lançou-se candidato a Deputado Estadual para o legislativo de São Paulo, fazendo dupla com o candidato a reeleição para Câmara federal, Levy Tavares. Assim como

⁷⁷ Fonte: De MDB ao PMDB, p.12. Site da internet www.fugpmdb.org.br – Acessado em 26 out.2006.

Tavares, Geraldino alcançou os objetivos e foi eleito para 6ª legislatura da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo pelo MDB um mandato de 4 anos, entre os anos de 1967 a 1971. A referida eleição foi realizada em 15 de novembro de 1966 e ele foi eleito com 18.875 votos, sendo o oitavo deputado mais votado do MDB. (LEGISLATIVO PAULISTA, 1999, p.148)

Os legisladores melleanos, no transcorrer dos mandatos, optaram por caminhos partidários diferentes provocando certo desconforto interno na denominação. Geraldino dos Santos optou em deixar o MDB e passar para o partido da situação, ARENA. Com o fim da pluralidade partidária Levy Tavares foi para o MDB, mesmo partido de seu amigo o Senador pelo Estado de Goiás, o ex-presidente da República Juscelino Kubitschek, enquanto Geraldino dos Santos que foi eleito pelo MDB, por ter vínculos de amizade com o Governador de São Paulo, Abreu Sodré, que era da ARENA, optou em se transferir para o partido da situação. “Prevendo um problema, não pessoal, mas político, entre os dois amigos Levy e Geraldino, o Missionário contemporizou a situação, dizendo que a causa maior era a obra de Deus e que seria bom para a igreja que houvesse um representante seu na situação e outro na oposição.” (MELLO, 2006, p.117)

Mello esperava ganhar força política e não que os dois parlamentares de sua igreja se desgastassem com as posições partidárias antagônicas. Apesar de serem amigos e partilharem dos mesmos objetivos religiosos, Levy e Geraldino passaram a sofrer pressões dos pares de partido por causa de declarações um do outro. Tavares diz que, quando ele fazia alguma crítica ao Governo os integrantes da situação pressionavam Geraldino, porque o pastor de sua igreja havia dito algo que os atingia; quando Geraldino defendia alguma posição da situação, era a vez dos oposicionistas o pressionar dizendo que o pastor de sua igreja estava defendendo um governo desumano e golpista. (TAVARES, 2007, MELLO, 2006, p.117)

A situação desconfortável que ficaram os deputados da OBPC acabou se transformando em um transtorno para Mello, porque ele precisava dos dois amigos, tanto para execução do ministério pastoral, como na defesa dos interesses de sua instituição, junto aos órgãos públicos. Entretanto, os dois legisladores estavam entrando em conflitos por causa dos discursos ideológicos e posições políticas antagônicas. A estratégia política de Manoel de Mello, se é que foi uma estratégia e não uma decisão impensada, após o golpe militar de 1964, o deixou em uma situação delicada, pois se tratava de uma opção no mínimo contraditória. A presença de um líder pentecostal e seus seguidores na política era novidade,

e, uma vez vencida as barreiras que todo pioneiro encontra, logo outros grupos do mesmo segmento religioso passariam a buscar seu espaço na política ao invés de apoiar os candidatos de outras agremiações.

A forma com que Mello conduziu a questão com o fim da diversidade partidária não tem explicação política tão pouco religiosa. O país estava debaixo de um regime de ditadura militar, onde apenas dois partidos podiam atuar. Um na situação e outro na oposição. O da situação estava a serviço dos golpistas que governavam o país com “braço-de-ferro” onde todos que fizessem críticas publicamente ao governo sofriam represálias tais como: prisão, torturas, execução sumaria ou eram deportados para exílios, enquanto o que estava na oposição não o era apenas em ideais, mas também em reprovação ao sistema político que cerceava a liberdade de expressão da população nacional.

4.7 O pleito eleitoral de 1970

Nas eleições de 1970 teve início um processo de mudanças nos rumos políticos da Igreja OBPC e começaram a aparecer os primeiros sintomas de desgastes políticos de Manoel de Mello. Apesar dos anos 60 e 70 serem marcados com a expansão do movimento OBPC e de maior visibilidade midiática de seu fundador e dos candidatos ao pleito serem os mesmos, e já terem construído uma imagem de homens públicos, o resultado das urnas não foi o mesmo. Geraldino foi reeleito para mais um mandato pela ARENA,⁷⁸ enquanto Tavares, que deixou o MDB e concorreu a Câmara Federal pela ARENA, conseguiu apenas a suplência (FREESTON, 1993, p. 163).

Os desgastes físicos, emocionais e políticos levaram Levy Tavares a se afastar da política partidária e, em meados dos anos 70, da Igreja OBPC. Geraldino dos Santos prosseguiu na vida pública, chegando a ocupar o cargo de Secretário de Administração do Município de São Paulo durante o governo do Prefeito Jânio Quadros que foi eleito em 1985. Em 30 de outubro de 1988, depois de ser acometido por câncer, veio a falecer.

Os pastores e políticos da Igreja OBPC foram responsáveis por uma mudança de paradigma entre os pentecostais, não apenas como legisladores evangélicos, mas, sobretudo,

⁷⁸ Na primeira eleição em 1967, pelo MDB para o legislativo, paulista Geraldino foi o 17º deputado mais votado com 18.875 votos, enquanto que no pleito de 1971 concorrendo pela ARENA ele teve 21.129 votos e ficou em 41º lugar nas eleições e 38º dentro da ARENA. Estes dados apontam para um enfraquecimento político do pastor da igreja de Mello. (LEGISLATIVO PAULISTA, 1999, p. 150)

como pentecostais do rádio que souberam tirar proveito do meio de comunicação, até então discriminado, para promoverem sua fé e construírem uma plataforma política partidária que os levaram a lugares, até então, não ocupados por representantes destes grupos de religiosos.

Apesar de em 1974 a Igreja OBPC ter criado um estatuto e nomeado a sua primeira diretoria, composta por pastores que auxiliavam seu líder, as decisões de Manoel de Mello eram recebidas por seus liderados como algo a ser praticado e não discutido. Até porque, no que dizia respeito à política ele era um *expert* e já tinha provado isso em eleições passadas. Portanto, as decisões de Mello, pelo menos até aquele momento, eram acatadas pelos líderes e diretores da Igreja OBPC.

Na biografia de Manoel de Mello a autora afirma que o Pr. Levy Tavares, no final de seu segundo mandato, afastou-se da vida pública e o Pr. Geraldino dos Santos cumpriu mais um mandato como Deputado Estadual. (MELLO, 2006, p.117). No que diz respeito a Geraldino, a biógrafa de Mello tem razão, entretanto, no que diz respeito a Tavares há divergência, quando se trata do seu afastamento da denominação, porque essa não é a mesma conclusão que chegou Freston. Para o sociólogo, a razão que levou Tavares a ausentar-se da vida pública foi a derrota provocada pela falta de apoio do líder da OBPC: “Mas, em 1970, a história foi outra. Havendo perdido o apoio de Mello, passaram para ARENA numa tentativa de salvar a vida pública. Tavares foi derrotado, mas Geraldino se manteve por mais um mandato”. (FRESTON, 1993, p. 89). Os ganhos políticos dos primeiros 15 anos do movimento OBPC custaram muito caro para seu fundador, pois ele sofreu o desgaste natural de todo líder cristão que se envolve na política partidária, como constatou Crespi:

Se a religião institucional é capaz de desempenhar uma importante função de integração social, isso é devido principalmente ao fato de que, seguindo a lógica de qualquer outro tipo de instituição social, ela encontra a sua consolidação natural quer absolutizando as formas de determinação simbólico-normativas que a legitimam, quer se articulando como estrutura de poder. Por isso, o preço da eficácia social da religião é, por um lado, o abandono do espírito profético originário que, constituindo-a como *senal de contradição*, a colocava em contraste com a lógica do mundo secular e, por outro lado, a sua adaptação às condições históricas em que operam também as outras instituições políticas e sociais. (CRESPI, 1999, p. 16)

4.8 Novas estratégias políticas

Nos anos 70 e 80, Mello passou a apoiar candidatos com quem tinha alguma amizade ou acreditava em sua proposta, apesar de não serem membros de sua denominação. Entre aqueles que não faziam parte da Igreja OBPC que receberam publicamente o apoio político de Manoel de Mello, figuram os evangélicos de igrejas paulistas Ivan Espíndola de Ávila, Deputado Estadual, Fausto Rocha e Gióia Junior, Deputados Federais. (MELLO, 2006, p. 119).

Os amigos e familiares de Mello contam que ele tinha projetos específicos para cada um dos filhos. Para o caçula, Paulo Lutero de Mello, almejava levá-lo ao pastorado. O que acabou acontecendo no início dos anos 80. Enquanto que para o primogênito, Boaz de Mello, desejava que fosse um político. Quando este contava 24 anos de idade, seu pai o lançou como candidato a Deputado Estadual pelo PDS, para legislar no Estado de São Paulo. Tendo como marco da campanha para elegê-lo a manifestação religiosa contra a idolatria, organizado por Manoel de Mello, que já foi mencionada no capítulo 2.⁷⁹

Apesar de todos os esforços de Manoel de Mello, seu filho não foi eleito naquele ano. De lá para cá Boaz de Mello vem tentando se eleger para o poder legislativo sem obter sucesso. Em 1996, candidatou-se a uma vaga na Câmara dos Vereadores da capital paulista e em 2002 e 2006 a um mandato na Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo. Apesar de ter conseguido mais de 40 mil votos, o máximo que chegou foi a suplência de Deputado Estadual na eleição de 2006.

As glórias das conquistas pioneiras na política da Igreja OBPC, sob o cajado de Manoel de Mello, hoje são somente lembranças de um passado distante, pois apesar de todos seus esforços, até 5 de maio 1990 quando ele faleceu, e de seus sucessores na presidência da denominação, o máximo que a agremiação melleana tem conseguido é eleger um e outro membro à vereança em municípios menores no território nacional.

A partir dos anos 60, surgiram em São Paulo várias igrejas pentecostais que passaram a usar o rádio como meio de comunicação de suas mensagens, e a exemplo de Mello,

⁷⁹ Para os evangélicos foi uma afronta aos seus princípios, por isso, Mello liderou um movimento de protesto no mesmo dia e como era um ano de eleições, aproveitou para fazer campanha política na tentativa de seu filho e outros candidatos. Conforme registraram alguns jornais da época: “*Concentração evangélica transforma-se em política*” Jornal O Estado de São Paulo. São Paulo, 13 de outubro de 1982; “*No Pacaembu evangélicos fazem reunião*”. Jornal A Folha de São Paulo São Paulo, 12 de outubro de 1982. “*Culto contra a idolatria virou comício do PDS*”. Folha de São Paulo São Paulo. São Paulo, 13 de outubro de 1982.

entraram para a política. No fim dos anos 70, alguns membros da Igreja AD passaram a disputar as eleições. O fundador da OBPC já não tinha o mesmo vigor físico e prestígio das duas primeiras décadas de seu ministério. O crescimento dos pentecostais paulistas proporcionou o surgimento de novos atores, que a exemplo de Mello, eram dotados de carisma e popularidade, além de seguirem o seu exemplo e disputarem espaço na política. Deste modo, o eleitorado pentecostal passou a ser dividido entre as mais diversas agremiações religiosas, o que antes era praticamente reduto melleano. Com as mudanças sociais ocorridas entre pentecostais paulistas, o modelo político empregado por Manoel de Mello, nos anos 60, já não surtia o mesmo efeito. Assim, a partir dos anos 70, ele já não conseguiu eleger seus candidatos, tão pouco seu filho.

5 REFLEXÕES DO CAPÍTULO IV

“A sociedade estrutura, distribui e coordena as atividades de construção do mundo desenvolvidas pelos homens. E só na sociedade os produtos dessas atividades podem durar”. (BERGER, 1985, p. 21)

A construção de uma sociedade se faz a partir dos detalhes, desde um gesto simples de dizer “bom dia” a um vizinho, a um empreendimento que exija investimento físico, mental e financeiro. O pentecostalismo hodierno, mesmo os neopentecostais com sucesso de renda e público, são reflexos das ações sociais e religiosas de gerações passadas, apesar de também estarem hoje “recriando” o próprio pentecostalismo de amanhã. O início, do que Freston chama da segunda onda do pentecostalismo brasileiro, deu-se com o uso sistemático dos MCM, começando pelo rádio. É simplesmente impossível pensar em uma igreja como a OBPC de hoje, sem a presença do rádio em sua história.

No decorrer desta pesquisa foi constatado que a comunicação radiofônica foi um instrumento essencial para formação e informação dos fiéis melleanos que, não daria para imaginar como seria hoje o movimento pentecostal sem esse meio de comunicação. Tanto na expansão como no estabelecimento de um novo construto político entre os pentecostais. Considerando que Mello tinha uma proposta religiosa pentecostal diferente da existente no

Brasil dos anos 50, e que ele precisava tornar conhecidos os “novos” valores de sua fé, a opção pelo rádio como meio de divulgação foi uma iniciativa genial. Porque a partir da suas mensagens transmitidas pelas ondas hertzianas, não apenas leva as pessoas para seus cultos de cura divina e milagres, como também o projeta socialmente. A projeção de Mello como líder religioso de um movimento emergente o leva a participar da vida pública de São Paulo; desde o apoio ao Prefeito Adhemar de Barros à projeção e eleição de Deputados Federais e Estaduais e Vereadores do maior município da federação.

A habilidade política dos eleitos com apoio de Mello não seriam suficientes, era necessário que alguém com carisma e credibilidade popular fosse o cabo eleitoral. É exatamente isso que acontece. O meio radiofônico de comunicação passou uma imagem de um pregador pentecostal; ele conseguiu reunir muitas pessoas, inclusive de outras igrejas evangélicas, em seus cultos; ficou conhecido pela sociedade como um “bom” cristão; ele apoiou pessoas com pretensões políticas e lançou candidatos de sua agremiação religiosa a cargos eletivos municipais, estaduais e federais e o povo votou neles elegendo-os e reelegendo-os; com o passar do tempo ele sofreu desgastes naturais para quem fica longo tempo no poder, e a partir dos anos 70 não conseguiu eleger mais nenhum membro de sua igreja.

Pode-se considerar meia verdade afirmação categórica de que Manoel de Mello foi indispensável para eleição dos candidatos pentecostais no processo eleitoral de 1961, 1963, 1966 e 1970. Não resta dúvida que ele foi importante na campanha pela imagem que havia construído, no entanto outra pessoa com características similares as suas, usando os mesmos meios conseguiria alcançar os votos para seus candidatos. Este fato não anula sua relevância no campo político, pois ele foi responsável por muitos votos que seus candidatos receberam. O meio rádio pode ser considerado como o veículo de comunicação responsável pelo sucesso religioso, pessoal e político de Manoel de Mello e da Igreja OBPC, a partir do programa “A Voz do Brasil para Cristo”. Por ele ter sido responsável pela projeção de Mello e seu movimento religioso, tornando-o um cabo eleitoral eficiente que conseguiu alavancar a candidatura e eleição de alguns de seus candidatos.

CONCLUSÃO

A evolução no processo de comunicação humana que, conforme conceito de McLuhan iniciou com o modelo primitivo, que prezava pelo inter-relacionamento dos sentidos; passou pela etapa tipográfica, cuja ênfase está na linearidade e perspectivismo visuais do período pós-renascentista e entrou na fase de reenvolvimento verbovocovisual, produzida pela imprensa. Dentro deste último modelo aconteceu, no século XIX, a descoberta de que era possível diminuir a distância entre os indivíduos através de fios, com um sistema que recebeu o nome de seu inventor Morse. A partir desta experiência aberta ficou a possibilidade de comunicação à distância através de sons vocais e não apenas em código, o que acabou acontecendo com o advento do telefone. Mas nenhuma invenção no processo de comunicação havia sido tão benéfica para a grande massa do que o rádio, pois se tratava de um sistema que não precisava de longos fios e, posteriormente, o custo tornava acessível às pessoas mais simples dos mais longínquos rincões. Bastava ter um rádio e os habitantes de regiões inóspitas dos diversos países, conseguiam se interar com os acontecimentos mundiais. Até meados do século passado o rádio era o meio mais eficiente de comunicação em massas, atualmente superada pela televisão, internet, telefone celular e outros tantos meios de comunicação que são inventados ou melhorados todos os dias, que buscam diminuir as distâncias entre as pessoas e a interação com os acontecimentos mundiais em tempo real.

Com a radiodifusão e sua popularidade, os políticos e empresários perceberam que era um meio de comunicação ideal para vender idéias e produtos. Estas práticas foram condenadas por Adorno e seus colegas da Escola de Frankfurt por compreenderem que, entre outros meios de comunicação, o rádio havia se transformado em um instrumento de manipulação de massas. Ignorando os críticos e buscando o desenvolvimento e independência financeira, no Brasil, os antigos amigos que custeavam as emissoras foram substituídos por empresários da comunicação. Assim, a partir de 1937, com as leis que permitiam a profissionalização da radiocomunicação brasileira, transformando-a em um negócio, não apenas como meio de socialização e divulgação das artes, como sonhado pelos frankfurtianos, a radiodifusão nacional se transformou no mais importante MCM com alcance internacional e entrou nos anos 40 com a sua era de ouro.

O rádio proporcionou aos mais diversos grupos a possibilidade de difundir suas idéias, entre eles os políticos foram os primeiros a se beneficiar de seu alcance e popularidade.

O político que quisesse alcançar os eleitores dispersos nos mais diversos lugares, desde um sítio às periferias dos grandes centros, bastava estar presente em algum programa de rádio ou ter seu nome e feitos mencionados por um locutor ou jornalista, para que ficasse em evidência. O rádio se caracterizou como o MCM que possibilitava que as pessoas pré-letradas se interessassem com os acontecimentos de sua comunidade ou fatos ocorridos nos mais diversos lugares do mundo. Entretanto no Brasil - apesar da comprovada eficiência do rádio - os pentecostais estiveram ausente desta mídia até a segunda metade do século passado, ainda que o perfil social de seus membros fosse de maioria sem domínio da escrita e pobre. Os grupos religiosos nacionais, com raras exceções, optaram por ignorar a utilidade da radiofonia e se mantiveram longe deste meio até os anos 50. Não obstante, os primórdios pentecostais chegaram a partir de 1910 e suas matrizes eram de origem estadunidense, onde usavam o rádio em grande escala para pregar suas mensagens. Ignorando suas raízes, os líderes brasileiros preferiram associar a imagem do deste meio de comunicação a programas profanos e, portanto, instrumento do diabo que os crentes não podiam ter em sua casa.

Foi somente no fim dos anos 40 que grupos religiosos brasileiros passaram a utilizar o rádio para divulgar suas idéias, mas foi com o advento da televisão, principal concorrente do rádio, que a partir dos anos 50 com a crise financeira das emissoras é que os preços, que outrora eram muito alto para uma igreja pagar, caiu e tornou possível a inserção dos pentecostais na radiodifusão. Entre os pentecostais do rádio, o Missionário Manoel de Mello, em 1956, passou a transmitir pela Rádio Piratininga de São Paulo, o programa “A voz do Brasil para Cristo”, tornando-o popular entre os brasileiros, sobretudo os paulistas, e certamente o pioneiro na inserção dos pentecostais paulistas na radiodifusão e, deixando as portas abertas para outros grupos entrarem para a mídia televisiva. Apesar de toda oposição inicial, tanto de outros evangélicos como de católicos romanos, que o acusavam de mundanismo e curandeirismo, Mello superou as oposições e se tornou o líder pentecostal mais popular dos anos 60 e 70.

O nome do programa radiofônico virou nome da igreja OBPC, que trazia consigo o sentimento nacionalista e ecumênico de Mello, pois para ele o Brasil não pertencia a Jesus e os evangélicos deveriam se unir em uma cruzada nacional para conquistar o Brasil para Cristo. Mais do que um ideal nacionalista e proselitista evangélico de conversão de todos os cidadãos brasileiros, que eram predominantemente da ICAR, apesar das práticas de um catolicismo popular, Mello percebeu que seu projeto utópico tinha muitas barreiras para transpor, eram elas: a falta de espaços “sagrados” para reunir a multidão que o ouvia pregar

através das ondas poderosas da Rádio Tupi de São Paulo; a falta de recursos financeiros para implantação e manutenção de projetos sociais; a oposição católica que passava pelo campo da política e precisava de uma resposta política. Diante destes desafios Mello procurou solucioná-los adotando as seguintes estratégias:

a) Na falta de espaço “sagrado” para reunir muitas pessoas, ele passou a locar espaços privados como cinemas e teatros, além de praças públicas, áreas de práticas esportivas como estádio de futebol e centros poliesportivos, sem contar com as tendas de lona que ele aprendeu a usar com os missionários americanos da CNE, mas certamente a solução definitiva somente viria com a construção de um templo próprio para agregar 25.000 pessoas, que teve início em 1963 e foi concluído em 1979;

b) Os projetos sociais que Mello pretendia empreender teriam um custo financeiro que seu movimento não podia arcar, diante desse desafio ele optou em filiar sua denominação no CMI que resultou na sua participação como membro fundador da CESE, assim ele conseguiria aporte de dinheiro para os referidos projetos e, a reboque, conseguia certa “imunidade” ou tratamento mais brando por fazer parte do CMI, quando fazia alguma crítica ao modelo ditador de governo estabelecido no país, a partir de 1964;

c) Diante da forte influência política que a ICAR exercia sobre os parlamentares e governantes, alguns projetos de Mello que passava pelo campo da política, acabavam sendo prejudicados e não indo adiante. A gota d’água partiu da destruição de seu templo, denominado Tabernáculo, que foi construído em uma área doada pelo prefeito da cidade de São Paulo, Adhemar de Barros, que depois de sofrer pressão do clero católico, que ameaçava se opor a ele politicamente, mandou os funcionários da prefeitura destruir. Para Mello, as relações com políticos não evangélicos eram muito instáveis, por isso, ele resolveu usar sua popularidade, a influência sobre os ouvintes do programa de rádio e dos fiéis para lançar seus próprios candidatos. A inovação com a inserção dos pentecostais na política deu a Mello e sua igreja visibilidade social e força para levar adiante seus planos de evangelismo nacional e conversão da população brasileira.

Manoel de Mello não foi o pentecostal pioneiro na pregação de cura divina e nem o primeiro religioso brasileiro a usar o rádio para evangelização e divulgação das atividades de seu grupo, mas certamente foi o personagem pentecostal que conseguiu transformar um programa de rádio em uma igreja bem sucedida. O programa “A voz do Brasil para Cristo” chegou a alcançar mais de 5 milhões de ouvintes quando estava no auge do movimento, tanto no território nacional como em algumas regiões de países sul-americanos que fazem fronteira

com Brasil (READ, 1967, p. 153-4). Os programas que eram ouvidos em diversos estados serviam de percussores de cruzadas evangelísticas que eram realizadas em locais públicos, onde, via de regra, acabavam se transformando em uma igreja da denominação. A comunicação pentecostal brasileira está dividida em dois períodos distintos. O primeiro, antes de Mello, onde os pentecostais usavam papéis e o testemunho verbal dos fiéis para transmitir suas doutrinas, que vai de 1910 a 1955. O segundo período inicia em 1956, com Manoel de Mello inovando e fazendo do rádio o principal instrumento de propagação da mensagem do Evangelho, abrindo caminho para outros grupos aderirem não apenas ao rádio, mas também a televisão, basta dizer que as denominações pentecostais e neopentecostais que entraram para a televisão fizeram do rádio o seu laboratório, isso quando não entraram para a televisão, mantiveram e ampliaram seus programas radiofônicos, que é o caso das Igrejas AD, IURD, Internacional da Graça de Deus, Renascer em Cristo e tantas outras espalhadas por todo Brasil.

Diante de tantas evidências é impossível desassociar o sucesso de Mello aos programas radiofônicos que ele fez por quase trinta anos. Não é precipitado afirmar que Mello deu novos rumos à comunicação do pentecostalismo brasileiro, assim como o seu sucesso somente foi possível porque ele tinha uma proposta religiosa que ia ao encontro da necessidade da nova sociedade urbana, que estava em processo de formação, e fez do rádio o meio de comunicá-la às pessoas. Sem o uso de um meio eficiente e de tão ampla adesão entre as famílias brasileiras, como o rádio, certamente o movimento liderado por Mello não teria alcançado vôo tão longo, pois suas propostas estariam restritas a um público bem menor. Obviamente não foram apenas os programas pentecostais que foram ao ar oferecendo aos radiouvintes o alívio do sofrimento causado pelas enfermidades e opressões demoníacas, a causa do êxito do evangelista pernambucano, mas também outras ações que ele desenvolveu, entre elas, certamente a inserção dos pentecostais na política foi um grande avanço social do referido grupo, pois abriu o caminho para que os evangélicos pentecostais se organizassem e passassem a eleger seus representantes para as mais diversas esferas da política nacional. Atualmente os pentecostais só são menores em número de adeptos do que os católicos romanos, entretanto possuem mais templos e comunidades organizadas do que eles. Ficou constatado no último Censo Religioso de 2000 que os pentecostais são os religiosos que mais têm arrebanhado novos membros, cuja origem é de ex-católicos que migraram para o pentecostalismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros:

- ADAMI, Antonio. *Radioconto, radiorromance, radiopoesia: o rádio educativo*. In: Revista USP. *Dossiê 80 anos de rádio*. Coordenadoria de comunicação social, Universidade de São Paulo. N. 56 (dez./jan./fev. 2002-2003) – São Paulo, SP: USP, 2003.
- ADORNO, Theodor W. ; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985
- ALVAREZ, Carmelo. *Pentecostalismo y liberación: una experiencia latinoamericana*. San José, Costa Rica. Editorial DEI, 1992.
- AMARAL, Epaminondas Melo do. *O protestantismo e a reforma*. Coleção Otoniel Mota – I. São Paulo: Livraria Saleluz, 1962.
- ARAÚJO, Isael. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.
- ASSMANN, Hugo. *A igreja eletrônica e seu impacto na América Latina*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1986.
- AZEVEDO, Israel Belo de. *O prazer da produção científica para elaboração de trabalhos acadêmicos*. 11ª ed. Revista e atualizada. São Paulo: Hagnos, 2001.
- BARBEIRO, Heródoto & LIMA, Paulo Rodolfo de. *Manual de rádio jornalismo: produção, ética e internet*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- BAUMWORCEL, Ana. *1954: um retrato do rádio na época de Vargas*. In: Núcleo de Mídia Sonora – sessão especial – coordenador Eduardo Meditsch. Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense, 2004.
- BERGER, Peter Ludwig. *O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. Organização Luiz Roberto Benedetti; tradução José Carlos Barcellos. São Paulo: Paulus, 1985.
- BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003.

- CAMPOS, Leonildo Silveira. *Persuasão a serviço de quem?* Comunicação e Sociedade, Revista semestral de estudos de comunicação; Ano VI – nº 12 – outubro de 1984. São Bernardo do Campo. Imprensa Metodista, 1984
- _____. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1997.
- _____. *Pentecostalismo urbano e meios modernos de comunicação no Brasil*. In: Zeitschrift für Sozialwissenschaften und Geschichte: Ibero-Amerikanisches Archiv, 1999.
- _____. *Evangélicos, pentecostais e carismáticos na mídia radiofônica e televisiva*. In: Revista USP. *Televisão*. Coordenadoria de comunicação social, Universidade de São Paulo. N. 61 (mar./abr./mai. 2004) – São Paulo, SP: USP, 2004.
- _____. *Os políticos de Cristo – uma análise do comportamento político de protestantes históricos e pentecostais no Brasil*. In Os votos de Deus: evangélicos, política e eleições no Brasil. Organizado por: Joanildo A. Burity, Maria das Dores C. Machado. Recife, PE: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2006.
- CÉSAR, Cyro. *Como falar no rádio: prática de locução AM-FM*. São Paulo: IBRASA, 1990.
- CÉSAR, Waldo, *Pentecostalismo e o Futuro das Igrejas Cristãs*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1999.
- CHEROBIM, Mauro. *Os índios Guaranis do litoral do estado de São Paulo, análise antropológica de uma situação de contato*. São Paulo: FHLCH/ USP, 1986.
- COHN, Gabriel. *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: EDUSP, 1971
- CORTEN, André. *Os pobres e o Espírito Santo: o pentecostalismo no Brasil*; Tradução de Mariana Nunel Ribeiro Echalar. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1996.
- COSTA, Herminstem Maia Pereira da. *Raízes da Teologia Contemporânea*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- CRESPI, Franco. *A experiência religiosa na pós-modernidade*. Tradução de Antonio Angonese. Bauru, SP. EDUSC, 1999.

- CUNHA, Magali do Nascimento. *A contribuição de Adorno para a análise da Indústria Cultural*. In: Revista da Universidade Católica de Goiás. Estudos Goiânia v. 29 n. 2 p. 473 – 705. mar./abr. 2002.
- DAYTON, Donald W. *Raíces teológicas del pentecostalismo*. Buenos Aires, Argentina: Nueva Creación, 1987.
- DUARTE, Orlando. *Rádio esportivo: sempre transmitindo emoções*. In: Revista USP. *Dossiê 80 anos de rádio*. Coordenadoria de comunicação social, Universidade de São Paulo. N. 56 (dez./jan./fev. 2002-2003) – São Paulo, SP: USP, 2003.
- DURKHEIM, Émile. *Sociologia*. 9ª ed. Tradução Laura Natal Rodrigues. São Paulo: Editora Ática, 2006.
- FRANCESCON, Louis. *História da obra de Deus revelada pelo Espírito Santo no século atual*. São Paulo. 4ª. Edição, 1977.
- FANUCCHI, Mario. *O artista do rádio*. In: Revista USP. *Dossiê 80 anos de rádio*. Coordenadoria de comunicação social, Universidade de São Paulo. No. 56 (dez./jan./fev. 2002-2003) – São Paulo, SP: USP, 2003.
- GUTIÉRRES, Benjamim F. & CAMPOS, Leonildo Silveira. *Na força do Espírito, os pentecostais na América – latina: um desafio às igrejas históricas*. Benjamim F. Gutierrez & Leonildo Silveira Campos (editores); [tradução Júlio Paulo Tavares Zabotiero]. São Paulo: Associação Literária Pendão Real, 1996.
- HÄGGLUND, Bengt. *História da Teologia*. 7ª ed. Porto Alegre: Concórdia, 2003.
- HURLBUT, Jessé Lyman. *História da Igreja Cristã*. 5ª impressão. São Paulo: Editora Vida, 1990.
- JENKINS, Philip. *A próxima cristandade: a chegada do cristianismo global*. Tradução de Vera Ribeiro. - Rio de Janeiro: Record, 2004.
- LÉONARD, Emile-Guillaume. *O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e de história social*. Trad. de Linneu de Camargo Schützer. 2ª edição. Rio de Janeiro e São Paulo, JUERP/ASTE, 1981. 354p.
- LYRA, Jorge Buarque. *Orientação Evangélica. (Interdenominacional)*. 2. ed. Niterói, RJ: Editor Rev. Prof. Jorge Lyra, 1960.

- MAIA, Marta Regina. *A comunidade radiouvinte e o sentimento de pertencimento*. In: Belém, PA. Trabalho apresentado ao NP Rádio e Mídia Sonora, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2007.
- MARIANO, Ricardo. *Neo-Pentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- _____. *Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal*. SCIELO. Estudos Avançados: vol.18 no.52, São Paulo Dec. 2004
- MARTIN BARRETO, Jesus. *Comunicación masiva: discurso y poder*. Quito Equador: Editora Época, 1978.
- MARX, Karl. *Sociologia*. 8ª ed. Tradução Maria Elisa Mascarenhas, Ione de Andrade e Fausto N. Pelegrini; Organizador: Otávio Ianni; Coordenador: Florestan Fernandes: São Paulo: Editora Ática, 1996.
- MCLUHAN, Marshall. *Os Meios de Comunicação Como Extensão do Homem*. São Paulo: Cultrix, 1964.
- MELLO, Valéria Augusto. *Missionário Manoel de Mello: vida e obra*. Biografia autorizada. São Paulo: S/E, 2006.
- MENDONÇA, Antonio Gouveia. *O celeste porvir: um estudo sobre a inserção do protestantismo na sociedade brasileira*. São Paulo: Editores: Pendão Real, ASTE e IMS, 1995.
- _____. *Protestantes, Pentecostais e Ecumênicos – O campo religioso e seus personagens*. São Bernardo do Campo, SP: UMESP, 1997.
- MOREIRA, Sonia Virgínia. *A porção carioca do rádio brasileiro*. In: Revista USP. *Dossiê 80 anos de rádio*. Coordenadoria de comunicação social, Universidade de São Paulo. N. 56 (dez./jan./fev. 2002-2003) – São Paulo, SP: USP, 2003.
- NUTTIN, Joseph. *Psicanálise e Personalidade*. Tradução de Maria Regina de Leme Lopes. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria AGIR Editora, 1958.
- WEBER, Marianne. *Biografia de Max Weber*. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.
- WEBER, Max. *Ciências e Política: duas vocações*. Tradução Jean Mekville. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003.

- _____. *Sociologia*. 7ª ed. Tradução Amélia Cohn e Gabriel Cohn; Organizador: Gabriel Cohn; Coordenador: Florestan Fernandes. São Paulo: Editora Ática, 2006.
- WOLFF, Elias. *O Ecumenismo no Brasil: Uma introdução ao pensamento ecumênico da CNBB*. São Paulo: Paulínia, 1999.
- OLIVEIRA, Joanyr. *As Assembléias de Deus no Brasil*. 1ª ed. – Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1997.
- OLSON, Roger. *História da Teologia Cristã: 2000 anos de tradição e reformas*. São Paulo: Editora Vida, 2001.
- ORO, Pedro Ari. *Avanço pentecostal e reação católica*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1996.
- ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *A informação no rádio – grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. São Paulo: Summus Editorial, 1985.
- _____. *Radiojornalismo no Brasil: fragmentos da história*. In: Revista USP. *Dossiê 80 anos de rádio*. Coordenadoria de comunicação social, Universidade de São Paulo. N. 56 (dez./jan./fev. 2002-2003) – São Paulo, SP: USP, 2003.
- PARRON, Milton. *O radiorepórter*. In: Revista USP. *Dossiê 80 anos de rádio*. Coordenadoria de comunicação social, Universidade de São Paulo. N. 56 (dez./jan./fev. 2002-2003) – São Paulo, SP: USP, 2003.
- PEDROZA, Ciro. *Oficina do Rádio*. In: Palestra apresentada no Tribunal de Justiça de São Paulo. 2006. Fonte: <http://www.canaljustica.jor.br/palestras/oficinaradio.doc>. Acessado em 11 dez. 2007.
- PEREIRA, João Batista Borges. *Cor, profissão e mobilidade: o negro e o rádio de São Paulo*. 2ª ed. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2001.
- PRANDI, Reginaldo. *Um sopro do Espírito: a renovação conservadora do catolicismo carismático*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 1997.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O campesinato brasileiro: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil*. 2ª ed. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 1976.
- READ, William R. *Fermento nas massas dos Brasil*. Imprensa Metodista, São Bernardo do Campo, SP, 1967.
- REBOUL, Olivier. *O slogan*. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.

- REILY, Duncan Alexander. *História documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1984.
- ROLIN, Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1995.
- ROQUETTE-PINTO, Vera Regina. *Roquette-Pinto, o rádio e o cinema educativo*. In: Revista USP. *Dossiê 80 anos de rádio*. Coordenadoria de comunicação social, Universidade de São Paulo. N. 56 (dez./jan./fev. 2002-2003) – São Paulo, SP: USP, 2003.
- ROSA, Júlio O. *O Evangelho Quadrangular no Brasil: fundação e expansão da Cruzada Nacional de Evangelização*. 2ª ed. Montenegro, RS: s/e, 1978.
- SANTORO, Luiz Fernando; MANTOVANI, Marina; ABREU, Emirena de Ávila. *O rádio como instrumento mágico da fé*. In Revista Simpósio, volume 5 (2), ano XV, dezembro de 1982. São Paulo, ASTE, 1982
- SAROLDI, Luiz Carlos. *O rádio e a música*. In: Revista USP. *Dossiê 80 anos de rádio*. Coordenadoria de comunicação social, Universidade de São Paulo. N. 56 (dez./jan./fev. 2002-2003) – São Paulo, SP: USP, 2003.
- SILVA, Julia Lucia de O. A. *Rádio: oralidade midiaticizada - o spot e os elementos da linguagem radiofônica*. São Paulo: Annablume, 1999.
- SILVA, Ruth Lopes da. *Mensagens Vivas: missionário Manoel de Mello*. Arujá, SP: Editora O Brasil para Cristo, 1995.
- SOUZA, Beatriz Muniz de. *A Experiência da Salvação: pentecostais em São Paulo*. São Paulo: Duas Cidades, 1969.
- TAPARELLI, Carlos Henrique Antunes. *A evolução tecnológica do rádio*. In: Revista USP. *Dossiê 80 anos de rádio*. Coordenadoria de comunicação social, Universidade de São Paulo. N. 56 (dez./jan./fev. 2002-2003) – São Paulo, SP: USP, 2003.
- TAVARES, Levy Gonçalves. *Minha Pátria para Cristo*. São Paulo: s/e, 1965.
- ZANINI, Maria Catarina Chitolina. *Assistir, ouvir, ler e narrar: o papel da mídia nas construções identitárias étnicas*. In: Revista de Antropologia. Publicação do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências

Humanas da Universidade de São Paulo. Volume 48, n° 2: São Paulo, junho-dezembro, 2005.

Teses:

DÁVILA, Brenda Maribel Carranza, *Movimento de catolicismo brasileiro: cultura, mídia, instituição*. 2005. Tese (Doutorado em Filosofia e Ciências Humanas) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2005.

FRESTON, PAUL. *Protestantes e política no Brasil da constituinte ao impeachment*. 1993. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1993.

ROMEIRO, Paulo Rodrigues. *Esperanças e decepções: uma análise crítica da prática pastoral do neopentecostalismo na igreja internacional da Graça de Deus sob a perspectiva da práxis religiosa*. 2004. Tese Doutorado em Ciências da Religião - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP, 2004.

Dissertações:

AZEVEDO, Roberto César. *Voz da Profecia e conversão no Estado de São Paulo*.
Dissertação apresentada no Curso de Pós-Graduação na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 1977

BAUMWORCEL, Ana. *Sonoridade e resistência: a RJB-AM na década de 60*. Dissertação, Mestrado de Comunicação, Imagem e Informação da Universidade Federal Fluminense: Niterói, 1999.

D'AVILA, Edson. *Assembléia de Deus no Brasil e a política: uma leitura a partir do Mensageiro da Paz*. Dissertação de mestrado apresentado na Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, curso de pós-graduação em Ciências da Religião: São Bernardo do Campo, 2006.

Monografias:

PRADO, Tarcis. *O ministério radiofônico evangélico no Brasil atual*. São Bernardo do Campo. Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, 1969.

Revistas:

O BRASIL EVANGÉLICO. Revista interdenominacional. *Edição especial sobre a Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo*. Ano 4, nº 6, agosto de 1990.

REVISTA DA VITÓRIA, vol.1. *Órgão oficial do programa a voz do Brasil para Cristo, SP*. 1982.

REVISTA DE ANTROPOLOGIA. Publicação do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Volume 48, nº 2: São Paulo, junho-dezembro, 2005.

REVISTA USP. *Dossiê 80 anos de rádio*. Coordenadoria de comunicação social, Universidade de São Paulo. N. 56 (dez./jan./fev. 2002-2003) – São Paulo, SP: USP, 2003.

_____. *Televisão*. Coordenadoria de comunicação social, Universidade de São Paulo. N. 61 (mar./abr./mai. 2004) – São Paulo, SP: USP, 2004.

_____. *Religiosidade no Brasil*. Coordenadoria de comunicação social, Universidade de São Paulo. N. 67 (set./out./nov. 2005) – São Paulo, SP: USP, 2005.

Jornais:

CONCENTRAÇÃO evangélica transforma-se em política *Jornal O Estado De São Paulo*. São Paulo, 13 de outubro de 1982.

No Pacaembu evangélicos fazem reunião. *Jornal A Folha De São Paulo* São Paulo. 12 de outubro de 1982.

CULTO contra a idolatria virou comício do PDS _____ São Paulo, 13 de outubro de 1982.

Documentos:

Histórico da fundação da Igreja Evangélica Pentecostal o Brasil para Cristo. São Paulo.

Regimento interno da Convenção das Igrejas Pentecostais o Brasil para Cristo, 1986.

SÃO PAULO (Estado). Assembléia Legislativa. *Legislativo Paulista: Parlamentares, 1835-1999/* Auro Augusto Caliman (coordenador). 2ª ed. São Paulo: Imprensa Oficial, 1999.

192 p.

ANEXO

Cd contento gravação do programa “A voz do Brasil para Cristo” apresentado pelo Missionário Manoel de Mello e Silva, na Rádio Tupi de São Paulo.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)